



UFPB

**Universidade Federal da Paraíba
Centro de Comunicação, Turismo e Artes
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo**

SÉRGIO PAIVA MONTENEGRO

Livro-reportagem: Cinco atletas paralímpicos e suas histórias de vida

JOÃO PESSOA

2017

SÉRGIO PAIVA MONTENEGRO

Livro-reportagem: Cinco atletas paralímpicos e suas histórias de vida

Relatório de produto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (Mestrado Profissional) da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Joana Belarmino de Sousa

JOÃO PESSOA
2017

Catálogo na Publicação
Setor de Catalogação e Classificação

M772I Montenegro, Sergio Paiva.
 Livro-reportagem: Cinco atletas paralímpicos e suas histórias de vida / Sergio Paiva Montenegro. - João Pessoa, 2017.
 116 f. : il.

Orientadora: Joana Belarmino de Sousa.
Relatório (Mestrado) – UFPB/CCTA/PPJ

1. Jornalismo. 2. Livro-reportagem. 3. Paradesporto.
4. Paralimpíadas. 5. Atletas paraibanos. 6. Inclusão social.
I. Título.

UFPB/BC

CDU – 070(813.3)(043)

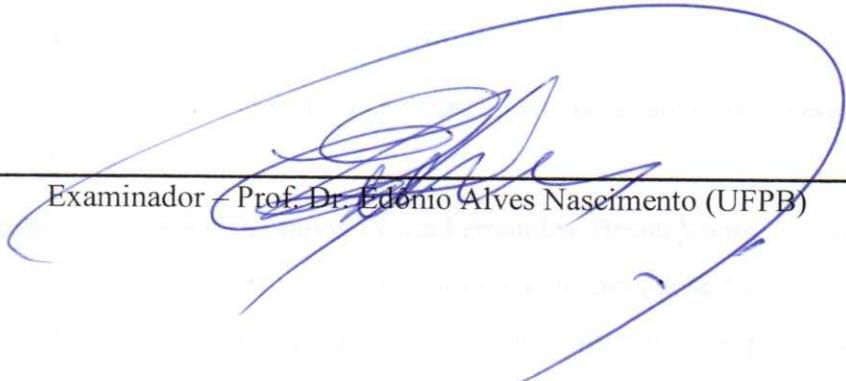
SÉRGIO PAIVA MONTENEGRO

O relatório intitulado LIVRO-REPORTAGEM: CINCO ATLETAS PARALÍMPICOS E SUAS HISTÓRIAS DE VIDA, orientado pela professora doutora Joana Belarmino de Sousa e apresentado no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) foi APROVADO pela banca examinadora.

JOANA B SOUSA

Orientadora – Prof^ª. Dr^ª. Joana Belarmino de Sousa (UFPB)

Examinadora – Prof. Dr^ª. Sandra Regina Moura (UFPB)



Examinador – Prof. Dr. Edônio Alves Nascimento (UFPB)

João Pessoa, 22/08/2017

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força e iluminação para essa caminhada.

A minha esposa que incentivou e apoiou desde o início dessa jornada, principalmente no final, quando estávamos com os nervos à flor da pele e precisamos de alguém ao lado que mantenha a calma para não perder o foco e pelo momentos em que pensava em desistir e ela como defensora e mestre em direitos humanos pela UFPB disse uma frase que me marcou e me estimulou: “se você sair, será uma voz a menos que fala em defesa das pessoas com deficiência.”

Aos meus pais, Valquíria e Onaldo Montenegro por acompanharem e vibrarem com a decisão de ingressar no mestrado.

Aos meus irmãos Fábio e Aline Montenegro, espelhos da importância do conhecimento para um crescimento intelectual.

À minha sogra Rita Porto, defensora da educação de qualidade e gratuita.

Ao meu sogro Walmar Porto por saber também a dificuldade para a conclusão de um livro.

A minha orientadora Joana Belarmino que, mesmo nos momentos difíceis, acalentava com doces palavras dizendo que tudo daria certo.

A todos os professores do Mestrado em Jornalismo pelas aulas, discussões e debates que engrandeceram a todos.

Aos amigos mestres e mestrandos Bruna Fernandes, Bruna Vieira, Camila, Costa Filho, Edileusa, Elvis, Emerson, Érika Bruna, Fábio, Giuliana Queiroz, José Neto, Kiara, Lila, Manu, Mayara, Newton, Rafael e Veronica pela força e incentivo durante esse percurso.

RESUMO

Considerando o paradesporto como um tema de grande relevância, entretanto pouco explorado e divulgado nos veículos de comunicação e meio acadêmico, este trabalho tem como objetivo produzir um livro-reportagem sobre atletas paraibanos que competiram nas Paralimpíadas Rio 2016, mostrando como iniciaram suas atividades no paradesporto, a história de vida, os preconceitos sofridos, as dificuldades por conta da deficiência para poder competir, assim como a participação e experiência durante os Jogos. Para a produção do livro-reportagem-perfil, o recurso privilegiado foi a realização de entrevistas com cinco atletas paraibanos, utilizando-se como critério principal de escolha o fato de residirem no estado da Paraíba. Coloca-se ainda como objetivo do estudo do trabalho o despertar da sociedade pela importância e respeito às pessoas com deficiência. O relatório, em seu desenvolvimento, envolve um panorama contextual do paradesporto no mundo, no Brasil e na Paraíba, apresenta ainda uma discussão sobre inclusão social e os dispositivos legais e fundamenta as estratégias adotadas, como: entrevista em profundidade, construção do livro-reportagem, abordando as discussões sobre jornalismo literário e perfis.

Palavras-chave: Paradesporto. Paralimpíadas. Livro-reportagem. Inclusão social.

ABSTRACT

Considering that Parasport is a subject of great relevance, however, little explored and publicized in the communication vehicles and academic environment, this work aims to produce a book-report on athletes from Paraíba who competed in Rio 2016 Paralympics, showing how they started their activities in parasport, their life history, the prejudices suffered, the difficulties due to the deficiency in order to compete, as well as the participation and experience during the games. For the production of this book, the privileged resource was to conduct interviews with five athletes from Paraíba, using as main criterion of choice the fact of residing in the state of Paraíba. The objective of this study is to awaken society by its importance and respect for people with disabilities. The report, in its development, involves a contextual panorama of parasport in the world, in Brazil and Paraíba, it also presents a discussion on social inclusion and legal devices and bases the strategies adopted as: in-depth interview, construction of book-report, addressing the discussions on literary journalism and profiles.

Key-words: Disability sports. Paralympics. Book-report. Social inclusion.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 PARADESPORTO: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO.....	10
2.1 EVOLUÇÃO DO PARADESPORTO NO MUNDO	10
2.2 PARADESPORTO NO BRASIL	11
2.3 PARADESPORTO NA PARAÍBA.....	14
2.3.1 Imprensa paraibana na divulgação do paradesporto.....	16
2.4 PARADESPORTO E A INCLUSÃO SOCIAL	18
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	22
3.1 LIVRO-REPORTAGEM.....	22
3.2 CLASSIFICAÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM.....	24
3.3 PERFIL JORNALÍSTICO	26
3.4 JORNALISMO LITERÁRIO	29
4 O LIVRO-REPORTAGEM E SEU PERCURSO METODOLÓGICO	33
4.1 ENTREVISTA COMO MÉTODO.....	33
4.2 ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE.....	35
4.3 DESCREVENDO AS ENTREVISTAS DOS PERSONAGENS	39
4.3.1 Processo Cícero Nobre	39
4.3.2 Processo Damião Ramos	40
4.3.3 Processo Petrúcio Ferreira	41
4.3.4 Processo José Roberto.....	41
4.3.5 Processo Marcos Felipe.....	41
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
ANEXOS	47
O PRODUTO	51

1 INTRODUÇÃO

O relatório ora apresentado à banca de defesa do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFPB traz os resultados da nossa produção, que buscou contribuições para o aprimoramento e conclusão bem-sucedida dos nossos esforços.

O produto final deste relatório, no Mestrado em Jornalismo Profissional pela UFPB, é um livro-reportagem sobre cinco atletas paraibanos que participaram das Paralímpias no Rio de Janeiro em setembro de 2016, cujo título é “Livro-reportagem: Cinco atletas paralímpicos e suas histórias de vida. Apesar da Paraíba estar representada nos Jogos Paralímpicos com nove atletas, este trabalho selecionou apenas cinco, levando em consideração os nascidos e que ainda moram no Estado.

A ideia surgiu por conta do trabalho na área esportiva como repórter e apresentador, além de estudar e escrever sobre um tema que possui pouca bibliografia, e, por isso, o produto final torna-se relevante numa área que não tem muita visibilidade e ainda encontra dificuldades para sua divulgação.

O produto cumpre, como objetivo principal, documentar a participação e a história de vida desses atletas que ainda lutam contra o preconceito por conta das suas deficiências.

Além disso, o trabalho se preocupa com a questão da inclusão social das pessoas com deficiência, que ainda necessitam de atenção por parte da sociedade civil e do governo, tanto na esfera municipal quanto na estadual e na federal, e demonstra a importância do esporte para que essa inclusão seja efetivada de forma mais abrangente.

O relatório apresentará um breve histórico do surgimento do paradesporto no mundo, no Brasil e na Paraíba. Entretanto, como a literatura ainda é escassa sobre o tema, principalmente em relação ao Estado, iremos nos basear nas declarações do professor Jailton Miranda, um dos precursores do paradesporto na Paraíba e que trabalha na área há trinta e nove anos.

Além do professor Jailton Miranda, o trabalho também se baseará nas declarações da professora Helena Holanda, que iniciou os trabalhos de atividade física e cultural com as pessoas com deficiência em 1975.

O nosso trabalho será fundamentado através dos contributos de autores como Edvaldo Pereira Lima e Sérgio Villas-Boas, que trabalham com os temas de livro-reportagem, perfis e jornalismo literário.

O instrumento privilegiado para a coleta dos dados foi a entrevista aprofundada, na qual cada entrevistado contou a sua história de vida, os preconceitos por conta da deficiência, o

surgimento do esporte em suas vidas, os desafios e a sua participação nas Paralimpíadas Rio 2016, relatando as suas impressões, ansiedades, angústias e o resultado final.

2 PARADESPORTO: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 EVOLUÇÃO DO PARADESPORTO NO MUNDO

Inicialmente, será importante definir os termos “paradesporto” e “paralímpico”. Fanali *apud* Araújo (1998, p. 17) explica a palavra “desporto” como:

(...) atividades específicas de emulação, na qual se valorizam intensamente as formas de praticar os exercícios físicos, para que o indivíduo ou um grupo chegue ao aperfeiçoamento das possibilidades morfofisiológicas e psíquicas, concretizando em recorde ou uma superação de si mesmo ou do concorrente. Podemos entender como sendo a prática sistematizada de uma atividade esportiva.

O prefixo “para” vem do grego *para* e significa paralelo; por isso os termos “paralímpico” e “paradesporto”, duas palavras que serão muito utilizadas no decorrer desta pesquisa.

A atividade paradesportiva começou no século XIX e no início do século XX, mas de forma isolada, voltada apenas para atletas surdos. Somente após a primeira metade do século XX, é que a prática se tornou mais crescente, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, tendo em vista que seria uma maneira daqueles que foram mutilados em combate obterem uma melhor qualidade de vida e, ao mesmo tempo, melhorarem a sua condição psicológica, após a difícil experiência de passar por uma guerra, segundo Mello e Winckler (2012, p. 3).

De acordo com Winnick *apud* Araújo (1998, p. 19), as primeiras pessoas com deficiência a entrarem na cena esportiva foram os surdos, no século XIX, nas escolas do Estado de Ohio (EUA), em 1870, com o beisebol, e no Estado de Illinois (EUA), em 1885, com o futebol. Em 1924, houve uma competição internacional em Paris, com nove nações, denominada Jogos do Silêncio.

Segundo Ricote *apud* Araújo (1998, p. 19), houve movimentos isolados da prática desportiva para pessoas com deficiência. Em 1918, na Alemanha, após a Primeira Guerra Mundial, mutilados buscaram o alívio dos horrores da guerra e do tédio das longas internações com a prática desportiva; entretanto esse movimento declinou com o passar do tempo.

O mesmo autor relata que em Glasgow, no Reino Unido, houve a formação de uma Associação de Jogadores de Golfe, amputados unilaterais de membros superiores, cujo trabalho não pôde prosseguir por conta de algumas restrições.

Por isso, considera-se como o período oficial em que começou o desenvolvimento do esporte paralímpico o ano de 1944, conforme relata Rocha e Scheid *apud* Mello e Winckler (2012, p. 35), quando o neurologista alemão Ludwig Guttman iniciou trabalhos de reabilitação

através do esporte para pessoas com lesões medulares que haviam retornado da Segunda Guerra Mundial, em Stoke Mandeville, na Inglaterra. A primeira competição começou no dia 29 de julho de 1948, denominada Stoke Mandeville Games, ocorrendo no mesmo dia em que começavam os Jogos Olímpicos de Londres.

Antes desses eventos, acima descritos, em 1946, nos Estados Unidos, já ocorriam os primeiros jogos de basquete em cadeiras de rodas, através de competições entre vários hospitais e associações de veteranos de guerra.

Já em 1952, ex-soldados holandeses se uniram para participar dos Jogos de *Stoke Mandeville*, fundando uma Federação Internacional, e assim começou o movimento ao redor do mundo, culminando com os primeiros Jogos Paralímpicos de Verão em Roma, na Itália em 1960, sendo utilizado o mesmo espaço dos Jogos Olímpicos, com 400 atletas de 23 países. As modalidades disputadas foram Sinuca, Esgrima, Atletismo, Basquete em cadeira de rodas, Dardo, Natação, Tênis de Mesa, Tiro com Arco e Pentatlo, que era a combinação de cinco modalidades: Tiro com Arco, Natação, Arremesso de Peso, Dardo e Lançamento de *Club*¹.

Apenas em 1988, conforme relata Bailey *apud* Mello e Winckler, os jogos passariam a ser chamados oficialmente de Jogos Paralímpicos. A competição foi realizada em Seul, logo após os Jogos Olímpicos de Verão, na mesma cidade, com a participação de 61 países e 3.013 atletas. Desde então, o evento acontece após as olimpíadas e na mesma cidade sede.

2.2 PARADESPORTO NO BRASIL

No Brasil, pode-se falar, segundo Mello e Winckler (2012, p. 9), que o início do paradesporto possui uma relação com o retorno de duas pessoas dos Estados Unidos que foram buscar terapias para reabilitação de suas lesões medulares. No Rio de Janeiro, no dia 1º de abril de 1958, Robson Sampaio de Almeida, assim que retorna de seu tratamento, faz uma parceria com Aldo Miccolis e funda o Clube do Otimismo. Já na cidade de São Paulo, no dia 28 de julho, Sérgio Seraphin Del Grande criou o Clube dos Paraplégicos de São Paulo. A data de escolha foi em homenagem aos dez anos dos Jogos de Stoke Mandeville.

Os jogos de basquete em cadeiras de rodas entre paulistas e cariocas foi um evento marcante nesse período inicial do paradesporto. Porém, a primeira vez em que o Brasil competiu internacionalmente foi em Buenos Aires, na Argentina, nos II Jogos Para-panamericanos, em

¹ Lançamento de *Club* é uma prova do atletismo em que o atleta lança um objeto semelhante a maçãs da Ginástica Rítmica e a pinos de boliche.

1969; e, nas paralimpíadas, foi em 1972, nos Jogos de Heidelberg, na Alemanha, com uma delegação formada por apenas dez atletas.

Em 1978, o Brasil sediou a quinta edição dos Jogos Panamericanos no Rio de Janeiro e, nos Jogos Paralímpicos de 1984, houve um marco para o país, pois, pela primeira vez, a delegação brasileira foi dividida em diferentes grupos de deficiência, como os de atletas com deficiência visual, amputados, cadeirantes e paralisados cerebrais.

Apenas em 1995 foi fundado o Comitê Paralímpico Brasileiro, em Niterói, Rio de Janeiro, e foi a partir desse período que teve início uma maior divulgação do paradesporto no país, levando o Brasil a aumentar o número de praticantes e conseqüentemente a participação em eventos mundiais.

Muitas vezes, vemos nos veículos de comunicação alguns jornalistas utilizando o termo paraolímpico, por isso, na sua obra *Esporte Paralímpico* Mello e Winckler (2012, p. 9) explicam que:

(...) em 2011 houve uma mudança na terminologia do movimento, a palavra paraolímpica foi substituída por paralímpica. A letra “o” foi suprimida para adequar a terminologia usada em todos os países de língua portuguesa e padronizar mundialmente a escrita, já que nas línguas inglesa, espanhola e outras o “o” da palavra olímpico é substituído pelo prefixo “para”.

Nas Paralimpíadas Rio 2016, o Brasil contou com a participação de 278 atletas nas 22 modalidades, sendo 181 homens e 97 mulheres.

Apesar de ser um grande evento, o Jogos Paralímpicos não possuem o devido espaço na mídia em geral, ocasionando como consequência a pouca procura por parte dos brasileiros pelos ingressos das Paralimpíadas, conforme reportagem da Agência Brasil (anexo) do dia 19 de agosto de 2016, a menos de um mês do início dos Jogos, em que a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro admite prejuízo nas vendas das entradas: “(...) como a gente ia saber que o povo não ia comprar o ingresso?”, criticou o Prefeito Eduardo Paes à época.

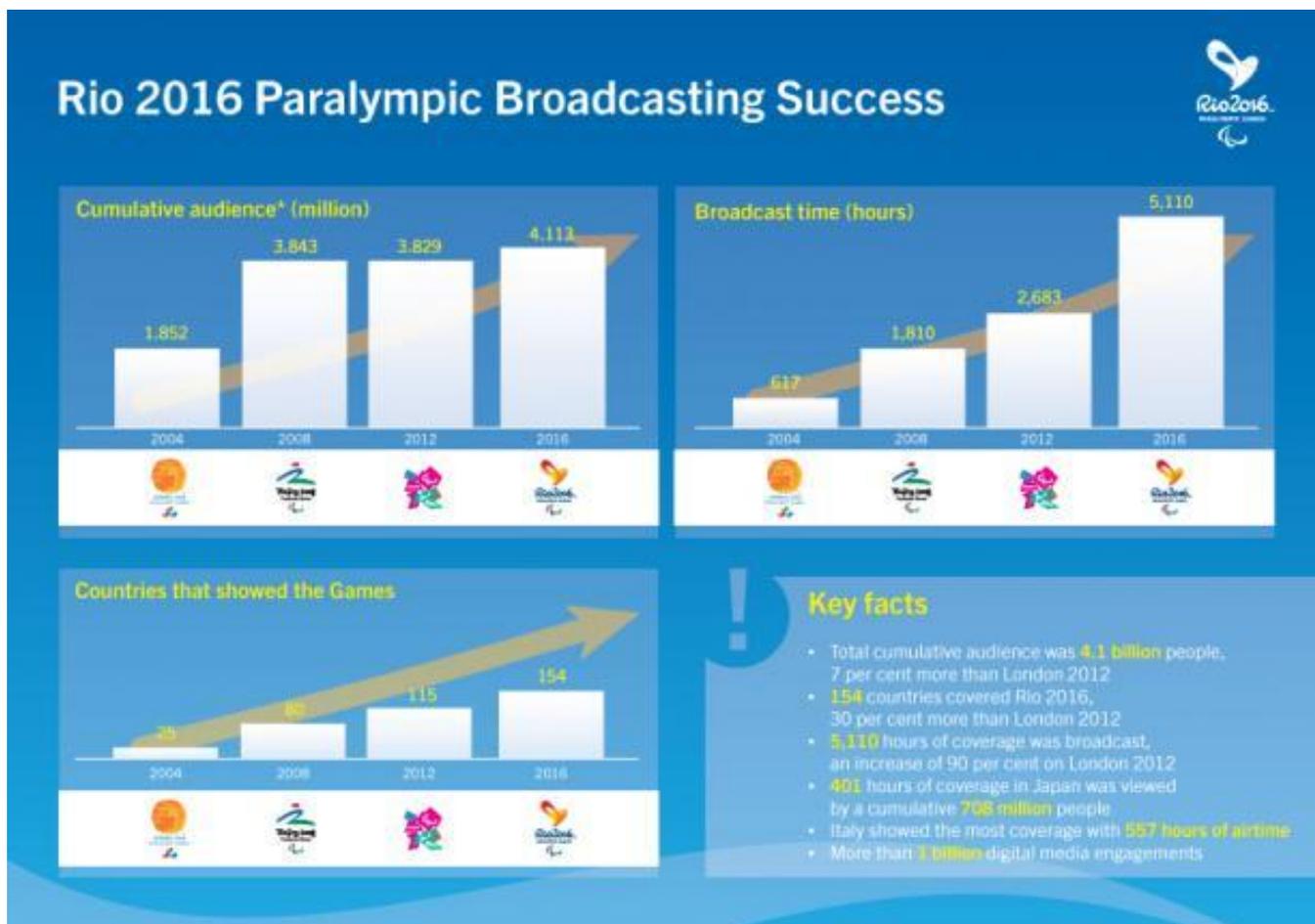
Foi preciso baixar o preço para R\$ 10,00 (dez reais) em algumas modalidades para tentar vender os 2,5 milhões de ingressos colocados à venda. Inclusive, os espectadores poderiam adquirir até 18 ingressos na hora, o que não poderia ocorrer durante os Jogos Olímpicos. De qualquer forma, até o dia 18 de agosto, foram vendidos 800 mil ingressos, segundo reportagem do Lance (anexo).

Perto do término do evento, o diretor comercial das Paralimpíadas, Reinaldo Ciuchini, informou que foram vendidos 1,9 milhões de ingressos no total, tendo uma maior procura as

modalidades de Basquete em cadeiras de rodas, Rugby, Natação e Atletismo, conforme matéria do G1 no dia 12 de setembro de 2016 (anexo), quatro dias antes do final dos jogos.

Em contato, através de correio eletrônico, com a assessoria de imprensa do Comitê Paralímpico Brasileiro, realizado no dia 23 de maio de 2017, através do assessor Tiago Rizério, fomos informados que foram vendidos 2,1 milhões de ingressos durante os jogos. Além disso, houve quebra do recorde mundial em visualizações, comparando com os jogos em Londres (2012), Pequim (2008) e Atenas (2004), conforme gráfico abaixo:

Gráfico 1 – The Games reached a cumulative TV audience of more than 4.1 billion people in more than 150 countries



Fonte: Paralympic (2017)

O gráfico² demonstra um aumento na audiência mundial, elevando para um número de pouco mais de 4 bilhões de pessoas em relação aos jogos de Londres, Pequim e Atenas, sendo que é uma audiência cumulativa, ou seja, uma mesma pessoa pode ter assistido mais de uma vez eventos transmitidos pelos Jogos, o que é uma diferença muito grande, se compararmos com a quantidade de pessoas que assistiram aos Jogos Olímpicos Rio 2016, que chegou a 3 bilhões de pessoas³.

Nos Jogos Olímpicos, existem 42 modalidades esportivas. Já nos paralímpicos, esse número cai para 24: Atletismo, Basquete em Cadeiras de Rodas, Bocha, Ciclismo, Esgrima em Cadeira de Rodas, Futebol de Cinco, Futebol de Sete, *Goalball*, Halterofilismo, Hipismo, Judô, Natação, Paracanoagem, Tênis em Cadeira de Rodas, Tênis de Mesa, Tiro Esportivo, Tiro com Arco, Voleibol Sentado, Remo, Vela, Rugby em Cadeira de Rodas e Triatlo.

2.3 PARADESPORTO NA PARAÍBA

Este capítulo foi escrito a partir de entrevistas realizadas com os professores Helena Holanda, Jailton Miranda e Dailton Freitas, tendo em vista a escassez de referências bibliográficas referentes ao início do paradesporto no estado da Paraíba. Mostraremos o início das modalidades de atletismo, futebol de 5 e *goalball*, por serem as modalidades praticadas pelos atletas cujas histórias de vida serão relatadas no produto final deste trabalho.

Em 1972, Helena Holanda⁴ era uma estudante de medicina, quando foi trabalhar de forma voluntária no Instituto dos Cegos de João Pessoa, realizando atividades de recreação, cultura e arte com os cegos.

No dia 15 de novembro de 1972, aconteceu a Corrida de Rua da República, organizada pelo Colégio Santa Júlia. Helena resolveu inscrever quatro dos seus alunos para participar da competição: Damião, Jesuíno e os irmãos Lucas e Antônio Amador.

Para poder competir, os atletas se guiavam pelo barulho do sapato da professora: “Cheguei cansada e com muitas dores nos pés, mas valeu a pena ao ver a alegria deles concluindo a prova”, disse Helena.

² Dados disponíveis no site: < <https://www.paralympic.org/news/rio-2016-paralympics-smash-all-tv-viewing-records>> Acesso em 09 jul 2017.

³ Dados disponíveis no site: < <http://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/audiencia-da-rio-2016-metade-da-populacao-mundial-acompanhou-olimpiada.html>> Acesso em 09 jul 2017

⁴ Entrevista concedida ao Relatório de produto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (Mestrado Profissional) da Universidade Federal da Paraíba

O trabalho realizado com os cegos motivou a professora, que resolveu deixar o sonho de ser médica para ingressar na faculdade de Educação Física e assim trabalhar com mais eficiência o treinamento das pessoas com deficiência.

Em maio de 1973, o Colégio Liceu Paraibano realizou a 1ª Corrida de Rua do Dia do Trabalho. Dessa vez, Helena utilizou um cadarço de tênis para puxar os atletas e assim eles poderem correr com mais rapidez.

O trabalho com os cegos começou a crescer e aumentar o número de frequentadores e, em 1974, Helena Holanda viajou como técnica da equipe de futebol de salão para portadores de deficiência visual⁵ para participar do Brasileiro da modalidade.

Já em 1978, o Professor Jailton Lucas de Miranda, na época estudante de Educação Física, recebeu um convite da professora Helena Holanda para ajudá-la nas atividades esportivas no Instituto dos Cegos, em João Pessoa, promovendo a inclusão social através do esporte.

Em relação à primeira modalidade praticada em forma de alto rendimento aqui no Estado, o professor Jailton Miranda⁶ relembra: “Foi futebol de 5, depois trabalhamos atletismo e natação”. Nessa época, ele se dedicava ao atletismo e ao futebol de 5, e Helena Holanda, à natação.

Em 1984, Helena Holanda deixou o Instituto dos Cegos para ser uma das fundadoras da FUNAD (Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência). Hoje ela é vereadora pelo município de João Pessoa.

Jailton continuou o trabalho com o paradesporto no Instituto do Cegos de João Pessoa e, por ser atleta de atletismo, ele observava quando surgiam talentos para ingressar na modalidade. Um dos primeiros grandes atletas que surgiram no Estado foi Fernando Alves Felipe, o primeiro cego na categoria T11⁷ a se destacar como velocista no Brasil na prova dos 100m rasos no final da década de 90 do século passado. Ele era treinado por Janeide Câmara e depois por Pedro Almeida. Jailton se tornaria também atleta guia⁸ de Fernando.

⁵ Antiga denominação da modalidade, o nome atual é futebol de 5

⁶ Entrevista concedida ao Relatório de produto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (Mestrado Profissional) da Universidade Federal da Paraíba

⁷ O “T” significa *Track*, pista em inglês, e 11 são atletas com cegueira que não apresentam percepção luminosa ou aqueles que têm a capacidade de perceber uma fonte luminosa. WINCKLER (2012, p. 69)

⁸ “Atleta guia pode correr ao lado do atleta cego, usar uma corda que ligue as mãos de ambos ou simplesmente os ligue. O atleta guia nunca poderá se afastar mais de 50 centímetros do atleta que está sendo guiado, tão pouco puxá-lo, empurrá-lo ou projetá-lo. Talvez o ponto mais importante do comportamento do atleta e seu guia é que a regra os considera um” (WINCKLER, 2012, p. 69).

O trabalho iniciado por Helena Holanda e Jailton Miranda já trazia muitos resultados, principalmente com o surgimento de novos técnicos e atletas que se dedicavam ao paradesporto.

Em 1998, Jailton deixou o futebol de 5 e passou a se dedicar ao basquete em cadeira de rodas, que já existia no Estado em forma de recreação, com o professor Fábio Dias. No mesmo ano, filiou a Paraíba na Confederação Brasileira da modalidade, tornando a sua equipe a primeira da Paraíba filiada.

Em relação ao *goalball*, foi o professor Dailton Freitas⁹ que trouxe para a Paraíba em 1994. Ele era formado em Educação Física e estava trabalhando no Instituto dos Cegos de João Pessoa. “A modalidade veio numa folha de papel”, disse Dailton.

Ele estava como técnico de futebol de 5 em um Campeonato Brasileiro e uma professora gaúcha perguntou se ele conhecia a modalidade. Como a resposta foi negativa, ela explicou num pedaço de papel. Dailton se entusiasmou e resolveu implantar o *goalball* em João Pessoa.

Como não havia bola oficial, ele pediu a um amigo, que fazia chuteiras e bolas, para confeccionar uma, inclusive com os guizos, que fazem o barulho dentro para que o cego possa ter a noção de onde ela está.

Em 1995, Dailton viajou para Belo Horizonte com a primeira equipe da modalidade para participar do Campeonato Brasileiro. A Paraíba hoje é o estado que mais tem títulos nacionais, tanto no masculino como no feminino. Atualmente, Dailton Freitas é técnico da seleção brasileira feminina da modalidade.

Hoje a Paraíba possui grandes atletas que conquistaram títulos brasileiros, mundiais e paralímpicos em diversas modalidades como o atletismo, *goalball*, futebol de cinco, natação, entre outros.

Sendo que, apesar de todo esse crescimento, existe muito ainda para se fazer. Um dos processos que ajudam no surgimento de novos atletas para as modalidades é a divulgação, principalmente nas mídias em geral.

Devido à importância de um evento como as Paralimpíadas, resolvemos pesquisar como foi a divulgação dos atletas paraibanos na mídia televisiva no Estado da Paraíba.

2.3.1 Imprensa paraibana na divulgação do paradesporto

⁹ Entrevista concedida ao Relatório de produto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (Mestrado Profissional) da Universidade Federal da Paraíba

Nossas impressões sobre a cobertura das Paralimpíadas pela imprensa local revelam que a mesma ainda foi um tanto limitada. Entrevistamos os editores dos principais jornais esportivos televisivos do Estado: Amauri Aquino, do Correio Esporte, da TV Correio, afiliada da RecordTV; Eduardo Henrique, do Tambaú Esporte, da TV Tambaú, afiliada do SBT; Expedito Madruga, do Globo Esporte, da TV Cabo Branco, afiliada da Rede Globo; e Wellington Fernandes, do Jogo Aberto, da TV Manaíra, afiliada da Band.

De acordo com os quatro editores, todos os dias durante os jogos foram dadas notícias sobre os resultados dos paraibanos. Amauri Aquino afirmou que conseguiu fazer alguma divulgação, dentro da capacidade da emissora, tendo em vista que a RecordTV não possuía os direitos de imagem das Paralimpíadas. Ele conclui dizendo que: “pegamos imagens disponíveis pela emissora superior (a RecordTV) e pedimos aos próprios atletas paraibanos que fizessem alguma imagem para suprir a nossa carência”.

Eduardo Henrique falou que eles fizeram algumas matérias antes dos jogos, mas durante as paralimpíadas não tinha como mandar a equipe, mas “sempre colocava uma nota, uma nota coberta, mostrava alguma foto e tentava contato com o atleta”. Após o retorno dos competidores dos Jogos, a equipe realizava algumas matérias para eles fizessem uma avaliação da participação deles”.

Já Expedito Madruga informou que procurou sim mostrar a participação dos paraibanos, apesar de que, muitas vezes, ficava limitado à utilização das imagens da cobertura do SporTV, que é uma parceira das afiliadas, entretanto, nem sempre tinha as imagens de todos os paraibanos. Expedito ainda chamou atenção ao lembrar que durante as Olimpíadas todos os campeonatos de futebol foram paralisados e retornaram após o término dos Jogos; com isso, o foco estava nos Jogos Olímpicos. Porém, durante as Paralimpíadas, o jornalismo esportivo local se dividia também em divulgar o andamento do Campeonato Brasileiro da Série C, fazendo com que o espaço do programa ficasse menor.

Wellington Fernandes salientou que eles fizeram uma prévia das Paralimpíadas com algumas matérias com atletas que estavam participando dos Jogos e concluiu: “Todos os dias, a gente falava e apresentava uma série de reportagens e noticiava os jogos também, além de trazer o resultado de cada paraibano diariamente até o encerramento do evento”.

Percebe-se que todos os canais locais de esporte procuraram divulgar a participação dos atletas paraibanos nas Paralimpíadas, sendo que alguns tinham as limitações de imagens, mostrando, muitas vezes, apenas a foto ou divulgação de imagem encaminhada pelo próprio atleta. Vale salientar também que nem tudo foi reproduzido pelas emissoras, e que, mesmo com os direitos de imagens, algumas vezes, o canal ficava sem mostrar a atuação de alguns atletas.

Os entrevistados comentaram a necessidade ainda da própria sociedade de ter um maior interesse pelo paradesporto. Amauri Aquino afirma que as matérias do paradesporto para alguns leigos podem parecer apenas uma reportagem social de pessoas que estão passando necessidade: “Mas não é isso. São atletas de ponta, que podem até ter vindo de famílias carentes, sofrem com o preconceito, com o problema de transporte público, mas são desportistas como qualquer outro atleta de alto nível no futebol ou natação; não tem diferença”, conclui o editor do Correio Esporte.

Já Eduardo Henrique constata que é importante a divulgação do paradesporto: “Além da questão social, existe o fator da inclusão, pois alguns perdem um membro em acidentes e buscam através do esporte a sua reabilitação e vontade de viver, e a divulgação acaba estimulando outras pessoas deficientes à sua prática”, arremata o editor da TV Tambaú.

O editor do Globo Esporte, Expedito Madruga, afirma que ainda existem pessoas que acham o atleta do paradesporto “coitadinho”, mas a grande verdade é que “são atletas com todo um programa de treinamento e, se ocorre a matéria, ele está ali por merecimento e por se destacar na respectiva modalidade, e as reportagens acabam mostrando para a sociedade a importância deles no esporte”.

Já Wellington Fernandes acrescenta que as reportagens ajudam a quebrar o preconceito, pois são atletas que possuem histórias bacanas. “São personagens que mostram uma vivência voltada para o esporte e nós gostamos de levar isso ao nosso público em geral”, finaliza o editor do Tambaú Esporte.

Nota-se que realmente existe uma preocupação dos editores de programas esportivos locais em se divulgar o paradesporto, e que, na medida do possível, mostra-se os nossos atletas em competições importantes. Entretanto, ainda há muito o que melhorar e trazer mais informação sobre o cotidiano de cada um, sendo que temos percepção que, em nossa sociedade, ainda há uma tendência a divulgação muito maior do futebol do que de outras modalidades, o que deixa um pouco, pelo menos por enquanto, o paradesporto em segundo plano, à espera de mundiais da modalidade e paralimpíadas para que se tenha alguma divulgação.

2.4 PARADESPORTO E A INCLUSÃO SOCIAL

O preconceito da sociedade para com as pessoas com deficiência ainda é muito latente, por isso há muito o que melhorar. Nas próprias entrevistas que fizemos com os atletas, esse foi um dos pontos a ser tratado. Muitas vezes, isso ocorre não apenas em ambiente de trabalho ou

em locais públicos, mas no próprio ambiente familiar, por isso a importância de conscientizar a população em relação ao tema.

Foi com a preocupação do preconceito para com as pessoas com deficiência que, no dia 07 de junho de 1999, ocorreu uma Assembleia Geral da OEA (Organização dos Estados Americanos), na Cidade da Guatemala, na Guatemala. Na época, foi chamada de Convenção Interamericana para Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência, conforme Ramos (2016, p. 290).

O Brasil assinou essa Convenção no dia seguinte, e o Congresso Nacional aprovou, através do Decreto Legislativo nº 198, de 13 de junho de 2001, e ratificou, no dia 15 de agosto de 2001, entrando em vigência no dia 14 de setembro do mesmo ano e sendo promulgado, através do Decreto nº 3.956, de 08 de outubro de 2001.

Importante salientar que, apenas em 2006, através de uma Convenção da ONU, a expressão “portador de deficiência” foi alterada para “pessoa com deficiência”, termo utilizado atualmente, segundo Ramos (2016, p. 290).

A jornalista Maria Isabel da Silva afirma que a alteração¹⁰ ocorreu tendo em vista que o termo “portadores” remete a algo temporário, como portar um talão de cheque ou mesmo um documento, e “chamar alguém de portador de deficiência, percebe-se que esse termo passa a ser a marca principal da pessoa e alterando para pessoas com deficiência, fica claro que a pessoa com deficiência antes de ter deficiência é, acima de tudo e simplesmente: pessoa”, (SILVA, 2017) conclui, deixando assim, um termo mais humanizado.

Um dos principais objetivos da Convenção foi “prevenir e eliminar todas as formas de discriminação contra as pessoas com deficiência e propiciar sua plena integração à sociedade”. No preâmbulo, a Convenção determina que “as pessoas com deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que outras pessoas, os quais emanam da dignidade e igualdade inerentes a todo ser humano, possuindo assim o direito de não serem submetidas à discriminação com base na deficiência”.

A Convenção ainda define deficiência e discriminação como:

- Deficiência: uma restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória; que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico social.
- Discriminação: Toda diferenciação, exclusão ou restrição baseada em deficiência, antecedente de deficiência, consequência de deficiência anterior ou percepção de deficiência presente ou passada, que tenha o efeito ou propósito de impedir ou anular o reconhecimento, gozo ou exercício por parte das pessoas com deficiência de seus direitos humanos e suas liberdades fundamentais. Não constitui discriminação a diferenciação ou preferência adotada pelo Estado para promover

¹⁰ Dados disponíveis no site: < <https://www.selursocial.org.br/porque.html> > Acesso em 11 maio 2017.

a integração social ou o desenvolvimento pessoal dessas pessoas, desde que a diferenciação ou preferência não limite em si mesma o seu direito à igualdade e que as pessoas com deficiência não sejam obrigadas a aceitar tal diferenciação ou preferência. Ademais, também não constituirá discriminação a previsão, pela legislação interna, de declaração de interdição, quando for necessária e apropriada para o bem-estar da pessoa com deficiência. RAMOS (2016, p.292)

Além dos tratados internacionais, a Constituição Brasileira de 1988 incluiu alguns dispositivos para as pessoas com deficiência:

Art.23, II – é de competência comum da União, Estados, Distrito Federal e Municípios, “cuidar da saúde e assistência pública, da proteção e garantia das pessoas portadoras de deficiência”¹¹

Art. 37, VIII – dispõe que “a lei reservará percentual dos cargos e empregos públicos para as pessoas portadoras de deficiência e definirá os critérios de sua admissão”

Art. 7º, XXXI proíbe “qualquer discriminação no tocante a salário e critérios de admissão do trabalhador portador de deficiência”

Apesar de surgirem tratados e leis em relação à pessoa com deficiência, o cotidiano dessas pessoas não corresponde ao que determina as leis, até porque mais importantes que dispositivos legais são a consciência de cada cidadão, a sensibilidade e a humanização no relacionamento com as pessoas com deficiência.

Por isso, é importante a inclusão através do esporte, com intuito de promover essas pessoas à prática esportiva; entretanto, ainda são poucos os municípios que se utilizam desses programas.

Pedrinelli e Nabeiro *apud* Mello e Winckler (2012, p. 21) afirmam que o esporte por meio de inclusão promove uma aceitação social, havendo uma construção social da deficiência, sendo que, para isso, são necessários apoio e intervenção, garantindo para essas pessoas o fortalecimento pessoal e social. Com isso, teremos o “ser diferente” (o atleta) e o “aceitar o diferente” (espectador apreciador do esporte), que acabam sendo peças fundamentais para ocorrerem tanto o reconhecimento como a valorização da pessoa com deficiência, que passa a assumir uma atividade na sociedade onde vive.

A própria relação entre as pessoas com e sem deficiência na prática esportiva vai gerar um conhecimento e uma compreensão mútua e, com isso, haverá a descoberta e o respeito, assim como o talento e as limitações de cada um. O aprendizado de cada um, em relação às diferenças, acaba valorizando a prática esportiva e faz com que a diversidade se transforme em ferramentas que fomentam a inclusão.

¹¹ O termo “portadores de deficiência” foi alterado apenas em 2006 para “pessoas com deficiência”, mas a lei é anterior a esta data e ainda não foi alterada.

Além disso, um programa de governo ou o incentivo à prática esportiva em escolas e universidades pode fazer com que surjam atletas que um dia possam vir a representar sua cidade, seu estado e até mesmo sua nação, transformando o cidadão em atleta paralímpico.

Houve alguns avanços recentes em relação ao esporte paralímpico. Há apenas dez anos desde que foi sancionada, a Lei nº 11.438, de 29 de dezembro de 2007 (BRASIL, 2006), trata dos benefícios e incentivos para fomentar as atividades de caráter desportivo, conforme artigo 1º da referida lei e já com uma nova redação realizada em 2015¹²:

Art. 1º A partir do ano-calendário de 2007 e até o ano-calendário de 2022, inclusive, poderão ser deduzidos do imposto de renda devido, apurado na Declaração de Ajuste Anual pelas pessoas físicas ou em cada período de apuração, trimestral ou anual, pela pessoa jurídica tributada com base no lucro real os valores despendidos a título de patrocínio ou doação, no apoio direto a projetos desportivos e paradesportivos previamente aprovados pelo Ministério do Esporte. [\(Redação dada pela Lei nº 13.155, de 2015\)](#) (BRASIL, 2006).

Desde o surgimento dessa lei, o número de projetos vem crescendo consideravelmente e sendo submetido ao Ministério do Esporte, o que vem favorecendo a oferta diversificada de opções e, concomitantemente, a adesão ao paradesporto, conforme Pedrinelli e Nabeiro *apud* Mello e Winckler (2012, p. 24).

A inclusão social através do esporte pode beneficiar um número muito grande de pessoas com deficiência, tendo em vista que no Brasil, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010, existem cerca de 45 milhões de pessoas que apresentam algum tipo de deficiência, seja ela visual, auditiva, motora e mental ou intelectual, o que corresponde a 23,9 % da população.

Na Paraíba, o número ultrapassa um milhão de pessoas, sendo 27,76 % da população. Observamos que o percentual é muito alto, por isso a necessidade de uma maior atenção a essas pessoas.

¹² Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111438.htm> Acesso em 30 agos 2016

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O capítulo tem por objetivo apresentar as contribuições com as quais trabalhamos, envolvendo as definições sobre livro-reportagem, perfis e jornalismo literário. Contribuíram com essa fundamentação os estudos de Edvaldo Pereira Lima e Sérgio Vilas-Boas.

3.1 LIVRO-REPORTAGEM

O livro-reportagem vem crescendo muito no mercado cultural brasileiro, pois combina elementos do jornalismo e da literatura e, assim, vem conquistando espaço no mercado editorial e, conseqüentemente, atraindo público, autores e editoras interessadas na produção aqui no Brasil, destacando-se obras biográficas, conforme Lima (2009, p. XIII).

Concomitantemente, cresce também o jornalismo literário realizado tanto em periódicos quanto em formato de livros. Como exemplo, podemos citar o livro-reportagem “O Nascimento de Joyci”, escrito por Fabiana Andrade, em formato de matéria jornalística no Jornal do Comércio em Recife, que ganhou o Prêmio Esso, sendo transformado logo depois em livro-reportagem.

Em seu livro *Páginas Ampliadas*, Lima (2009, p.26) define livro-reportagem como:

Um veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos - quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores.

Enquanto Belo, na sua obra *Livro-reportagem* (2016, p. 41), conceitua-o como:

Um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos. É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa, também, a mídia mais rica – com a exceção possível do documentário audiovisual – em possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção da narrativa.

Percebe-se que o livro-reportagem assume um caráter de profundidade em relação ao tema abordado, fato que não ocorreria nos meios de comunicação com os quais nos relacionamos no nosso cotidiano, como jornais, revistas e TVs. O livro-reportagem aborda o tema e a notícia com mais riquezas de informação, detalhes e uma pesquisa mais aprofundada.

Para distinguir o livro-reportagem de outras publicações, Lima (2009, p. 27) apresenta três condições: 1) em relação ao *conteúdo*, cujo objeto de abordagem está relacionado ao real e ao factual, sendo importante a veracidade e a verossimilhança, observando que o real está de acordo com uma situação social já definida, a uma situação mais ou menos perene, uma questão, ou a uma ideia vigente, mostrando um fato que pode não corresponder a um acontecimento central; 2) outra condição é em relação ao *tratamento*: nesse caso, envolve a linguagem, a montagem e a edição do texto, que deve ser apresentado de maneira jornalística, mostrando quase sempre uma narrativa em terceira pessoa com precisão, exatidão, clareza e concisão, podendo utilizar recursos das grandes reportagens em periódicos como da fotografia ao mapa, do diagrama ao cartum; 3) por último, a condição de *função*, que, assim como as finalidades jornalísticas, tem como objetivo a informação, a orientação e a explicação, trabalhando de forma extensiva com horizontalização de dados e fatos.

Com isso, ainda segundo Lima (2009, p. 33), o livro-reportagem acaba instigando o jornalista a dizer algo com mais profundidade, o que não ocorre nos periódicos diários, por conta da quantidade de pautas e do pouco tempo para realizar um trabalho melhor apurado e pesquisado. Além disso, o jornalista utiliza todo o seu potencial de construtor de narrativas da realidade, usando recursos da literatura, do cinema e com mais sensibilidade.

Outros fatores levam alguns jornalistas a optarem também pelo livro-reportagem: são a vibração, a inspiração e a criatividade que, na média do dia a dia das redações, não ocorre devido às limitações técnicas ou circunstâncias, afirma Belo (2016, p. 36).

O desafio está em recheiar o produto com tantos atrativos que o tornem excitantes também para o público, não só para o autor". (...) No livro, o texto ganha contorno amplos: permite uma concepção mais literária, dá margem a diferentes construções, quase sempre impraticáveis em um jornal ou revista. (BELO, 2016, p. 119).

O autor ainda esclarece sobre a função básica do livro-reportagem:

(...) é informar com profundidade. Para que o leitor se sinta impelido à leitura, o texto tem de atraí-lo. O que em geral chama a atenção e prende o leitor à narrativa é a emoção. (...) o que passa emoção é o modo de contar, não os adjetivos que o escritor emprega. (BELO, 2016, p. 120)

Algumas condições são necessárias para a reportagem obter um *status* de livro, conforme mostra Belo (2016, p. 42), em que não há um imediatismo na reportagem, e isso faz com que se abra um espaço para uma abordagem mais criativa, detalhista e original, adotando temas como biografias, perfis, memórias e acontecimentos históricos, além de muitos outros fatores que outros veículos não poderiam oferecer ao receptor da mensagem.

Podemos acrescentar também que um livro-reportagem necessita de informação com o objetivo de ultrapassar as barreiras do imediato e do superficial, fazendo com que o interesse continue por muito tempo, relata Belo (2016, p. 42).

Além disso, o livro-reportagem exige mais detalhamento, assim como profundidade e contextualização, que outros veículos não podem oferecer, principalmente os diários, por conta da quantidade de pautas, fazendo com que o jornalista não consiga se aprofundar no tema em que está escrevendo.

Outro aspecto importante relatar é que um dos recursos de captação utilizado pelo livro-reportagem é o de histórias de vida, declara Lima (2009, p. 114), geralmente surgindo em forma de entrevista com aparições de diálogos entre entrevistador e entrevistado, ou como depoimento direto, ou ainda numa mescla em que se combinam essas modalidades de apresentação com narrativa em primeira ou terceira pessoa.

Em nosso livro-reportagem, utilizamos nas histórias de vida contadas, inclusive com a participação dos atletas nas parolímpíadas, alguns dos conceitos apresentados pelos autores, como a narrativa em terceira pessoa, o diálogo entre entrevistador e entrevistado, procurando usar nos perfis a criatividade, além de uma linguagem que não é usada em periódicos diários, com o intuito de criar um maior interesse do leitor com a profundidade do tema construído.

3.2 CLASSIFICAÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM

Existem diversos tipos de livros-reportagens, com os mais variados temas e assuntos, sejam eles atuais, do cotidiano, do passado e com narrativas diferenciadas. Por isso, Lima (2009, p. 51) propõe uma classificação baseada em dois critérios: “(...) o objetivo particular, específico, com que o livro desempenha narrativamente sua função de informar e orientar com profundidade, e a natureza do tema de que trata a obra”. Assim, o autor classificou os seguintes grupos de livros-reportagens: livro-reportagem-depoimento, livro-reportagem-retrato, livro-reportagem-ciência, livro-reportagem-ambiente, livro-reportagem-história, livro-reportagem-nova consciência, livro-reportagem-instantâneo, livro-reportagem-atualidade, livro-reportagem-antologia, livro-reportagem-denúncia, livro-reportagem-ensaio, livro-reportagem-viagem e livro-reportagem-perfil.

O livro-reportagem-depoimento mostra um fato pela ótica de um participante envolvido com o acontecimento ou uma testemunha privilegiada, podendo ser escrito por um deles, com a assistência de um jornalista ou por um profissional que junta os depoimentos e faz o livro. Importante ressaltar que é uma narrativa movimentada, falando dos bastidores e com clímax.

O livro-reportagem-retrato foca numa região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade econômica, mostrando o retrato do assunto determinado, assim como os mecanismos de funcionamento, os problemas e as complexidades; geralmente há o interesse de prestar um serviço educativo ou explicativo.

O livro-reportagem-ciência serve para mostrar algo científico sobre um determinado tema, apresentando também um caráter de crítica ou reflexão.

Quem também pode ter um caráter crítico é o livro-reportagem-ambiente, pois relaciona-se às causas ecológicas, tendo uma postura combativa ou mesmo de conscientização da harmonia na relação do homem com a natureza.

Para falar de um tema de um passado recente ou mais distante, utiliza-se o livro-reportagem-história, procurando sempre se conectar com o presente para que haja um elo com o leitor atual, podendo surgir de uma atualização artificial de um fato passado ou por outro motivo.

Quando o tema é novas correntes comportamentais, sociais, culturais, econômicas e religiosas, que vão aparecendo no mundo, principalmente após os anos 60 do século passado, opta-se por escrever um livro-reportagem-nova consciência.

Já o livro-reportagem-instantâneo relata um fato recém-concluído, cujo final já pode ser identificado, focando no núcleo do tema, podendo acrescentar mais fatos no futuro. Saliente-se que instantâneo não quer dizer superficial, mas veloz no sentido de imediato.

O livro-reportagem-atualidade também lida com um tema atual, assim como o acima descrito; entretanto, existe uma diferença entre eles, que é a seleção de temas atuais, mas que tenha uma perenidade maior no tempo e os desdobramentos finais ainda não são conhecidos, permitindo ao leitor entender com mais amplitude o início do fato relatado no livro.

No momento em que um livro agrupa reportagens que saem na imprensa ou em qualquer outro tipo de publicação, temos o livro-reportagem-antologia, que pode ser sobre diferentes temas de um mesmo profissional ou de vários profissionais sobre um tema em comum.

O livro-reportagem-denúncia tem o objetivo de investigação e, geralmente, pede por justiça, contra os desmandos do governo, abusos de entidades privadas ou focando em casos de escândalos, por exemplo.

Quando o autor pretende escrever suas opiniões sobre um determinado tema ou até mesmo convencer os leitores das suas opiniões em relação a algum assunto, estamos diante de um livro-reportagem-ensaio, que frequentemente utiliza na sua narrativa a primeira pessoa do singular.

O livro-reportagem-viagem mostra uma viagem a alguma região geográfica, retratando aspectos sociológicos, históricos, humanos e realidades do local. Diferencia-se daqueles relatos turísticos.

Por último, o livro-reportagem-perfil, no qual o foco principal é o lado humano de uma personalidade pública, geralmente uma pessoa olimpiana, ou de uma personagem anônima, que, por algum motivo, tem o seu interesse, devido a suas características ou circunstâncias de vida.

Diante de tantas propostas de classificação para livro-reportagem, Lima (2009, p. 59), acrescenta:

A classificação proposta não pode ser considerada final, porque novas variedades podem surgir, em decorrência da flexibilidade e da criatividade peculiares ao livro-reportagem. Tampouco pode ser entendida como uma camisa-de-força que se impõe à realidade. Na prática é possível que títulos se enquadrem simultaneamente em mais de uma classificação. As modalidades mesclam-se, combinam-se, muitas vezes. O esforço é o de sistematizar uma classificação que elucide o alcance do campo do livro-reportagem, não mais do que isso.

Entre tantas propostas de classificação para o livro-reportagem, e, respeitando o argumento do pesquisador, tomamos a liberdade de produzir livro-reportagem-perfil, cujo resultado final demonstrou-se um produto híbrido, um meio caminho entre o formato perfil e livro-reportagem propriamente dito. Isso ocorre por conta das muitas semelhanças entre ambos, como a humanização, o jornalismo literário, que será explicitado mais adiante, a criatividade, a entrevista em profundidade, entre outros; entretanto, a escolha por livro-reportagem foi realizada porque cada matéria tinha como pano de fundo dois temas fundamentais: as Paralimpíadas e a questão do preconceito ainda vivido pelos atletas.

O produto reuniu uma seleção de um grupo de atletas conhecidos, principalmente do público que acompanha o jornalismo esportivo. Além disso, a escolha tem mais congruência com o que foi determinado fazer em nosso objetivo geral.

3.3 PERFIL JORNALÍSTICO

Embora já tenhamos definido o livro-reportagem, gostaríamos de precisar ainda mais o conceito de perfil, a partir dos estudos de Sérgio Vilas-Boas.

De acordo com o autor, apesar de aparecerem de forma eventual nos periódicos há quase 200 anos, os perfis jornalísticos começaram a ser mais retratados em figuras humanas jornalística e literariamente em jornais e revistas a partir da década de 30 do século XX. “O importante era a própria pessoa, especialmente alguma celebridade do mundo das artes, da política, dos esportes e dos negócios”, explica Vilas-Boas (2003, p. 22). A ideia era de que a

matéria focasse no comportamento, nos valores, na visão de mundo e nos episódios da história da pessoa, a fim de que suas atividades fossem entendidas num contexto maior do que uma simples notícia de pouco conteúdo.

Nessa linha de publicação de perfis, destacaram-se revistas como *Esquire*, *Vanity Fair*, *The New Yorker*, *Life*, *Harper's*, entre outras. Já no Brasil, destacaram-se *O Cruzeiro* e *Realidade*. A revista *New Yorker* foi a precursora do gênero e publicou sobre estivadores, índios, operários, pescadores e agricultores. Pessoas comuns, mas com grandes histórias de vida.

No jornalismo convencional, os personagens que mais se destacam são aqueles conhecidos pela sua profissão ou que estão em evidência por algum motivo; entretanto, o perfil jornalístico pode utilizar personagens desconhecidos, já que o convencional quando os utiliza é para algo “grotesco, pitoresco, vitimados ou os loucos de pedra”, afirma Vilas-Boas (2003, p. 24).

O jornalismo atual cede cada vez menos espaços para os perfis construídos de forma literária, segundo Vilas-Boas (2003, p. 11), até porque tanto os jornais como as revistas estão disputados por informações fragmentadas, resultando em notícias rápidas e sem muita profundidade.

“O perfil humanizado é o livro-reportagem que concede à entrevista máxima possibilidade de alcançar dimensão superior ao que raramente seria aceitável nos veículos periódicos”, afirma Lima (2009, p. 113). A própria falta de espaços nos periódicos acaba limitando tanto o veículo de comunicação como o repórter a voos mais altos.

Entretanto, Lima (2009, p. 113) acredita que sempre haverá leitores dispostos e com tempo para ler reportagens nas quais se identifiquem. Além disso, a fragilidade do jornalismo convencional se opõe ao literário na época atual, pois há um excesso de informações em todos os meios, em parte até descartáveis e com pouco aprofundamento, deixando as notícias, muitas vezes, rasas e vazias.

Por isso, é necessário que a mídia consiga enxergar alternativas para melhorar as suas práticas. “O perfil é um gênero jornalístico. Sem o literário, no entanto, o perfil não hipnotiza”, escreve Vilas-Boas (2003, p. 12).

Os perfis podem mostrar apenas algumas fases da vida da pessoa entrevistada, sendo uma narrativa curta tanto na validade das informações quanto no tamanho do texto. Sua natureza é autoral, e a tendência é que as experiências pessoais do entrevistador não se confundam com o tema trabalhado, afirma Vilas-Boas (2003, p.13).

Nos perfis, cinco elementos são, além de multidimensionais, muito importantes para o trabalho autoral: a memória, o conhecimento, a imaginação, as sínteses e os sentimentos. Não se pode prescindir também os conceitos e técnicas de reportagem e deve-se procurar evitar a frieza e o distanciamento, pois envolver-se com o trabalho é sentir.

Outra importância dos perfis é gerar a empatia do leitor, fazer com que o mesmo se coloque naquela situação. É procurar gerar e compartilhar tristezas e alegrias com a história que está sendo contada. Tudo isso ajuda também o autoconhecimento tanto de quem escreve, como de quem lê.

Vilas-Boas (2003, p. 15) destaca ainda fatores que podem prejudicar o objeto de pesquisa e, por isso, o autor deve ficar bem atento para que esses sejam evitados. Entre eles, destacamos: caso a entrevista, mesmo não chegando a uma hora, não seja empolgante, têm-se três alternativas: “desistir da matéria, tentar marcar novo encontro ou se virar com o que tem”, por isso, esse momento tem que ser único.

Ainda em relação ao perfil humanizado, Medina (2006, p. 43) afirma que, ao lidarmos com ele, tanto de forma consciente como inconsciente, faz-se a presença do imaginário e da subjetividade. Por isso, o entrevistador, se for um bom apreciador de papos sem limites profissionais, deve aproveitar ao máximo a conversa, principalmente se o entrevistado “passeia em atalhos, mergulha e aflora, finge e é, sonha e traduz seu sonho, avança e recua, perde-se no tempo e no espaço”.

Nesse caso, Medina (2006, p. 43) questiona: “Como montar o perfil se as coisas não se sucederam de um jeito ordenado, como manda o figurino dos manuais de redação?”. O entrevistador deve se atentar que o artista percebe de forma perfeita a interpretação do real e do imaginário e sabe trabalhar esses dois mundos que existem na realidade humana. Por isso o artista tem “a sensibilidade aberta para perceber, se deixar contaminar pela aventura de seus personagens, e constrói ferramentas para transformá-las numa representação simbólica, o texto”. A autora ainda define perfil como:

um subgênero que possibilita grande número de opções de estilo. Depende do repertório do jornalista-escritor. Se recorrer ao feijão com arroz, usará narrativa indireta, às vezes salpicada de um ou outro travessão para abrir “janelas” (parágrafos). (...) O perfil humanizado pode recorrer a primeira pessoa (do entrevistado), segunda pessoa (o uso apelativo do você, entrevistado, a quem se dirige o jornalista-autor). O estilo pergunta e resposta poderá também ser utilizado em certos perfis em que a riqueza dos conteúdos verbais se destaca. (MEDINA, 2006, p. 56 - 57)

Baseado na afirmação de Vilas-Boas, o trabalho realizou entrevistas nos meses de outubro, novembro e dezembro, após as Paralímpiadas Rio 2016, que duraram do dia 07 de

setembro até o dia 18 do mesmo mês. A escolha pela coleta de dados, através da entrevista aprofundada após os jogos, foi porque os atletas estariam mais tranquilos, após o estresse de treinos e viagens, além da ansiedade que os permeiam próximo de competições da magnitude de uma paralimpíada.

O encontro foi em um momento único, no qual falaram sobre suas vidas, das suas deficiências, dos preconceitos sofridos, até chegar ao ápice do diálogo que será o relato do ciclo paralímpico e dos jogos.

Vilas-Boas (2003, p. 15) sugere que o espaço não passe de algumas poucas páginas até porque, independente do tamanho da entrevista, aproveita-se, geralmente, uma pequena parte dela.

Existem algumas breves definições para perfil por diversos autores conforme mostra Vilas-Boas (2003, p. 16):

Steve Weinberg chama de biografia de curta duração; Oswaldo Coimbra, de “reportagem narrativo-descritiva de pessoa”; Muniz Sodré & Maria Helena Ferrari acham que de ser chamado de perfil o texto que enfoca o protagonista de uma história (a de sua própria vida), e de miniperfil o texto descritivo de uma personagem secundária inserido no momento em que ocorre uma interrupção ou um corte da narrativa principal.

Uma outra definição mais abrangente veio do contexto das pesquisas qualitativas em Ciências Sociais:

Histórias de vida. Essa modalidade dá atenção total ou parcial às narrativas sobre as vidas de indivíduos ou de grupos sociais, visando humanizar um tema, um fato ou uma situação contemporânea. Na sua versão mais abreviada, a história de vida examina episódios específicos da trajetória do protagonista. (VILAS-BOAS, 2003, p. 16)

O nosso trabalho trará histórias de vida de atletas que superaram as deficiências e obtiveram sucesso nas modalidades escolhidas para praticar. Além disso, procuraremos humanizar a narrativa a fim de que consigamos obter a empatia do leitor, conforme já descrito acima. Para alguns, talvez um ilustre desconhecido, mas para nós, um ser humano de grande importância.

3.4 JORNALISMO LITERÁRIO

É difícil determinar uma data precisa do surgimento do livro-reportagem no mundo. Mesmo antes de se discutir academicamente e entre os jornalistas, muitas narrativas de não-ficção já haviam sido publicadas, de acordo com Belo (2016, p. 19); entretanto, pode-se determinar que a reportagem em livro, como um subgênero da literatura, teve início na Europa

do século XIX, apesar de que, nessa época, não havia a concepção de jornalista como é hoje e, poucos deles usavam a profissão como forma de se sustentar, sendo mais uma atividade política e intelectual.

Apenas no século XX, através do jornalista John Reed, tivemos uma produção mais forte de reportagens em livro, como as obras *México rebelde!* (1914) e *Dez dias que abalaram o mundo* (1919), que utilizou um pouco de romance literário com ares de ficção, obtendo uma narrativa rica em detalhes e dramaticidade, segundo Belo (2016, p. 22), fazendo com que Reed fosse “apontado por diferentes estudiosos da comunicação com um dos precursores do chamado jornalismo literário e pai do livro-reportagem moderno. Não quer dizer que tenha sido o primeiro. Não faltam relatos de não ficção anteriores a ele”. Inclusive no Brasil, como é o caso do livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, concluiu Belo.

Após a Segunda Guerra Mundial, o jornalista John Hersey descreveu a forma como viviam os sobreviventes da bomba atômica no Japão. Essa descrição foi publicada na revista *The New Yorker*, no dia 31 de agosto de 1946, virando livro no ano seguinte com o título de *Hiroshima*, sendo ainda considerada, por alguns especialistas, como a melhor reportagem da história, conforme relata Belo (2016, p. 23-24).

Na década de 60, no século XX, a tecnologia começou a avançar, principalmente nos jornais, e isso acabou permitindo a produção de matérias maiores que se tornaram livros e também reaproximou o jornalismo da literatura, surgindo assim o *new journalism*, destaca Belo (2016, p. 24), mesmo esse termo já tendo sido usado em períodos anteriores. O autor ainda define a técnica do *new journalism* como:

(...) narrar os fatos com recursos mais próximos da literatura do que a linguagem apressada, telegráfica e enxuta – não necessariamente no bom sentido do termo – do jornalismo. Enfim, era uma espécie de “voto de protesto” contra a ditadura do *lead* e da pirâmide invertida. Se o modelo e até o nome já haviam sido empregado antes, foi só a partir da metade do século que o *new journalism* alcançou notoriedade. A ponto de, até hoje, ser tratado como um produto típico da década de 1960. (BELO 2016, p. 24-23)

Os grandes destaques desse período foram Truman Capote, Tom Wolfe, Norman Mailer e Gay Talese. Eles utilizam textos híbridos de jornalismo e literatura. “Uma narrativa que, mesmo sendo jornalística, poderia ser lida como novela”, afirma Bianchi (1997, p. 35). O próprio Tom Wolfe *apud* Bianchi, define da seguinte forma o *new journalism*:

(...) reconstituir acontecimentos ou cenas reais do cotidiano, tomando de empréstimo ao romancista do chamado *realismo social* (Fielding, Smollet, Balzac, Dickens, Gogol) quatro técnicas tidas por eles como fundamentais: a narração cena por cena, a reprodução dos diálogos, o ponto de vista da terceira pessoa e o relato das ações do dia-a-dia como relatar hábitos, costumes, estilo de vestir, de comer, de viajar; comportamentos, enfim, tudo o que pudesse mostrar ao leitor a vida real. (WOLFE *apud* BIACHI (1997, p. 35)

O *new journalism* se tornou uma tendência e, com o crescimento das reportagens de futilidades, os tabloides, a exploração do grotesco e da espetacularização, além da busca pela audiência e de patrocinadores, muitos jornalistas comprometidos com a sociedade como um todo e com um jornalismo mais isento estão indo atrás de alternativas, segundo Pena (2006, p. 13), e uma dessas opções é o jornalismo literário.

Sendo que, o próprio Pena (2006, p. 13) considera uma alternativa complexa: “Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo”. Exige, inclusive, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionando visões amplas da realidade, exercer a cidadania, garantindo profundidade dos relatos e sair um pouco dos textos burocráticos. Pena associa a definição de jornalismo literário com uma melodia:

Defino Jornalismo Literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de Jornalismo, nem de Literatura, mas sim de melodia. (PENA, 2006, p. 21)

Na sua obra *Jornalismo Literário* (2006, p.09), Pena faz o leitor refletir ao relatar: “dizem que o bom texto segue padrões musicais. Tem ritmo, harmonia e sonoridade. Se você possui essas três qualidades, largue logo este livro e corra para o piano. Não perca tempo com a Literatura. Muito menos com o jornalismo. Preocupa-se apenas com a melodia”. Na verdade, o leitor acaba tendo efeito inverso e mergulhando na obra de Pena, mas o autor tem total razão, o livro precisa ter uma harmonia na sua escrita para atingir o leitor, entrar na alma, no coração e permear os pensamentos. Por isso, é arte também, é como uma sinfonia de Mozart, que, ao ouvirmos, criamos histórias em nossos pensamentos, relembramos de algo ou simplesmente deixamos tocar o coração. O livro é isso também, uma melodia que, de alguma forma, toca o leitor.

O jornalismo literário tem o poder de trabalhar de forma concomitante o real e a ficção, diferenciando-se, assim, da literatura realista, tanto nos enfoques quanto nos objetivos, de acordo com Borges (2013, p. 308), além de atender exigências e promover rupturas, tornando-se independente de um jornalismo tradicional. Além disso, o jornalismo literário “preza a descrição pormenorizada da cena que reporta, mas une a esse esforço interpretação, imaginação sobre o que vê, observação, junção do verificável e do verossímil, da realidade aparente e da realidade possível e provável”.

Tanto o jornalismo como a literatura têm uma penetração muito grande no cotidiano das pessoas: o primeiro atinge algumas necessidades sociais de informação e até de lazer; a segunda também supre necessidades, conforme Biachin (1997, p. 42), que ainda afirma que “a interpenetração entre estas duas formas de expressão sempre foi muito intensa”.

Entretanto, o jornalismo literário se diferencia do jornalismo tradicional, que também é diferente da literatura de ficção, ocorrendo, dessa forma, um afastamento duplo, relata Borges (2013, p. 308). “A ficção cria seu mundo e suas próprias ‘verdades’, uma vez que tem liberdade para tais construções simbólicas”. Ele conclui:

O Jornalismo Literário não é literatura de ficção, e, portanto, não está autorizado a inventar pessoas, circunstâncias, cenas que possam ir de encontro ao seu propósito informativo. O que ele faz é recriar, narrativa e discursivamente, situações que ocorreram, mas que podem ser apreendidas e reescritas sob diversos ângulos possíveis. (...) O Jornalismo Literário mostra que realidade e ficção ganham contornos simbólicos que podem problematizar a própria concepção básica desses conceitos. (BORGES, 2013, p. 308-309).

Para compreender melhor a questão entre jornalismo, literatura e jornalismo literário, Schnaiderman *apud* Lima (2009, p. 180), no livro *Páginas Ampliadas*, dividiu em três categorias de obras quanto ao emprego de recursos literários: “as puramente de ficção, que tratam dos produtos do imaginário elaborados pelo escritor; as jornalísticas, que se apropriam dos recursos literários apenas para reportar melhor a realidade; e as que mesclam a ficção e o factual”.

Neste trabalho, utilizamos recursos do jornalismo literário, no qual teremos histórias reais, com personagens reais e concomitantemente poderemos utilizar um pouco de ficção e de imaginação para que os perfis a serem escritos criem uma perspectiva de história criativa, causando no leitor a curiosidade até o fim de cada perfil, porém, sem criar, em momento algum, fatos inverídicos dos personagens envolvidos.

4 O LIVRO-REPORTAGEM E SEU PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia de construção do livro-reportagem-perfil obedeceu a algumas etapas básicas, a saber:

- a) revisão bibliográfica, onde nos apropriamos das concepções principais envolvidas no trabalho conforme descrito na fundamentação teórica;
- b) pesquisa documental, sobretudo em sites da internet, onde recolhemos dados sobre o paradesporto, sua história e sua evolução no mundo e no Brasil;
- c) seleção dos atletas que seriam alvo das entrevistas;
- d) realização das entrevistas propriamente ditas;
- e) processamento das mesmas para a produção do livro.

Entre os nove atletas paraibanos que participaram das Paralimpíadas de 2016, no Rio, selecionamos cinco para realizar o livro-reportagem: Cícero Nobre e Petrucio Ferreira no atletismo, José Roberto no *goalball*, Damião Ramos e Marcos Felipe no Futebol de 5.

Escolhemos todos os que nasceram e residem no estado da Paraíba, o que facilitaria a realização das entrevistas em profundidade, que foi o nosso principal instrumento de coleta de dados, conforme será descrito a seguir.

Após os estudos e pesquisas realizados sobre livro-reportagem, o trabalho começou a ser construído paulatinamente. Logo após a chegada dos atletas dos Jogos Paralímpicos do Rio, foram iniciadas as entrevistas, conforme será descrito adiante, de forma detalhada.

Após a entrevista, realizada com um gravador, foi utilizado o programa *Google Docs* para a transcrição. O entrevistador colocou um fone no ouvido, no qual escutava a entrevista e reproduzia verbalmente o que fora falado de forma pausada e bem articulada para que o programa identificasse perfeitamente as palavras ditas. As entrevistas duraram em média quarenta minutos, e a transcrição em torno de cinquenta, fazendo com que fosse bem agilizado esse trabalho.

4.1 ENTREVISTA COMO MÉTODO

Uma das técnicas utilizadas na pesquisa foi a entrevista, que é uma excelente ferramenta para adquirir informações relevantes à pesquisa. Segundo Duarte (2005, p. 62), a entrevista acabou se tornando uma técnica clássica para obter informações em várias áreas, como ciências

sociais, sociologia, comunicação, administração, educação e psicologia, sendo antes utilizada em jornalismo, etnografia, psicologia e pesquisa de mercado e opinião.

Já Marconi e Lakatos (1990, p. 84) definem a entrevista como “(...) um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”, tratando-se de uma conversa frente a frente, mas que deve ser feita de forma metódica com o objetivo de adquirir a informação necessária.

Outra definição de entrevista é de Medina (1986, p. 8), que considera “uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e a distribuição democrática da informação”, sendo um meio para o inter-relacionamento humano, havendo troca de experiências, informações, juízos de valor, além de uma interação, na qual os participantes modificam-se, revelam-se e crescem no conhecimento do mundo e deles próprios.

Entretanto, mesmo com essas definições, Lima (2009, p. 89) alerta que existem algumas críticas no meio acadêmico em relação à entrevista, que devem voltar “à reflexão sobre seus métodos e à indicação de rumos possíveis que conduzam a um efetivo processo de compreensão do real. Porque essa compreensão pressupõe, no seu aspecto de humanização, um diálogo interativo entre entrevistador e entrevistado”. O papel do entrevistador só terá sucesso se ele estimular, criar uma empatia entre entrevistado e receptor, além de auxiliar o entendimento real, com uma dose adequada de emoção, tendo em vista que, caso isso não ocorra, não haverá a comunicação que o jornalismo pretende.

Por isso, a relevante importância do profissional de jornalismo ter o estudo e conhecimento das técnicas de entrevistas, adaptando-se ao seu estilo e modo de dialogar com o entrevistado e o receptor, sem perder a essência das definições acima citadas.

Em nosso trabalho, buscamos seguir a definição relatada por Lima, que determina aspectos relevantes para a construção do livro-reportagem, como a humanização, a empatia entre o entrevistador e o personagem, além da percepção emotiva durante a conversação. Perceber o sentimento envolvido de cada atleta com a história contada e a reação deles durante as lembranças relatadas, muitas vezes constatadas no próprio tom de voz.

O surgimento da entrevista veio em 1930, nas publicações de assistência social americana, e Carl Rogers contribuiu muito na década de 40, em seus estudos de psicoterapia orientada para paciente, segundo Scheuch *apud* Duarte (2005, p. 62). Entretanto, foi a partir da Segunda Guerra Mundial que as entrevistas passaram a possuir orientações metodológicas próprias.

Best *apud* Marconi e Lakatos (1990, p. 84) afirma que a entrevista, quando realizada por um investigador experiente, acaba sendo superior a outros sistemas de obtenção de dados. Além disso, é um excelente instrumento de investigação social em vários campos das ciências sociais.

Um dos principais objetivos da entrevista, conclui Marconi e Lakatos (1990, p. 84) “(...) é a obtenção de informações sobre um determinado assunto ou problema predeterminado”.

Nenhum ponto deve ficar sem esclarecimento durante uma entrevista, por isso, segundo Belo (2006, p. 105), uma boa entrevista é aquela que leva a um diálogo fluente, em que o entrevistador elabora algumas perguntas e essas vão levando a outras durante a conversa quando surgirem novas informações dadas pelo entrevistado.

Podemos ter ainda a classificação das entrevistas em comunicação coletiva em quatro tipos, segundo Morin *apud* Medina (1986, p. 14):

Entrevista rito: trata-se de obter uma palavra, que de resto não tem outra importância senão a de ser pronunciada;

Entrevista anedótica: o entrevistador busca anedota picante, faz perguntas tolas sobre as fofocas e os projetos;

Entrevista diálogo: em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo. (...) o entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema;

As neoconfissões: (...) é a entrevista da profundidade. (...) toda confissão pode ser considerada como um *strip-tease* da alma, feita para atrair a libido psicológica do espectador. MEDINA (1986, p. 13-14)

Nota-se que as mais significativas e importantes, segundo o autor, são as duas últimas, que foram utilizadas neste trabalho, com o objetivo de obter o máximo de informação do entrevistado, utilizando o diálogo como forma de deixar mais à vontade os personagens do livro-reportagem e assim obter informações de maneira mais informal.

4.2 ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

Neste trabalho, fizemos entrevistas individuais em profundidade para buscar informações, percepções e experiências dos entrevistados para que possamos apresentá-las em forma de livro-reportagem.

Segundo Duarte (2005, p. 62):

A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer.

Com isso, as perguntas permitirão explorar um assunto, além de compreender o passado do entrevistado, suas percepções sociais, assim como suas relações humanas, enriquecendo o tema.

Além disso, a entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, que pode tanto tratar questões relacionados ao íntimo do entrevistado quanto descrever processos complexos nos quais está ou esteve envolvido.

As entrevistas em profundidade poderão ser classificadas em:

Entrevista aberta – essencialmente exploratória e flexível, não havendo sequência predeterminada de questões ou parâmetros de respostas. Tem como ponto de partida um tema ou questão ampla e flui livremente, sendo aprofundada em determinado rumo de acordo com aspectos significativos identificados pelo entrevistador enquanto o entrevistado define a resposta segundo seus próprios termos, utilizando como referência seu conhecimento, percepção, linguagem, realidade, experiência. (DUARTE, 2005, p. 65)

Sendo assim, a entrevista aberta pode fluir dependendo da resposta, na qual o entrevistador pode realizar a pergunta baseado no que foi dito pelo entrevistado, trazendo dificuldade caso o pesquisador não mantenha o foco para garantir a fluência e a naturalidade. Em compensação, pode trazer grandes descobertas e aprofundamentos nas respostas do entrevistado.

Entrevista semiaberta – modelo de entrevista que tem origem em uma matriz, um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse de pesquisa. Ela “parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante (TRIVINOS *apud* DUARTE 2005, p. 66)

Na entrevista semiaberta, as perguntas devem ser as mais abertas possíveis para tratar da amplitude do tema, geralmente fazendo um roteiro com quatro a sete questões, que devem ser relacionadas ao tema, mas diferentes para o entrevistador explorar ao máximo cada questão, cujo aprofundamento vem diante de cada resposta do entrevistado, só passando para a pergunta seguinte quando esgotar a resposta de cada questão elaborada.

Entrevista fechada – é realizada a partir de questionários estruturados, com perguntas iguais para todos os entrevistados, de modo que seja possível estabelecer uniformidade e comparação entre respostas. As pesquisas de opinião são exemplo típico. Exigem distanciamento do entrevistador, que cumpre a função de obter respostas para as questões propostas, sem discussão sobre elas. (DUARTE, 2005, p. 67)

Com a entrevista fechada, podem-se fazer análises rápidas, havendo limitações na possibilidade de interpretação. Esse tipo permite fazer também comparações entre as respostas,

servindo também para obter subsídios que servem para aprofundar entrevistas em profundidade e requer conhecimento do assunto.

Neste trabalho adotamos a entrevista semiaberta sugerida por Duarte, pois tínhamos um roteiro com algumas perguntas pré-determinadas em assuntos distintos e, a partir delas, desencadeamos um diálogo, obtendo o máximo de informação dos entrevistados, tornando o trabalho mais enriquecedor.

Realizamos seis perguntas básicas para cada atleta que foi entrevistado neste trabalho, de forma com que outras fossem originadas, de acordo com as respostas, conforme o quadro abaixo:

Quadro 1 – Perguntas para cada atleta

Pergunta 1	Como foi a sua infância?
Pergunta 2	Como você iniciou no esporte?
Pergunta 3	Como é o seu convívio na sua família, no seu trabalho e na sociedade?
Pergunta 4	Qual a sua deficiência e como foi adquirida?
Pergunta 5	Você já sofreu preconceito?
Pergunta 6	O que mudou na sua vida ao se tornar um atleta paralímpico?

Fonte: Elaboração Própria

A ideia foi começar com perguntas mais amenas e conhecer um pouco da vida do atleta, e, ao mesmo tempo, criar uma empatia no diálogo. Nessa seleção de perguntas, desencadearmos outras, dependendo da resposta do entrevistado. Procuramos também manter uma conversa informal antes de começar as entrevistas.

Duarte (2005, p. 74) pontua também a questão de o entrevistador ir além das respostas. Nesse caso, deveremos observar o comportamento, os movimentos, os gestos, as ênfases, as pausas e o silêncio.

Por fim, Duarte (2005, p. 81) conclui que:

A entrevista em profundidade pode ser um rico processo de aprendizagem, em que a experiência, visão de mundo e perspicácia do entrevistador afloram e colocam-se à disposição das reflexões, conhecimento e percepções do entrevistado. E, como propõe Thiollent (1981), o uso de entrevistas pode ser imaginativo e crítico, sem que se perca o rigor metodológico.

Diante do método, este trabalho pretende seguir as sugestões dadas por Duarte, acima descritas, nas entrevistas em profundidade, a fim de que se alcance o objetivo previsto, que é o livro-reportagem, trazendo para a pesquisa fatos e histórias relevantes para o paradesporto paraibano, contribuindo e enriquecendo de informações um tema que, como já foi informado, possui uma escassa bibliografia.

Além disso, entrevistamos os atletas apenas após os Jogos Paralímpicos Rio 2016, haja vista que, se fizéssemos antes, poderíamos deixar de aproveitar toda a empolgação deles ao retornarem dos jogos.

O processo de produção da criação do livro-reportagem foi de extremo crescimento pessoal e profissional.

Pessoal, pelo contato direto com cada personagem envolvido, tendo em vista que diariamente, anunciamos reportagens em que existe uma distância dos personagens envolvidos. Geralmente são repórteres que executam, e isso não permite o contato direto com os atletas por estar em estúdio.

A ida na casa dos atletas ou em seus locais de treinamento foram importantes para conhecê-los melhor e, assim, criar uma empatia. Em cada resposta e história ouvida, procurava transpor, naquele momento, como que visualizando cada fato relatado. Era uma forma de adquirir uma sensibilidade para a história, pois, se estava sendo descrito pelo entrevistado, o fato tinha a importância para ele.

Profissional, por conta da dificuldade em trabalhar algo que não faz parte do meu cotidiano. Como apresentador de TV, trabalho com linguagens simples e pragmáticas para que facilite o entendimento do telespectador.

O mergulho na leitura de livro-reportagem, perfil, jornalismo literário e entrevistas me permitiu um conhecimento científico que proporcionou mudanças sensíveis no modo de escrever. Utilizar-se da criatividade e da subjetividade, narrando as histórias de forma humana e íntima, emocionou-me muitas vezes. Parece que havia um tratado entre entrevistador e entrevistado, no qual a confiança permeou cada relato descrito.

Sentia-me personagem em cada história, por isso que nas reportagens fiz-me presente em alguns momentos como narrador em primeira pessoa. O contato íntimo nos deixou muito próximos. Sentia-me uma voz que muitos precisam para que cada um deles mostrem para a sociedade toda a luta e dificuldade para chegar até os jogos.

Por trabalhar em TV, durante o processo do livro-reportagem, imaginava sempre uma câmera oculta que se transformava em tela de cinema, iluminando cenas de passado e presente dos atletas, sendo que tudo isso viraria um texto narrativo.

O encontro, com cada um deles, relato em seguida.

4.3 DESCREVENDO AS ENTREVISTAS DOS PERSONAGENS

No início, a ideia era escrever um livro-reportagem sobre a história do paradesporto paraibano. Numa conversa informal com um dos precursores aqui na Paraíba, Jailton Miranda, ele mostrou a dificuldade que teríamos para fazer um livro completo. Seria uma pesquisa que demandaria muito tempo, além de ter que contatar mais de 50 profissionais que fizeram parte dessa história. Muitos nem se encontravam mais por aqui. Talvez fosse melhor guardar a ideia para uma outra oportunidade, sem a existência da pressão do fator tempo.

Não queria mudar o tema, achava pertinente. Além do mais, por trabalhar com jornalismo esportivo, gostaria que fosse nessa área. A maior dificuldade seria justamente escrever o livro-reportagem, o que se tornava um grande desafio, tendo em vista o trabalho diário ser na comunicação em TV.

Além disso, como a linguagem televisiva é destinada à população em geral, a comunicação utilizada é simples e de fácil assimilação. Escrever textos acadêmicos, que buscam uma linguagem mais refinada, tornou-se mais um obstáculo a ser ultrapassado. É extremamente difícil modificar a escrita de forma tão repentina. As palavras mais simples surgem automaticamente.

A escolha do paradesporto foi por nos identificarmos com o tema, pois, como admiramos o tema, sabemos das dificuldades, dos preconceitos sofridos e da necessidade de uma maior divulgação das histórias de cada um.

Como estávamos em um ano quando aconteceriam os Jogos Olímpicos do Rio e, em seguida, os Jogos Paralímpicos, resolvemos escrever sobre os atletas paraibanos que estariam competindo. Entretanto, ao fazer uma pesquisa, descobrimos que tínhamos nove conterrâneos com deficiência, participando dos jogos e, alguns deles, não moravam mais no Estado.

Por isso, resolvemos escolher os atletas que fossem nascidos na Paraíba e ainda residissem no Estado. Quando fizemos o levantamento, cinco atletas se encontravam nessa situação: Cícero Nobre, Petrúcio Ferreira, Damião Ramos, Marcos Felipe e José Roberto.

A presença deles no Estado facilitaria o contato, assim como a entrevista.

4.3.1 Processo Cícero Nobre

Cícero foi o primeiro atleta entrevistado, no mês de outubro de 2016. Ele havia acabado de chegar das Paralimpíadas. Marcamos com ele na pista de atletismo da UFPB, fomos para as arquibancadas, que estavam vazias. A entrevista durou pouco mais de meia hora. Saímos com a sensação de que faltaria algo. Ele é muito tímido para falar a respeito dele mesmo, mas comunica-se muito bem quando o assunto é paradesporto e preconceito. Sabia que precisaria de mais informações.

O que havíamos pensado realmente aconteceu. Após o término do perfil de Cícero, percebemos que não estava bom, faltava algo a mais. Entramos em contato com ele e pedimos pelo menos duas histórias em sua vida.

No outro dia, recebemos uma mensagem pelo aplicativo *whatsapp* da irmã dele dizendo que poderia contar essas histórias. Imaginamos que o atleta é realmente fechado para relatar fatos mais íntimos.

A ajuda da irmã foi fundamental. Através de áudio, ela nos enviou duas histórias que engrandeceram o perfil dele. Não tinha como não se emocionar. Lágrimas caíram ouvindo o relato. Sabermos que uma mãe havia deixado de ser alcoolista por conta da convocação do filho para as Paralimpíadas nos estimulou a concluir o trabalho.

Uma história que precisaria ser revelada, pois poderia estimular outras famílias que sofrem diariamente com o problema. Admirei a coragem da família em poder revelar um assunto tão delicado.

4.3.2 Processo Damião Ramos

Já conhecia Damião através de uma reportagem realizada em 2007 sobre o futebol de 5. O nosso encontro ocorreu no Instituto dos Cegos, em João Pessoa. No início estava um pouco tímido, mas depois a nossa conversa fluiu.

Chamou atenção a forma como contou o gol da vitória nas Paralimpíadas de 2004 em que bateu o pênalti que rendeu a medalha de ouro para o Brasil. Relatou com detalhes, fazendo com que o título do seu perfil fosse referente a esse episódio.

Além disso, percebi a empolgação ao falar dos filhos e quando um deles o chamou de herói. Foi um momento emocionante em nossa conversa, ao perceber o carinho que sentia pela família.

Procurei um pouco sobre sua história na internet, mas nada que acrescentasse ao que já havíamos conversado. Achei o jogo final das Paralimpíadas do Rio entre Brasil e Irã na rede social *youtube* e assisti todo. Não fez gol, mas entrou como titular e jogou quase toda a partida.

4.3.3 Processo Petrúcio Ferreira

Foi uma das entrevistas mais demoradas. Fui até a sua residência, que era um quarto pequeno com um banheiro. Dividia com o primo. Como gostava muito de falar, foi a entrevista mais demorada, com quase uma hora de duração, o que facilitou para concluir o trabalho.

Apesar de jovem, tinha vários momentos marcantes em sua vida, por isso escolhi a medalha de ouro nos 100 metros rasos nas Paralimpíadas do Rio para contar o seu perfil. Quando o conheci, estava há apenas seis meses em João Pessoa, no ano de 2014.

Amadureceu muito rápido e deu para fazer essa comparação em apenas três anos que o acompanhava nas suas conquistas. A inspiração para o seu perfil surgiu quando pesquisei sobre o *funk* feito para ele. Passei alguns dias cantando a música, quando naturalmente surgiu a ideia de escrever seu perfil mostrando segundo a segundo a prova que lhe rendeu a medalha de ouro.

4.3.4 Processo José Roberto

Foi uma conversa longa também. Sempre muito simpático e com um bom humor peculiar. Foi em seu apartamento, onde mora com a esposa, que estava grávida, e a filha. Hoje já é pai de mais uma menina.

Já conhecia bem a história dele, pois, além de ter ido uma vez no programa que apresento, tive a oportunidade de buscá-lo uma vez na sua antiga casa para irmos a uma palestra sobre paradesporto que daríamos na Faculdade IESP, juntamente com o professor Jailton Miranda e Genilson Azevedo do projeto Acesso Cidadão.

Nesse dia, os alunos ficaram encantados com a forma de José Roberto se expressar, além de ser uma pessoa politizada, sem medo de se posicionar.

Como gosta de contar as histórias das suas aventuras e se auto-denominar “atrevido”, algumas vezes acabou gerando o título do seu perfil. É também um bom contador de história, sempre se utilizando de gestos e interpretações. Talvez, por ser músico também, seja mais extrovertido.

4.3.5 Processo Marcos Felipe

Seu jeito calado e sério parecia criar uma dificuldade para a entrevista. Entretanto, conversamos antes sobre amenidades do cotidiano de cada um e ajudou a quebrar essa barreira.

Foi uma conversa agradável e percebi a sua alegria ao contar a história do gol que fez e deu a medalha de ouro ao Brasil em 2008; entretanto, o que mais chamou a atenção foi quando ele relatou sobre ser torcedor em vez de jogador durante a infância.

Colocamos logo no início da sua história esse momento que o marcou. Utilizamos o diálogo para criar a ação e chamar a atenção do leitor para o perfil do atleta.

No final, ele estava falando muito, e aproveitamos para escutar, pois cada detalhe dito poderia servir para engrandecer a pesquisa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O produto finalizado deste trabalho foi de grande valia para o engrandecimento profissional e acadêmico, assim como as contribuições da banca na qualificação.

A realização de pesquisas em livros e sites sobre os temas livro-reportagem, perfil, jornalismo literário, entrevista e a assimilação dos conceitos refletiu-se não apenas nas reportagens realizadas na TV, mas também no cotidiano profissional.

As experiências de vida também influenciaram na realização do livro-reportagem. Os trabalhos como ator e como apresentador de TV oportunizaram a criação e imaginação de como a história chegaria para o receptor, seja através de uma câmera oculta imaginária ou em cima de um palco italiano.

O convite recebido de uma faculdade em João Pessoa para falar sobre o tema paradesporto mostra que o assunto é de interesse da sociedade, precisando apenas de mais espaço e divulgação para que as pessoas, em geral, conheçam sobre o tema.

Como consequência do trabalho, existe também a possibilidade de transformar o produto em uma publicação literária para que, num futuro próximo, tanto os jornalistas da área esportiva como os amantes do esporte possam conhecer um pouco sobre esses cinco atletas paraibanos que representaram o país nas Paralimpíadas Rio 2016.

Percebemos que poderíamos ir de forma mais profunda nas histórias, como, por exemplo, visitar as cidades onde nasceram os atletas, assim como conhecer pessoalmente familiares e amigos dos personagens principais, o que engradeceria mais ainda o trabalho, mas as dificuldades de locomoção para cidades como São José do Brejo do Cruz, o tempo para a realização das entrevistas e as limitações de recursos nos impediram de aprofundar os personagens envolvidos.

Além do produto final, conquistamos a amizade dos atletas que respeitam e confiam no trabalho realizado. Conhecer a história de cada um e como chegaram até as Paralimpíadas, faz com que as próximas reportagens com eles sejam mais aprofundadas, tendo em vista já conhecê-los pessoalmente, emocionalmente e sermos confidentes de fatos inéditos que foram revelados.

Observar os olhos de cada um, muitas vezes, enchendo de lágrimas, fez aumentar a dedicação neste trabalho. A casa presenteada por Petrúcio Ferreira aos pais, o fim do alcoolismo da mãe de Cícero Nobre, a forma trágica como Damião Ramos perdeu a visão, a esmola que Marquinho pedia para ajudar a família e a maneira que a filha de José Roberto, com apenas 3

anos, cuida dos pais, fez-me derramar lágrimas de emoção e, concomitantemente, criou na minha alma e no coração a vontade de divulgar e contar essas histórias.

Diagnosticamos a importância do esporte como fator de inclusão social, que faria surgir mais atletas com deficiência no cenário esportivo, além de que os exemplos que trouxemos podem estimular as pessoas com deficiência à prática da atividade física.

Aprender e aprofundar a relação entre o texto jornalístico e o acadêmico, procurando utilizar e buscando diferenciar cada um deles. E ainda, a forma de narrar a reportagem, utilizando do jornalismo literário, abusando da liberdade e da criatividade dessa escrita. Apesar de ser uma dificuldade, mudar a maneira e forma de escrever constantemente acabou contribuindo para o crescimento pessoal e profissional.

Ao mostrarmos os problemas e contradições que surgiram na pesquisa à luz das histórias abordadas, esperamos contribuir para o debate e a crítica de situações que afrontam a inclusão social no esporte e as pessoas com deficiência, oferecendo à academia e à sociedade na esperança de uma discussão continuada para esclarecer as lacunas que surgem em uma produção acadêmica.

A experiência vivida neste trabalho será levada eternamente em minha alma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Paulo Ferreira de. **Desporto adaptado o Brasil: origem, institucionalização e atualidade**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/ INDESP, 1998.

BELO, Eduardo. **Livro- reportagem**. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto 2016.

BORGES, Rogério. **Jornalismo literário: análise do discurso**. Florianópolis: Insular 2013.

DUARTE, Jorge & BARROS, Antônio (Org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

NASCIMENTO, Dailton Freire do. Dailton Freire do Nascimento [jul.2017]. Entrevistador: S.P.Montenegro. João Pessoa-PB: telefone. Entrevista concedida ao Relatório de produto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (Mestrado Profissional) da Universidade Federal da Paraíba

HOLANDA, Helena Maria Duarte de. Helena Maria Duarte de Holanda [jul.2017]. Entrevistador: S.P.Montenegro. João Pessoa-PB: telefone. Entrevista concedida ao Relatório de produto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (Mestrado Profissional) da Universidade Federal da Paraíba

LANCE. **Comitê Rio-2016 registra novo recorde de venda de ingressos**. 26 agos 2016 Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.lance.com.br/jogos-paralimpicos/comite-rio-2016-registra-novo-recorde-venda-ingressos.html>> Acesso em 30 agos 2016;

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Editora Manole, 2009.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1990.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Atlas, 1986

MELLO, Túlio de; WINCKLER, Ciro. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

MIRANDA, Jailton Lucas de. Jailton Lucas Miranda: depoimento [ago. 2016]. Entrevistador: S.P.Montenegro. João Pessoa-PB: gravador digital e telefone. Entrevista concedida ao Relatório de produto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (Mestrado Profissional) da Universidade Federal da Paraíba

RAMOS, Andrade de Carvalho. **Curso de Direitos Humanos**. 3.ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2016

RIO 2016 Paralympics smash all TV viewing records. IPC. Bonn, 16 mar 2017. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/news/rio-2016-paralympics-smash-all-tv-viewing-records>> Acesso em: 9 jul 2017.

SILVA, Rita de Fátima de; SEABRA JÚNIOR, Luiz; ARAÚJO, Paulo Ferreira de. **Educação Física Adaptada no Brasil**. São Paulo: Editora Phorte, 2008.

SILVA, Maria Isabel da. Por que a terminologia "pessoas com deficiência"? **SIVC**. Disponível em: <<https://www.selursocial.org.br/porque.html>> Acesso em: 11 maio 2017.

VIEIRA, Isabela. Ingresso encalhado para Paralimpíada gera déficit à Rio 2016, diz prefeito. **Agência Brasil**. 19 agos 2016 Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/rio-2016/noticia/2016-08/ingresso-encalhado-para-paralimpiada-gera-deficit-rio-2016-diz-prefeito>> Acesso em 30 agos 2016.

VILAS-BOAS, Sergio. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Sumus, 2003

ANEXOS

ANEXO A

Ingresso encalhado para Paralimpíada gera déficit à Rio 2016, diz prefeito

19/08/2016 13h25

Rio de Janeiro

Isabela Vieira - Repórter da Agência Brasil

A menos de um mês da Paralimpíada, o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, disse hoje (19) que o encalhe dos ingressos da competição é uma das causas do déficit do Comitê Rio de 2016. Para tapar o buraco no orçamento da entidade, a prefeitura repassará R\$ 150 milhões e terá apoio do governo federal, que liberará mais R\$ 100 milhões. Uma liminar derrubou a decisão judicial que impedia o repasse de dinheiro público para entidade esportiva.

Eduardo Paes explicou que, no contrato com o comitê organizador, em 2009, já estava previsto um repasse de U\$ 700 milhões para completar o orçamento de R\$ 7,5 bilhões da Rio 2016, "principalmente da prefeitura, que assina o dossiê de candidatura", informou. Os governos tentaram evitar a transferência, mas como a venda de entradas ficou abaixo do esperado não conseguiram contornar o repasse para a organização.



Para Eduardo Paes, a venda de ingressos em cima da hora pode aliviar o tamanho do montante a ser transferido. Arquivo/Cristina Indio/Agência Brasil

"Como a gente ia saber que o povo não ia comprar ingressos"?, criticou. "Trabalhamos para não ter [o repasse de U\$ 700 milhões] e ainda trabalhamos para não ter", acrescentou, confirmando que a venda de ingressos em cima da hora pode aliviar o tamanho do montante a ser transferido.

Paes aposta no carisma dos atletas paralímpicos para encher as arenas em cima da hora e cobra a torcida brasileira. "Para nós, será uma honra receber as Paralimpíadas. O Rio de Janeiro vai fazer a competição com qualidade, dignidade e respeito aos atletas. Se a Olimpíada já ocorre sobre superação, sobre exemplo, motivação, imagine os paralímpicos." Apesar de a Justiça Federal ter autorizado a transferência de recursos públicos, o montante ainda está embargado por uma decisão do Tribunal Regional Eleitoral do Rio, que viu fins eleitoreiros na medida às vésperas de eleições e proibiu a transação. A prefeitura recorreu da decisão.

Sucesso da Olimpíada

Ainda faltando dois dias para o fim da competição olímpica, Paes informou que o evento foi um catalisador para mudanças na cidade e voltou a defender o uso de recursos privados, apesar das críticas.

Para o Comitê Popular da Copa e da Olimpíada, que reúne organizações não governamentais e institutos de pesquisa, o patrimônio público foi vendido ou concedido à iniciativa privada por valores abaixo da tabela. Um exemplo são terrenos na Barra da Tijuca, onde foi levantada a Vila dos Atletas e cujos imóveis serão vendidos diretamente pelas construtoras.

Conforme Eduardo Paes, a parceria evitou o aporte de recursos públicos e de "elefantes brancos". "Uma vez que tínhamos um orçamento pequeno, temos orgulho da organização. Na comparação com outras olimpíadas, como a de Pequim, essa é uma das mais baratas".

Paes falou à imprensa ao lado da governadora da cidade de Tóquio, Yuriko Hoike, durante entrevista à imprensa sobre a passagem da bandeira olímpica. Em 2020, o Japão será a sede da próxima edição dos jogos.

Edição: Armando Cardoso

ANEXO B

LANCE!

26/08/2016

11:42

Rio de Janeiro

A venda de ingressos para os Jogos Paralímpicos Rio 2016 bateu um novo recorde. Em um dia, foram negociadas 145 mil entradas para o evento, que começa no próximo dia 7 de setembro. O recorde anterior havia sido registrado na véspera, quando 133 mil bilhetes foram comercializados.

- Os atletas Paralímpicos não têm limites e a paixão e a energia das arenas irão inspirá-los a feitos incríveis. É muito bom que tenhamos dito um novo recorde de vendas, com 145 mil ingressos comercializados na quarta. Agora é a hora de comprar seus ingressos e fazer parte da história apoiando esses verdadeiros heróis do esporte - disse Donovan Ferreti, diretor de ingressos do Comitê Organizador Rio 2016.

Ao todo, 800 mil dos 2,5 milhões de tíquetes disponíveis para os Jogos Paralímpicos já foram comprados.

- Finais de modalidades como natação e basquete em cadeira de rodas já estão esgotadas - afirma Donovan.

Segundo ele, futebol de 5, judô e ciclismo de pista são outros esportes que estão entre os mais procurados pelos espectadores. De acordo com Donovan, os bilhetes de fim de semana têm sido mais disputados, em função do fim das férias escolares no Rio.

Goalball, bocha e tênis em cadeira de rodas são algumas das modalidades que ainda têm um bom número de tíquetes à venda. Os interessados devem acessar o site www.rio2016.com/ingressos para comprar. Há bilhetes com preço a partir de 10 reais. Pessoas com deficiência e maiores de 60 anos têm direito à meia-entrada em todas as faixas de preço, assim como estudantes e professores da rede pública municipal, na categoria das entradas mais baratas.

ANEXO C

12/09/2016 06h50 - Atualizado em 12/09/2016 07h23

Paralimpíada chega a 1,9 milhão de ingressos vendidos

Só neste domingo (11) público adquiriu 45 mil bilhetes.

Maioria dos ingressos foi vendida em bilheterias.

Do G1 Rio

O diretor comercial da Paralimpíada Rio 2016, Renato Ciuchini, informou, durante entrevista ao Bom Dia Rio desta segunda-feira (12), que já foram vendidos 1,9 milhão de ingressos para as competições.

Ainda de acordo com Ciuchini, já não há mais bilhetes disponíveis para competições no próximo final de semana no Parque Olímpico. "Quem quer conhecer o parque, a oportunidade é agora até sexta-feira", disse ele durante o telejornal, que contou ainda com a presença do mascote Tom.

Só no domingo (11), 45 mil ingressos, sendo 30 mil nas bilheterias e 15 mil através do site, foram vendidos. O maior número de vendas na bilheteria configura uma mudança em relação às Olimpíadas, que tinha vendas maiores no site. Segundo o diretor comercial, basquete em cadeira de rodas, rúgbi, atletismo e natação são os esportes mais procurados.

LIVRO-REPORTAGEM

**CINCO ATLETAS
PARALÍMPICOS E SUAS
HISTÓRIAS DE VIDA**

Sérgio Montenegro

A largada

Começar o Mestrado em Jornalismo na UFPB foi uma das minhas maiores alegrias, em 2015. A ideia inicial era cursar Jornalismo, mas, como já havia terminado Contabilidade e Direito, achei que seria exagero ingressar em um terceiro curso de graduação e optei pelo mestrado. Era também uma forma de aliar a minha prática na TV com a teoria ofertada pela pós-graduação.

Quando comecei, minha dissertação seria em jornalismo cultural (fui ator por 15 anos), mas, como estava apresentando um programa esportivo, resolvi mudar o tema e escrever o trabalho em um assunto que gosto e vivencio diariamente: o esporte.

Tomei a decisão de realizar um livro-reportagem, após assistir a uma aula do Professor Dr. Hildeberto Barbosa Filho, que comentou a importância de elaborarmos produtos em nossos trabalhos, sejam eles livros, sites, programas de rádio, entre outros.

Achei chique a ideia e, quando os colegas de turma me perguntavam sobre o que seria o meu trabalho, respondia com certa empáfia:

- Um livro-reportagem.
- Sobre qual assunto?
- Não sei, mas farei um livro-reportagem.

Chegamos na disciplina de Seminário de Trabalho Final I, cuja professora era a Dr^a. Joana Belarmino, por sinal, minha orientadora no mestrado. Ainda não havia falado com ela, mas já havia decidido que seria um livro-reportagem sobre cinco paraibanos que competiram nas Paralimpíadas do Rio 2016.

Durante a aula, ela perguntou a cada um sobre o trabalho. Minhas mãos suavam, estava nervoso e louco para dizer “um livro-reportagem” em alto e bom som. Chegou a minha vez.

— O que você vai fazer, Sérgio? Perguntou com toda a simplicidade, que lhe é peculiar.

— Um livro-reportagem, disse feliz da vida e me achando o máximo.

Mal sabia o que me esperava nas perguntas de Joana.

— Muito bem! Você sabe o que é um livro-reportagem?

Gelei.

— Olha, eu acho que....

Dei aquela pausa de quem não sabe o que é e fica procurando palavras.

— Você precisa saber. E é sobre o quê?

— A história de vida de cinco atletas paraolímpicos paraibanos, respondi com um pouco da soberba que me restava.

—Ah, um perfil jornalístico?

—Isso, exatamente isso.

— E você sabe o que é um perfil jornalístico?

— Olha.....o perfil jornalístico é.....

Percebendo que não iria responder, mandou outra.

— Para fazer um perfil, você precisar pesquisar também sobre entrevista em profundidade. Já leu sobre o assunto?

— Bom, eu costumo fazer entrevistas e....

— Gente, para fazer um livro-reportagem vocês têm que pesquisar sobre esses temas.

Restou-me ouvir, recolher-me e voltar a humildade de um pesquisador iniciante. Pode até soar bonito dizer que vai escrever um livro-reportagem, todavia, percebi, para chegar a isso, eu ainda teria um longo caminho pela frente.

Se o leitor acha que acabou os assuntos teóricos, engana-se. Restava ainda passar pela banca de qualificação composta pela Dr^a. Joana Belarmino (minha orientadora), o Dr. Edônio Alves Nascimento e a Dr^a. Sandra Regina Moura.

Era dezembro de 2016. Universidade vazia e só estávamos nós em uma sala de aula. Para a qualificação, já havia escrito um pouco sobre livro-reportagem, perfil jornalístico e entrevista em profundidade. Também já havia conversado com dois atletas e escrito as suas respectivas histórias.

— Seria bom você escrever sobre jornalismo literário e se soltar mais nas histórias, disse Professor Edônio.

— Faltam mais autores nessa sua bibliografia e aprofundar mais essa fundamentação teórica, acrescentou Professora Sandra.

Pelo menos, a alegria da aprovação na qualificação superou a quantidade de trabalho que ainda teria. Nunca pensei que, para escrever um livro, precisaria disso tudo. Balancei apenas a cabeça concordando e pensei: “prometo que nunca mais, meu Deus, terei empáfia.”

Foram seis meses de dedicação em que pude conhecer as histórias da infância, os preconceitos sofridos, as dificuldades, as alegrias, as derrotas e as conquistas desses cinco atletas: Cícero Nobre e Petrúcio Ferreira no Atletismo, Damião Ramos e Marcos Felipe no Futebol de 5 e José Roberto no Goalball.

Cada um com as suas singularidades:

- Um cego que chegava a andar até 20km de bicicleta;
- Um garoto que, aos 17 anos, trocou o seu conforto para presentear os pais com a primeira casa própria;
- Um pedinte numa feira livre, que conquistou quatro medalhas de ouro em parolimpíadas diferentes;
- A mãe de um atleta que parou de beber por conta das conquistas do filho;
- A fatalidade de um tiro no rosto, que tirou a visão de um garoto de 16 anos e o transformou em tricampeão paralímpico.

Enfim: trabalho concluído. Mãos à obra!

Das feridas da vida à vitória



Foto: Divulgação/Comitê Paralímpico Brasileiro

Cícero Nobre
Atletismo

O sol estava escaldante nesse dia no sertão paraibano. Em uma estrada de barro, cercada por mato, caminhava o garoto Cícero, de apenas sete anos de idade. Ele fazia a sua jornada diária de quarenta minutos em direção à escola. Alguns de seus familiares revezavam-se nesse caminho para levá-lo.

— Não aguento mais! Dói!

— Ô, meu filho. Você precisa aguentar.

Ele começou a chorar. Sentou no chão. Não queria ir mais à escola.

— Vamos esperar para ver se passa alguém de cavalo para levar você.

Enquanto isso, Cícero sentou e tirou os sapatos. Seus pés já haviam formado feridas que doíam toda vez que os tocava no solo. A espera pelo cavalo demorou, mas, enquanto isso, passou pelo local um grupo de trabalhadores rurais. Ao pedir ajuda, Cícero foi colocado nos braços por um deles e levado de volta para casa. Era um martírio estudar. Ele não suportava mais e desistiu. Mas não era só isso.

— Vai, Alejjado! É tua vez.

— A culpa é de Pé de Concha.

Não eram só as dores e as feridas que o incomodavam. Ele não tinha nome, mas apelidos pejorativos. Além disso, quase nunca era chamado para brincar pela maioria das crianças. Tinha poucos amigos. Apesar de gostar e da vontade de querer aprender e estudar, ele não queria mais sair do seio de sua família e da sua casa, pois era ali que se sentia acolhido e amado.

Para ele retomar os estudos, seus pais foram morar em um sítio mais perto da escola. Seu sonho ainda é cursar uma universidade.

Ele nasceu com uma má formação congênita bilateral nos dois pés. Nunca procurou saber com sua mãe os motivos de ter nascido assim e nem quer, pois é feliz desse jeito e não deseja mudar.

Nem mesmo quando os médicos sugeriram a cirurgia para amenizar a deformação, conseguiram fazer com que ele se interessasse em fazê-la depois de adulto. “Para quê, né? Sou feliz assim. Desde a infância, eu faço de tudo, inclusive

correr e brincar no meio do mato”, fala um Cícero que, realmente, parece não se incomodar com a sua deficiência, pois, para ele, é apenas um detalhe em sua vida.

Cícero teve a oportunidade também de fazer a cirurgia, ainda quando criança, com o médico Juciano Lucas. Era a época certa de fazer, pois ainda estava muito novo e melhoraria muito a sua forma de caminhar, mas os pais não quiseram: “O que Deus fez, o homem não desfaz. Se Ele quis que meu filho fosse assim, assim ele vai ficar”, disseram para o médico.

A família morava em um sítio. Uma casa com quatro cômodos, sendo dois quartos, uma sala com uma mesa de madeira grande, herança dos bisavós, uma cozinha com fogão à lenha e camas. As roupas eram guardadas em malas que ficavam nos dois quartos do pequeno lar.

Cícero nasceu no Sítio Serra de São Pedro, no município de Aguiar na Paraíba, mas a família residia em Igaracy, cidade localizada no sertão paraibano, no Vale do Piancó, a 454km da capital João Pessoa e com pouco mais de seis mil habitantes. É um jovem atleta de apenas vinte e cinco anos. Nasceu no dia 23 de maio de 1992, mas o cartório o registrou em 23 de junho de 1992.

— Posso comemorar duas vezes por ano o meu aniversário, brinca Cícero, sorrindo.

A primeira vez que o vi foi em 2014, em uma reportagem sobre o basquete em cadeiras de rodas. Foi uma tarde divertida. Cheguei no ginásio onde eles treinavam, e a ideia era mostrar que não é tão simples assim arremessar a bola sentado em uma cadeira de rodas – isso porque a altura das cestas são as mesmas do jogo de basquete tradicional: 3,04 metros.

A turma era animada e estava feliz por divulgarmos a modalidade. Após as entrevistas, propus jogar com eles. Arrumaram uma cadeira para mim, amarraram as minhas pernas para eu ficar mais seguro e não utilizá-las durante o jogo. Desde a hora em que cheguei, fiquei impressionado com a velocidade e a precisão nos passes e arremessos de alguns.

Um deles era Cícero, talvez o mais novo da equipe. Entrei no jogo e, em não mais que cinco minutos, já sentia dores nos braços por conta da força exercida para me locomover com a cadeira de rodas. Mania de ser competitivo.

Já não conseguia acompanhar a turma, mas, em um determinado momento, peguei na bola e imprimi toda a força que podia para me locomover o mais rápido possível. Do nada, surgiu Cícero me trancando e, aí, eu já não tinha mais condições físicas para esboçar qualquer reação. Os braços grandes dele me impediam de jogar a bola. Era difícil passar por ele. Joguei a bola para um companheiro e, de repente, muitos foram se aproximando de mim, me trancaram com as cadeiras e começaram a tirar os parafusos das rodas. Como eu estava amarrado na cadeira, não tive muito o que fazer. Eles tiraram as rodas e me jogaram no chão, tudo com muito cuidado para eu não me machucar. Era o meu batizado no basquete em cadeira de rodas. Um dos esportes que Cícero praticou.

Ele começou na prática esportiva há seis anos apenas, em 2011, quando a irmã foi morar em Natal. Sua mãe, que já estava separada do seu pai, foi junto.

Um dia, ele estava passeando na rua e conheceu uma pessoa que, percebendo a sua deficiência, convidou-o para praticar esportes e falou de três modalidades: halterofilismo, natação e basquete em cadeira de rodas. Ele preferiu a natação e treinou na Sociedade Amigos do Deficiente Físico do Rio Grande do Norte (SADEF), em Natal, um dos clubes de destaque no estado. Não foi um esporte em que se adaptou. Percebia que ficava longe dos atletas de sua categoria e, como não se tornou competitivo, acabou desistindo.

Em 2012, voltou para a Paraíba e conheceu Jailton Miranda, um dos precursores do paradesporto no estado, que acabou mostrando para Cícero o atletismo, na modalidade de lançamento de dardo. Porém, como o professor também era técnico de basquete em cadeira de rodas, Cícero foi convidado a participar dos treinos, praticando de forma simultânea os dois esportes.

Foi quando surgiu um campeonato Norte-Nordeste de lançamento de dardo e Cícero resolveu participar, obtendo a primeira colocação na sua categoria. Mas,

como não obteve o índice para participar do Brasileiro, resolveu parar de treinar atletismo e se dedicar apenas ao basquete em cadeira de rodas, chegando a ser convocado para a seleção brasileira sub-23. Apesar de ter treinado com a seleção durante quinze dias, acabou não sendo selecionado para participar do Sul-Americano no Chile.

Desanimado, mais uma vez, desistiu das cestas e decidiu que deveria focar em apenas uma modalidade, passando a se dedicar integralmente ao atletismo no lançamento de dardo.

Cícero fazia o lançamento em pé mesmo e, com pouco tempo de treino, chegou a ter a segunda melhor marca do mundo na sua categoria, a F43: “F” é do inglês, “field”, e significa campo; e o número 43 é para aqueles atletas que são amputados ou possuem deficiência nos membros inferiores. Entretanto, o arremesso de dardo em pé não estaria mais nos jogos Paralímpicos Rio 2016, o que levou o atleta a tomar uma decisão que poderia mudar sua vida.

Mesmo na lista dos melhores do mundo no lançamento em pé, Cícero resolveu fazer o arremesso sentado na cadeira, pois assim poderia tentar participar dos Jogos Paralímpicos caso conseguisse a classificação, já que essa forma de arremesso estaria na competição.

A mudança seria muito significativa, pois alteraria toda a mecânica do corpo, assim como o treinamento, e ele não poderia usar mais as pernas nem o quadril durante o lançamento. Com essa mudança, ele arremessaria o dardo sentado em um banco, com as pernas amarradas, fazendo com que a força para o arremesso fosse obtida apenas pelo movimento do tronco e do braço.

A partir daí, passou a seguir uma rotina de atleta profissional. Saía de casa em direção ao ponto de ônibus, esperava entre dez e trinta minutos. Chegava à Universidade Federal da Paraíba, encaminhava-se para a pista de atletismo. Cumprimentava todos os amigos que treinavam no mesmo horário, das três horas da tarde até as seis da noite, e ajeitava o seu cantinho.

Dentro da pista de atletismo, existe um banco acolchoado com aproximadamente oitenta centímetros de altura. É lá que ele senta, amarra dois cintos sobre as coxas para que elas não se movimentem e começa a lançar os dardos, que ficam na própria universidade. Existe também uma barra de apoio, ao lado do banco, que ele segura com a mão esquerda para se apoiar e, com a outra, faz o arremesso.

Os dardos, na verdade, são como aquelas lanças que foram utilizadas, nos primórdios, pelo homem para a caça e a guerra. Mas os de Cícero têm um outro objetivo. Pesam pouco mais de oitocentos gramas cada e são o instrumento de trabalho de um jovem que queria chegar às Paralimpíadas do Rio de Janeiro em 2016.

Ele só teria sete meses de treinamento para tentar participar dos jogos. Começou a realizar um trabalho com o fisioterapeuta Wellington Almeida e, com o apoio do seu técnico Pedro Almeida, iniciou um intenso treinamento. O tempo era curto para se preparar, mas ele acreditava que conseguiria; porém, antes, precisaria participar de uma competição em São Paulo.

Para chegar na capital paulista, ele teve que caminhar muito atrás de apoio para passagens e hospedagens. A competição era muito importante para ele, pois valeria como índice para os Jogos e era praticamente a sua última chance, caso quisesse participar das Paralimpíadas. Por isso, passou algumas semanas com muita angústia: a família não tinha como apoiá-lo financeiramente e as empresas que visitou responderam negativamente às solicitações de patrocínio. Parecia que o sonho não se concretizaria.

A crença em Deus era forte e ele sempre repetia: “Deus sabe de todas as coisas”. E sabe mesmo. Em uma ligação que sua irmã Bia fez para um colega de Igaracy que trabalha no meio da política, ela conseguiu o telefone de um conhecido político para eles entrarem em contato.

Por ser muito procurado, nem Bia, nem Cícero acreditaram que seria possível o contato, mas seguiram em frente, mandaram uma mensagem através

do aplicativo *whatsapp* e receberam como resposta uma solicitação para eles irem ao gabinete do político.

Chegando lá, ficaram assustados com a quantidade de pessoas para serem atendidas e a fila que estava formada no local. Apareciam também muitos parlamentares e gestores públicos. Depois de algum tempo, eles não foram atendidos, mas receberam um recado para que fossem em um outro escritório desse político alguns dias depois.

Com os nervos à flor da pele, esperaram e foram até lá no dia combinado. Acabou dando certo e Cícero embarcou para São Paulo, onde pôde competir e obteve a segunda melhor marca do mundo.

Mesmo assim, Cícero não estaria garantido nas Paralimpíadas do Rio e precisaria aguardar o dia da convocação oficial de todos os atletas, pois a obtenção do índice técnico para uma competição nem sempre é sinônimo de garantia para viajar para os Jogos.

Mas não era só essa expectativa e ansiedade que estavam tirando o sono dele. Havia um motivo maior e mais importante que qualquer outro sonho: a saúde da sua mãe.

Em 2012, Corrinha, outra irmã de Cícero, faleceu em um acidente de carro. Foi um choque para a família, principalmente para a sua mãe, Dona Francinha, que acabara de perder uma filha. Inconformada com a situação, a mãe de Cícero começou a beber demasiadamente, acreditando que com a bebida a dor, pela perda da filha, amenizaria, ou até mesmo passaria, tamanho sofrimento.

As bebidas começaram a se tornar diárias, e isso deixou a família muito preocupada. Ela era uma alcoolista. Cícero se incomodava muito com isso, fazia diversos pedidos para ela parar. Infelizmente ela não atendia.

Como mãe, ela acompanhava a luta de Cícero nos treinos, as dificuldades para conseguir passagens para as competições e o desejo dele de ir às Paralimpíadas. Não se falava em outro assunto na família. A expectativa era muito

grande. Um dia, os dois estavam conversando e ela disse, olhando dentro da janela de sua alma:

— Filho, se você conseguir ir para os Jogos, eu paro de beber.

Os olhos dele se encheram de lágrimas. Era tudo o que ele e a família queriam: a sobriedade e a volta da alegria de Dona Francinha. Não eram só as conquistas esportivas que motivavam Cícero nesse momento, mas também a saúde de sua mãe, e por ela, especificamente, ele lutaria e treinaria com uma força e uma garra que surpreenderia até os colegas de treino durante a preparação. Sua determinação aumentou e a cada lançamento realizado na UFPB era em sua mãe que pensava.

O dia da convocação chegou, ele ficou isolado no quarto à espera da realização de seu sonho. Ligou o computador, acessou a rede social *Facebook*, entrou na página do Comitê Paralímpico Brasileiro e ficou atualizando a cada minuto.

Quando foi publicado e ele leu seu nome “Cícero Nobre”, deu um grito alto, provocando a correria de todos em direção a ele. E foi com lágrimas nos olhos e aos gritos de “Estou convocado! Estou convocado!” que ele recebeu os abraços das irmãs e da sobrinha, que o chamam de amor.

Foi uma surpresa muito grande e, como por impulso, assim que soube, ligou para o seu treinador, tentou falar com sua mãe e seu pai, mas não obteve sucesso por conta do sinal do celular, o que acabou sendo um pouco angustiante para o garoto de Aguiar que queria comunicar aos pais a sua conquista.

Sendo que notícias assim correm feito água, e ele começou a receber várias mensagens, inclusive da sua mãe, com quem falou pouco tempo depois. “São momentos que ficam difíceis de descrever. É preciso sentir na pele”, falou um Cícero pensativo, como que voltando ao tempo daquela sensação que marcou a sua vida.

Era um peso muito grande que estava retirando dos ombros: o menino que saiu do sertão paraibano chegava agora às Paralimpíadas no Rio de Janeiro.

O dia da competição dele nos Jogos foi 12 de setembro de 2016. Cícero precisaria fazer seis lançamentos e a melhor marca valeria para disputar o título de campeão. O objetivo é lançar o dardo o mais longe possível. Toda a sessão de treinos e preparação muscular já havia sido feita e, portanto, a hora agora era de concentração e foco.

O estádio estava lotado e a torcida gritava o seu nome toda vez que ele era chamado para o arremesso. Nessa hora, apesar de todo o barulho dos torcedores e da movimentação no estádio, a voz do pensamento ecoa muito mais forte, parecendo que o mundo para ou até mesmo não existe. Atleta e dardo formam um só corpo. Quase nada se escuta. Apenas a respiração.

Por isso, a tranquilidade de um atleta que já está acostumado a competir acaba sendo fundamental nesse momento. E com Cícero não foi diferente – apesar de achar que ficaria nervoso, sentiu-se calmo e a sua expressão facial, na hora do arremesso, transmitia serenidade. Seu foco era apenas os seis lançamentos que precisaria fazer, todos eles seguidos sempre de um grito.

— Arrrrrrrrrrrr!

— Quarenta e dois metros e noventa centímetros, narrou o locutor.

Aplausos do público. Foi o seu melhor lançamento nesse dia, mas Cícero não conseguiu a tão sonhada medalha, obtendo o quarto lugar na sua primeira participação em uma paralimpíada. Ele estava no segundo lugar do ranking mundial, por isso esperava um pódio; entretanto, surgiram atletas de outros países que não haviam participado ainda de competições e que ele nem mesmo conhecia.

Agora, sua esperança de medalha será nas Paralimpíadas de Tóquio, em 2020, e ele acredita que será diferente, pois começará um ciclo paralímpico planejado de quatro anos. Para o do Rio, foram apenas sete meses, pouco tempo para almejar uma medalha de ouro.

O garoto de Igaracy pode não ter ganhado a medalha nas Paralimpíadas do Rio, mas muita coisa mudou na sua vida de atleta. No pouco tempo em que se dedicou, além das amizades conquistadas, ele acredita que se tornou uma pessoa

mais focada e destemida, tanto que muitas vezes abre mão de sair com os amigos, curtir festas, entre outros eventos que todo jovem gosta de fazer. Tudo isso para se dedicar aos treinamentos. Cícero confessa que acha ainda pouco o investimento realizado nos atletas paralímpicos, principalmente quando se compara com os olímpicos, mas mesmo assim, ele acredita no crescimento do esporte nessa área e que o maior legado dos Jogos foi justamente mostrar as diversas modalidades, assim como as dificuldades que cada um tem que superar, e, por isso, a tendência é que surjam novos investidores, além de, principalmente, novos atletas.

Também, muitas pessoas com deficiência, por conta dos Jogos, sentir-se-ão incentivadas a começar a treinar algum esporte e conseqüentemente isso trará mais atletas, deixando as várias modalidades existentes muito mais competitivas.

Ao falarmos de inclusão social, Cícero relembra algumas críticas que sofre por algumas pessoas que dizem que competir e praticar no esporte paralímpico é fácil: “Perca um braço e uma perna e vá competir no esporte paralímpico para você ver se é fácil”, responde sem titubear.

O crescimento dele no esporte vem, aos poucos, estimulando outros a iniciarem na modalidade. Ele chegou a receber uma mensagem pelo aplicativo *whatsapp* de um atleta campinense que iniciou também no atletismo graças aos resultados obtidos por Cícero.

— É muito gratificante, enfatiza.

Após a nossa conversa, ficamos batendo um papo e relembramos uma vez em que eu fui gravar com ele o lançamento de dardo. Nessa reportagem, eu o desafiei na modalidade. Ele lançou em pé e eu também. Na época, ele chegou a lançar a uma distância de 46 metros. Quando lancei, a distância ficou em 19 metros. Demos risadas.

— Tá vendo? A gente faz coisas que uma pessoa sem deficiência não faz e não consegue.

Essa por exemplo é uma delas. Cícero tem toda a razão.

Ah! Acredito que, a essa altura, o leitor deva estar se perguntando por Dona Francinha. Desde a convocação de Cícero para as Paralimpíadas do Rio, ela nunca mais colocou uma gota de álcool na boca.

Raio Desgovernado: uma história em 10 segundos



Foto: Divulgação/Comitê Paralímpico Brasileiro

Petrúcio Ferreira

Atletismo

Concentrado na largada, aguardava o tiro que marcaria o início da prova. Se largasse antes, seria desclassificado. Assim, toda a concentração é necessária nesse momento tenso.

Onze de setembro de 2016.

O Estádio Engenhão, no Rio de Janeiro, estava lotado. Pessoas de várias cidades do Brasil e de outros países ocupavam as arquibancadas para assistir às provas de atletismo nas Paralimpíadas 2016.

Ali, iriam ocorrer as finais de diversas competições, mas uma, a da corrida dos 100m rasos, categoria T47, era especial para um menino de apenas 19 anos, chamado Petrúcio Ferreira, que representava São José do Brejo do Cruz, cidade do interior da Paraíba, com apenas dois mil habitantes e distante cerca de 400km da capital João Pessoa. Nessa cidade, a carência de serviços assistenciais e de uma maternidade, à época, fez com que a mãe de Petrúcio fosse, em trabalho de parto, para Caicó, no Rio Grande do Norte, onde ele nasceu. Entretanto, ele se considera paraibano.

É comum que os atletas, momentos antes da competição, escutem música para relaxar ou mesmo para se estimular na hora da prova. Alguns escutam rock, outros, música clássica, alguns música gospel, cada um tem a sua preferência, inclusive a de não escutar nada. Mas Petrúcio prefere escutar um *funk* feito especialmente para ele, por Aristóteles Rodrigues, o Mc Tota, funcionário da UFPB e fã do “Raio Desgovernado”, cognome pelo qual Petrúcio ficou conhecido. E, ao som e à letra do *funk*, ele se concentra para a finalíssima:

“Chegou o Raio Desgovernado

Bate de frente pra ver

O Petrúcio nos 100 metros

Nos 200 pode crer

João Pessoa pro Brasil

Do Brasil pro exterior

Na pista, ele é o cara

Na pista, ele é o terror”

Faltavam poucos minutos para começar a grande final, Petrúcio já se encaminhava para o bloco de largada. Era um momento de tensão para qualquer atleta.

Durante a apresentação dos competidores, a câmera de TV se aproximou do atleta. Ao dar um *close* em Petrúcio, ele colocou a mão direita na frente do rosto, escondendo a cara, depois sorriu e ajeitou o cabelo, como se estivesse penteando, com o antebraço esquerdo e depois com o braço direito. Assim, expressava tranquilidade em um gesto vaidoso e ao mesmo tempo descontraído, como faz o campeão olímpico jamaicano Usain Bolt, seu ídolo.

Petrúcio, olhando o estádio lotado, sentia sua grande responsabilidade. Até os cinco anos de idade, morou no Sítio Campo da Paz com seus pais, Seu Paulo e Dona Rita, e sua irmã Parla. Casa de barro e madeira, sem mobília. Apenas uma rede para seus pais e um colchão em cima da terra batida para dormir ao lado da irmã mais nova. O guarda-roupa era uma caixa de papelão. Havia na pequena casa fogão à lenha e panelas de barro. Não tinha geladeira. Quando a família comprava algo perecível, sua mãe pedia para guardar na casa de Dona Madalena, a vizinha que residia a cerca de 200 metros, distância que o levaria para o mundo. Lógico que ele ia e voltava correndo para deixar a comida lá. Não passava fome, tinha café da manhã, almoço e jantar. O arroz com feijão não faltava.

Seu pai ganhava o pão de cada dia na roça. Um dia, Petrúcio observava-o trabalhando em uma forrageira, máquina que serve para triturar e desintegrar forragens, cana-de-açúcar, capim, entre outras plantas. Como todo garoto de dois anos de idade, ele era muito curioso e, quando a máquina já estava desligando, ele colocou o braço dentro. Foi o suficiente para perder parte do seu membro superior esquerdo.

Durante muito tempo, seu pai ficou abalado e não falava nesse assunto, sentia-se culpado. Porém, Petrúcio disse-lhe uma vez: “Não se sinta culpado, pai.

Aquele acidente transformou-se em vitória para mim”. Ele sempre busca algo bom, mesmo em situações difíceis. No próprio acidente, o filho de São José do Brejo do Cruz vê um lado positivo, pois, se a máquina não estivesse parando, poderia ter lhe puxado por inteiro.

Um pouco depois do acidente, a família mudou-se e foi morar no Sítio Olho d’Água, no mesmo município. A casa, maior e construída com tijolo e alvenaria, foi entregue pelo proprietário da terra onde seu pai trabalhava. Eram dias melhores.

Agora, todos estavam perfilados para a largada. Oito competidores, entre eles, o seu amigo Yohansson, nordestino do estado de Alagoas. Por não ter parte do membro superior, Petrúcio, ao se abaixar para a largada, apoia a mão direita no chão e o antebraço esquerdo em um pedaço de cano para dar a sustentação. Os pés já estão acomodados no bloco de largada. Faltava pouco para um dos seus maiores desafios. Naquele momento, estava se realizando um grande desejo seu: lutar pela medalha de ouro nas Paralimpíadas. Precisaria voar para conquistar.

Há 15 anos, não era essa a sua ambição. Como toda criança, ansiava por ganhar um brinquedo. Seu sonho: um aviãozinho, por pequeno que fosse, mas seus pais não tinham dinheiro. Nem por isso, deixara de brincar. Suas brincadeiras infantis eram pega-pega e esconde-esconde com os garotos da sua idade. Até o dia em que sua mãe trouxe o sonhado brinquedo de presente. Seus olhos brilharam de alegria. Saiu correndo pelo sítio. Brincando e sonhando. Ao retornar para casa, disse: “Um dia ainda vou voar de avião, mãe!”.

Ao ouvir “às suas marcas”, últimas palavras ditas pelo juiz da prova, Petrúcio levantou o quadril e se preparou para a largada. O batimento cardíaco aumentando com a adrenalina. O estádio em silêncio, aguardando a prova mais famosa do atletismo. Oito competidores à espera do tiro de largada:

Raia 2 – Ahmad Ojachlou, do Irã

Raia 3 – Gabriel Cole, da Austrália

Raia 4 – Raciél Gonzales Isidoria, de Cuba

Raia 5 – Yohansson Nascimento, do Brasil

Raia 6 – Michal Derus, da Polônia

Raia 7 – Petrúcio Ferreira dos Santos, do Brasil

Raia 8 – Roderick Townsend-Roberts, dos Estados Unidos

Raia 9 – Wang Hao, da China

Sua categoria é a T47. O “T” vem do inglês, “track”, que significa pista; e o número 47 é usado para identificar atletas que são amputados ou possuem alguma deficiência nos membros superiores.

Apesar de durar poucos segundos, a corrida dos 100m rasos é uma prova decidida em detalhes porque se divide em cinco etapas: tempo de reação, aceleração, transição, velocidade máxima e desaceleração.

Cada etapa dessas precisa ser trabalhada exaustivamente. A prova mais rápida do atletismo não pode ter falha. Um erro em qualquer dessas fases, por menor que seja, pode comprometer o resultado do competidor. Mas ele havia trabalhado cada etapa exaustivamente com o seu treinador Pedro Almeida, o Pedrinho, como é mais conhecido no meio esportivo da Paraíba.

Ouve-se o tiro.

O silêncio do estádio é transformado em um barulho ensurdecedor. A torcida grita forte como que empurrando os dois brasileiros nessa final. Parece até algo combinado entre o atleta e a torcida. É como se o atleta pedisse para gritar por ele e a torcida atendesse ao pedido. A vibração do som empurra o atleta, como um estímulo para que o corredor chegue ao seu máximo. É uma energia positiva que ajuda o competidor a se superar.

Um segundo de prova e Petrúcio está na sétima colocação. Não largou bem e seus adversários explodiram na sua frente. Tiveram um tempo de reação menor do que o dele.

Continuou correndo forte da mesma forma que corria quando era jogador de futebol. Começara a jogar aos oito anos e chegou a representar, algumas vezes,

a equipe da sua cidade. E foi jogando pela sua escola, Olívia Saraiva, nos Jogos Escolares Paraibanos em Catolé do Rocha, que foi descoberto por Ricardo Ambrósio, participante da organização dos jogos estudantis. Ricardo Ambrósio ficara impressionado com as arrancadas do menino e conversara com Paulo Roberto, técnico da escola. Em seguida, veio o convite: participar de uma prova de velocidade nos Jogos Escolares Paralímpicos da Paraíba, que seriam realizados em João Pessoa.

Ele nem sabia ainda o que era o paradesporto e foi pesquisar sobre as competições em sites de vídeos.

Aceitou o desafio e o inscreveram em três provas: arremesso de peso, salto em distância e na corrida de 100m rasos. Ganhou as três e se classificou para o Campeonato Brasileiro, em São Paulo. Mas aí a mãe não queria deixá-lo ir. Foi preciso o professor Gilmar, que trabalhava na Secretaria de Juventude, Esporte e Lazer do Governo do Estado, viajar quase 400 quilômetros para convencer os pais do jovem talento. O medo dela era de que o filho fosse sequestrado, pois estava impressionada com o tema da novela “Salve Jorge” na TV Globo, que falava sobre raptos de criança. Com a insistência de todos, ela acabou sendo convencida e ele embarcou para São Paulo.

Dois segundos de prova, e o “Raio Desgovernado” entrava na segunda fase dos 100m, a aceleração. Havia avançado um pouco mais. Agora, conseguira a sexta posição. Seu corpo ainda estava inclinado e prestes a entrar na posição ereta, momento em que buscava o máximo de aceleração.

Três segundos de prova, e ele já chegava à terceira fase: a transição, período que intermedia a aceleração e a velocidade máxima do atleta. Seu corpo já estava ereto e ele buscava agora a velocidade máxima.

Essa postura ereta do corpo nunca tinha sido utilizada muito bem por ele até dois anos atrás. No início da sua carreira, corria de forma desgovernada e descoordenada, mas, mesmo assim, alcançou duas vitórias que o marcaram: realizou o sonho de viajar de avião e chegou à final dos Jogos Escolares

Paralímpicos Brasileiros em novembro de 2013. Conquistou o ouro no arremesso de peso. Embora fosse o único competidor, só o fato de participar já havia valido a pena. Na prova de salto em distância, ficou em segundo lugar. E venceu a corrida dos 100m com o tempo de 11 segundos e 40 centésimos.

Fizera a inscrição como um ilustre desconhecido. Ficara temeroso, pois estava competindo com dois atletas que haviam participado do Campeonato Mundial e usavam o uniforme da seleção brasileira, e ele, nem sapatilha tinha. Quis correr descalço, mas não lhe foi permitido. Conseguiu uma sapatilha emprestada, mas retirou os pregos que ficam na sola, pois tinha medo de tropeçar. Venceu e voltou para casa.

Dois meses depois, o Comitê Paralímpico Brasileiro convidou-o a participar do Campeonato Sul-Americano, no Chile. Não acreditou e desligou o telefone. Contou para sua mãe, que falou: “Isso é trote, menino, e deixe de mentira!”. Mas aquele telefonema mexera com ele. Compartilhou o fato com o professor Paulo Roberto, que resolveu ligar para o Comitê para tirar a dúvida. Após uns minutos de conversa, emocionado e também surpreso, confirmou a notícia.

Petrúcio não estava treinando e, a bem da verdade, não tinha a noção exata do que havia conquistado em São Paulo alguns meses antes. Sua mãe autorizou. Alçava um voo cada vez mais alto.

Quatro segundos de prova, e Petrúcio continuava na sexta posição. Começava a voar na pista. Era o momento da aceleração e de muita força para alcançar os adversários. O estádio continuava gritando, torcendo, até porque o outro brasileiro estava empatado na primeira posição junto a mais dois atletas. Os olhos dos torcedores, provavelmente, estavam neles.

Corria em busca da vitória e de quebrar preconceitos, pois, inúmeras vezes, foi chamado de “mãozinha”. Alguns meninos tinham medo dele por não ter a mão. Era a hora de mostrar a todos que a sua deficiência poderia trazer glória e orgulho para os que o acompanharam e para os que torciam por ele.

Cinco segundos de prova, e ele já ocupava a quinta colocação. Agora estava mais próximo dos líderes, mas ainda longe da medalha de ouro. A prova estava na metade. Sabia que poderia buscar a vitória, mas teria que fazer mais força ainda.

Força que exerceu ao treinar duro para o Campeonato Sul-Americano, no Chile. Era sua primeira viagem internacional, uma oportunidade que não poderia desperdiçar. Por isso, convenceu os pais e foi morar em João Pessoa com apenas 17 anos, na casa de Dona Natividade, ex-prefeita do município de São José do Brejo do Cruz, sua cidade, de quem ele lembra com carinho: “Foi uma mãe para mim”.

Começou a treinar, em fevereiro de 2014, com o técnico Pedrinho, dedicando-se às corridas de 100m e 200m rasos. Conquistou o Sul-Americano e já veio mais uma competição na França. Começava a ganhar o mundo e se destacar com as marcas, apesar do pouco tempo de treinamento. Petrúcio era talento puro! Na França, fez o tempo de 11 segundos e 20 centésimos na corrida de 100m e 23 segundos e 62 centésimos nos 200m rasos. Trouxe o ouro para o Brasil.

Seis segundos de prova, ele estava na quinta posição, praticamente empatado com o terceiro e o quarto colocados e se aproximando dos dois primeiros. A medalha de bronze parecia muito próxima; a de ouro para ser conquistada precisaria de mais esforço. Já estava na fase da velocidade máxima. É nesse momento que o corredor precisa manter a velocidade o máximo de tempo possível. O corpo já reage pedindo descanso, o ácido láctico, produzido pelo organismo, faz com que a musculatura comece a sentir todo o esforço da explosão. É a hora de suportar a dor e continuar a correr.

Depois dos bons resultados que obtivera na França, continuou correndo e conquistou mais duas medalhas de ouro no Parapan-Americano de Toronto, no Canadá, em 2015. Nesse mesmo ano, conseguiu bater o recorde mundial na corrida de 200m na sua categoria, cravando 21 segundos e 49 centésimos.

Precisou de pouco mais de um ano para se tornar o mais rápido do mundo nessa distância, na categoria T47.

Sete segundos de prova, Petrúcio já estava entre os três primeiros, correndo praticamente empatado com dois atletas. Faltavam poucos metros para o final da prova. A dúvida era se conseguiria manter aquela velocidade em que alcançara os competidores.

Aproximava-se a última fase da prova. O estádio já vibrava com dois brasileiros disputando, lado a lado, com o polonês. A pergunta era... Quem ficaria com o ouro? A dor muscular precisaria ser menor do que a dor de perder a prova.

E de dor ele entendia bem, pois quando viajou para o Mundial do Qatar, ainda em 2015, era o favorito nas duas provas, mas sentiu uma lesão muscular dois dias antes de tentar o título mundial que tanto queria. A dor virou choro ao saber que não poderia mais participar da competição. Só um fato o acalentava: voltar para a Paraíba, cuidar da lesão com o seu fisioterapeuta, Wellington Almeida, treinar e focar nas Paralimpíadas 2016. Teria que esperar quase um ano para tentar chegar ao ápice da carreira. Momento também para controlar a ansiedade.

Oito segundos de prova, começa a fase da desaceleração. Em uma prova de 100m, a musculatura não consegue manter a velocidade máxima atingida por muito tempo. A diminuição do ritmo é involuntária. É o corpo se protegendo. Todo corredor passa por isso. O treino constante faz com que eles aumentem a passada para não ter uma queda brusca na velocidade.

Já estava na primeira posição, seguido de perto pelos concorrentes. Os olhos dos torcedores se voltavam para ele.

A expectativa era se conseguiria bater o próprio recorde mundial nos 100m, conquistado nas semifinais das Paralimpíadas, quando fez 10 segundos e 67 centésimos. Nem ele acreditou quando isso aconteceu. Entretanto, o mais importante mesmo era a conquista do ouro. Era o que ficaria para a história.

Nove segundos de prova, ele já liderava mantendo uma boa distância dos demais. Os olhos enxergavam apenas a linha de chegada. Poderia ser o ápice, a volta por cima, após a decepção no Mundial. Não poderia diminuir o ritmo, a prova só termina na marca final.

Dez segundos, e a prova se encaminhava para o fim. O garoto de São José do Brejo do Cruz, o “Raio Desgovernado”, corria para mais uma vitória. O estádio ainda grita de emoção.

Nem ele imaginava que ainda iria protagonizar uma das maiores arrancadas já vistas em uma prova de 400m rasos, poucos dias depois. Como não houve a prova dos 200m rasos de sua categoria nas Paralimpíadas, ele resolveu se inscrever nos 400m, após uma conversa com o técnico Pedrinho.

Ele havia corrido uma vez apenas a prova, não havia treinado para ela. Chegou no Rio como o décimo quinto do *ranking* mundial e foi para a eliminatória. Acabou vencendo e se classificou para a grande final com o sétimo melhor tempo.

À noite, antes da final da prova, ele conversou com Pedrinho. “Vou correr para me acabar”, falou o jovem Petrúcio para o seu técnico. Nessa hora, a experiência e o estudo do treinador faz a diferença. Seu pupilo não havia treinado para a prova, mas ele o conhecia como ninguém. “Não, você vai ter calma e vai correr em cima de uma estratégia, passando forte nos primeiros 200 metros e quando faltar 50 metros, faça o *sprint* final. Confie em mim, confie em mim”, repetiu Pedrinho seguro da disciplina de Petrúcio.

E assim ele fez. Passou forte nos 200 metros e, quando a prova estava nos últimos 50 metros, ele estava ainda em último lugar e fez o seu “sprint” final, que é a maior velocidade possível atingida por um corredor, especialmente, no final de uma corrida. Dessa forma, Petrúcio consegue sair da derradeira posição para a medalha de prata que, para ele, teve o peso de ouro. Primeiro, por não ser a sua prova e, depois, pela arrancada excepcional que conseguiu fazer. O grande

vencedor foi o cubano Ernesto Blanco e, na terceira colocação, ficou o austríaco Gunther Matzinger.

Petrúcio ainda conquistou mais uma medalha, dessa vez no revezamento na categoria T42-T47, para atletas amputados. A equipe era composta por Renato Cruz, seguido de Yohansson Nascimento, Petrúcio Ferreira e Allan Fonteles. A equipe chegou em terceiro lugar, atrás dos Estados Unidos e da Alemanha, mas, com a desclassificação americana, o Brasil herdou a medalha de prata.

O bate-papo com Petrúcio ocorreu após as Paralimpíadas. Encontrei-o em um quarto alugado por ele, onde morava com o primo. Era um quarto muito pequeno, tinha apenas um banheiro, uma cama que ocupava metade do recinto, e um televisor.

Achei estranho ele morar em um lugar tão pequeno, pois achava que havia ganhado dinheiro suficiente para morar em um lugar mais confortável. Petrúcio caminhava quase um quilômetro para pegar o ônibus para os treinos. Estava recém-chegado das Paralimpíadas, mas levava uma vida simples. Perguntei o porquê de ele não comprar uma casa mais confortável e um carro para ir treinar. “Jamais poderia fazer isso sem antes juntar dinheiro e comprar uma casa e um carro para os meus pais. A vida no campo é muito difícil. Eles merecem e fizeram muito por mim”, disse, referindo-se à família, com os olhos cheios de lágrimas e orgulhoso pela conquista. “Vale tanto ou até mais que essa medalha”, complementou.

Seu pai sempre foi agricultor, mas nunca quis que o filho tivesse a mesma vida que ele. Não tivera oportunidade e não frequentara a escola, mas o filho recebia seu incentivo para estudar. Seu pai ia trabalhar de bicicleta e, só depois de muito tempo, conseguiu comprar uma moto.

Em pouco tempo de carreira, Petrúcio conseguiu realizar o sonho dos pais de terem uma casa própria

Com a verba recebida do bolsa-atleta e patrocínios conquistados antes das Paralimpíadas 2016, Petrúcio, então com 17 anos, viajou para São José do Brejo

do Cruz e negociou uma casa. Na época, por ser menor de idade, não podia assinar os papéis, falou com o tio e, depois de escolhido o imóvel, levou os seus pais lá e disse: “É de vocês”.

A emoção tomou conta do lugar – os pais felizes e, ao mesmo tempo, orgulhosos pelo filho ao receberem de presente uma casa com três quartos. Petrúcio não parou aí, comprou um carro também para o seu pai com direito a som e ar-condicionado: um Uno. “Pronto, pai, para o senhor ir trabalhar agora”. Nova emoção e o pai olhou o carro, abriu a porta e ligou o som. Ficou sentado escutando uma música. “Acho que ele gostou mais do som”, falou um Petrúcio com lágrimas nos olhos e abrindo um leve sorriso ao relembrar esses dois momentos da família.

Dez segundos e 57 centésimos foi o tempo que Petrúcio Ferreira demorou para completar a prova, vencê-la e bater, mais uma vez, o recorde mundial. O estádio foi à loucura com a vitória do brasileiro, que parecia não acreditar em tudo aquilo que estava acontecendo. Um intervalo de tempo de apenas dois anos e ele já tinha muita história para contar. “Saí com a sensação de dever cumprido”, disse ele, orgulhoso do seu feito. “Foi como participar de uma brincadeira séria. Uma disputa de corrida com amigos. Por isso eu procurava entrar descontraído e brincando. Isso me relaxa”, falou o atleta contando um pouco dos seus segredos.

No lugar mais alto do pódio, Petrúcio pôde ouvir o Hino Nacional, emocionar-se, chorar como se estivesse descarregando todo um peso que existe nas costas durante uma competição desse tipo. Muita pressão que, em alguma hora, tem que sair de qualquer forma: “Mas não era um choro de tristeza, era de felicidade de saber que, com fé e dedicação, tudo é possível”, falou de forma pensativa, olhando para mim. E, com os olhos se enchendo de lágrima novamente, completou: “Estou muito agradecido a Deus por tudo o que ele vem botando na minha vida. Ainda em cima do pódio, passou toda a minha vida, toda a minha história. Tudo o que vivi para chegar lá”, concluiu, olhando para as duas medalhas, a de prata e a de ouro, conquistadas nas Paralimpíadas 2016, no Rio.

Ficamos em silêncio.

Dez meses após a nossa conversa, o “Raio Desgovernado” surpreende mais uma vez ao tornar-se campeão mundial nas corridas de 100m rasos e 200m rasos, em Londres, batendo novamente o recorde em ambas as provas, com o tempo, respectivamente, de 10 segundos e 53 centésimos e de 21 segundos e 21 centésimos.

Por enquanto, não existe limite para o “Raio Desgovernado”

A caminhada do pênalti para o primeiro ouro do Brasil



Foto: Divulgação/Comitê Paralímpico Brasileiro

Damião Ramos

Futebol de 5

Convido você, caro leitor, a se imaginar dentro de uma quadra de futebol de salão (futsal). Para ser mais exato, no centro da quadra, onde o jogo se inicia. Você não está ali sozinho e seus olhos estariam fechados, na mais pura escuridão. Nesse momento, a concentração vai para a audição, afinal você precisa ouvir o que está acontecendo.

Ao se concentrar, você começa a escutar cada barulho. Um pedaço de ferro batendo na trave da quadra com gritos:

— Percebe? Direita, direita, Damião!

— Sim! Sim!

— Vai!

— Gooooooooool!

De repente, são vozes uníssonas rasgando o pulmão para dizer “gol”. O barulho parece ensurdecedor. Tudo é muito confuso. Em seguida, o silêncio sepulcral. Você só consegue ouvir passos, que aumentam com a correria. Um outro barulho, que lembra um maracá, instrumento musical, mas são os guizos que ficam dentro de uma bola de futebol, no caso, o de 5.

— “Voy”

— “Voy”

— O que é isso? “Voy, Voy, Voy”? — Perguntaria o leitor.

Todos na quadra pronunciando essa palavra o tempo inteiro; é obrigatório dizê-la. Se você se concentrar mais ainda, vai, aos poucos, identificando cada barulho desses. Mas aí, você precisa correr atrás dessa bola, posicionar-se para recebê-la, saber em que lugar está na quadra, tocar a bola para o companheiro, combater o ataque do time adversário, se pegar na bola, driblar o adversário ou dar um passe para o companheiro de equipe, chutar, fazer gol, falar a palavra “voy”, ouvir o “chamador” batendo na trave com o pedaço de ferro para chutar no lugar certo quando estiver no ataque ou batendo uma falta, estar atento para instruções do seu goleiro enquanto estiver na defesa, ficar ligado para as

orientações do técnico no meio de campo, o barulho dos tênis correndo na quadra, dos corpos se encontrando, isso tudo sem enxergar nada.

— CHEGAAAAAA!!

É uma loucura para quem não está acostumado ou não joga o futebol de 5.

— Chama, Damião!

— Estou sem entender!?

— Explica, Damião.

A prática do futebol de 5 começou em meados de 1920. No Brasil, existem relatos sobre a prática a partir da década de 50, no século passado. A vontade de praticar o futebol era tão grande que os jogadores colocavam uma tampa de garrafa no lado de fora da bola ou a revestiam com sacos plásticos. Às vezes, jogavam com latas mesmo, pois precisavam ouvir o barulho da bola. Hoje é bem diferente.

A modalidade só pode ser praticada por cegos da classe B1: a letra “B” significa “blind”, que é “cego” em inglês, e o numeral “1” refere-se aos deficientes que possuem o maior comprometimento da visão. Existem ainda as classes “B2” e “B3”, para atletas que também possuem uma baixa visibilidade, mas não são completamente cegos. No jogo, o único que não possui deficiência visual é o goleiro.

As partidas ocorrem em uma quadra de futsal, mas com algumas adaptações. Nas duas laterais da quadra existem barreiras com até um metro e meio de altura, que evitam a saída da bola, a não ser que passe por cima dessas barreiras. Nesse caso, ocorre o lateral, que é batido pelo pé do jogador com a bola no chão. O jogo pode ocorrer em grama sintética também.

São cinco jogadores de cada lado, e todos eles, com exceção do goleiro, utilizam uma venda nos olhos, pois pode acontecer de alguns jogadores enxergarem vultos, o que seria uma grande vantagem na modalidade. Existe ainda um guia, o chamador, que fica atrás do gol adversário, dando orientações para os jogadores no ataque em relação ao posicionamento da defesa ou mesmo a jogadas

e à hora de chutar. Ele ainda tem a função de bater com um metal nas traves para orientar o jogador no momento de uma falta, pênalti ou um tiro livre. Na defesa, quem orienta é o goleiro.

O ambiente deve ser bem silencioso mesmo se tiver torcida. A bola possui guizos que fazem barulho, e isso facilita para o jogador ter a percepção, através da audição, de onde a bola se encontra.

São dois tempos de 25 minutos com intervalo de 10. O goleiro não pode sair da área demarcada e após a terceira falta é cobrado um tiro livre. Durante a partida, os jogadores são obrigados a dizer a palavra do idioma espanhol *Voy*, que significa “vou” em português. Isso facilita para os jogadores terem a noção de onde está seu companheiro de equipe e o adversário. Se o atleta não pronunciar a palavra, o juiz pode marcar falta em favor do time adversário. Esse termo ficou em espanhol, pois na época da criação das regras, a IBSA¹³ (*Internacional Blind Sports Federation*) era administrada por espanhóis e o coordenador do Futebol de 5 era argentino.

— Ok, entendi!

— Chama Damião! Vai ser ele o próximo batedor.

O Brasil conseguiu chegar pela primeira vez a uma decisão no Futebol de 5 nas Paralimpíadas de Atenas, em 2004. A final foi contra um eterno rival: a Argentina. O jogo foi difícil, chances para os dois lados, mas ninguém conseguiu fazer o gol durante o tempo normal.

A disputa acabou indo para os pênaltis. O Brasil converteu os dois primeiros, mas os argentinos desperdiçaram um deles. Como são três pênaltis para cada lado, se a equipe brasileira convertesse a próxima batida, levaria o primeiro ouro no Futebol de 5, modalidade que estava pela primeira vez nos Jogos Paralímpicos.

¹³ Federação Internacional dos Desportos para Cegos

Damião estava em pé apenas ouvindo a disputa (ele não enxerga). A ansiedade e a adrenalina em nível elevado.

— Damião, vai ser você!

O batimento cardíaco aumentou quando foi chamado para bater o pênalti decisivo, pois, caso convertesse, a equipe ganharia o ouro.

A caminhada foi longa, exaustiva e reflexiva. A responsabilidade e a pressão eram grandes. Durante a ida para o chute final, Damião teve tempo de se lembrar de seus familiares, de sua esposa e de todo o trabalho e esforço de quatro anos. As viagens, os treinos, o cansaço e o estresse de um ciclo paralímpico. Na cabeça dele, jamais passaria perder aquele chute; a vontade era de fazer o gol.

Na mente de Damião, passou o filme de sua vida durante esses passos até chegar a marca do pênalti, por isso, permita-me um pouco dessa história antes da batida decisiva.

Até chegar nesse momento, que pode levar um jogador à glória ou à derrota com apenas um chute, Damião viveu situações muito difíceis em sua vida, principalmente quando perdeu a visão aos 16 anos.

Ele nasceu em Campina Grande e completou trinta e oito anos em 2016. Não nasceu cego, nem com deficiência visual, enxergava e o que mais gostava de fazer era jogar bola. Viveu boa parte da infância e adolescência em Cabaceiras, cidade que fica no interior da Paraíba.

Quando tinha 16 anos, um amigo pegou uma arma para brincar e disparou um tiro sem querer, a bala acabou resvalando na porta da casa e atingiu o seu rosto.

— Foi um desespero nesse dia.

A partir desse momento, começou uma fase difícil na vida de Damião. Ele acabou sendo levado para Campina Grande, onde ficou internado por três longos meses e, durante esse período, ele não sabia ainda que havia perdido a visão. Acabou sendo transferido para Belo Horizonte e foi em terras mineiras que recebeu a notícia de que não poderia mais enxergar. Damião apenas escutou o

comunicado e ficou em um longo silêncio. Foi um momento complicado e, ao mesmo tempo, revoltante, até porque nada sabia ou conhecia sobre como conviver com a deficiência visual.

Ao voltar para Campina Grande, passou a se relacionar com pessoas do Instituto dos Cegos e, aos poucos, foi se acostumando com a situação, percebendo que isso não era nada de outro mundo e que poderia ter uma vida normal e sem nenhum problema. Mas para chegar a essa conclusão passou por toda uma adaptação.

A dificuldade era porque, na época em que enxergava, ele poderia fazer tudo o que queria, pegar qualquer objeto que precisasse e, após o acidente, necessitava procurar e utilizar as mãos para reconhecer aquilo em que estava tocando.

No início, precisou também de uma pessoa para ir aos lugares, mas com o tempo conseguiu andar só, porém sempre levando a sua bengala. Ajudou muito a convivência com outros deficientes visuais e o dia a dia com as aulas dos professores de *braille* para que percebesse que estava adaptado e que passaria a levar uma vida normal.

O apoio dos amigos cegos foi de extrema importância para ele, ouvi-los dizer que a perda da visão não era algo de outro mundo, mas que a vida estava de braços abertos lhe esperando para adentrar em caminhos que, a princípio, poderiam ser inimagináveis, mas que, com a sua determinação, ele poderia fazer tudo o que quisesse, inclusive o que mais gostava: jogar futebol.

Foram essas palavras amigas que levaram Damião a voltar a jogar bola com os amigos e não precisou de muito tempo para se aperfeiçoar e se adaptar ao futebol de 5.

Voltamos agora ao pênalti.

— Vamos lá, Damião!!

Hora do último suspiro. Estava chegando ao fim a longa caminhada até a bola. Por trás da trave adversária, o chamador batia o ferro em cada lado da trave.

A audição de Damião é tão desenvolvida que ele sabe exatamente onde está o posicionamento da trave. O momento era de escolher o lado e bater com toda a força na bola e assim ele fez.

— Goooooollllll!!!

— É campeãoooooo!!

Ele marcou o gol da vitória do Brasil nos pênaltis, que terminou com o placar de 3 a 2. O time brasileiro venceu a Argentina e se tornou o primeiro campeão paralímpico do futebol de 5, levando a tão sonhada medalha de ouro. Era o início de uma trajetória vitoriosa dele à frente da seleção brasileira de futebol de 5.

A correria foi grande, e todos se abraçando e pulando. Damião podia não ver, mas sentia, ouvia, vibrava e vivenciava um momento histórico para o país. Não tinha como não se emocionar.

— Caramba! Fiz o gol que deu o título!

O início no futebol de 5 foi aos 18 anos, em Campina Grande, em uma quadra que ele não via, mas em que sabia exatamente para onde correr, conhecia cada centímetro daquele espaço que o levaria às glórias que o esporte lhe proporcionou.

Conheci Damião pessoalmente, em 2007, quando fui fazer uma reportagem sobre o futebol de 5. Nesse dia, fui jogador também, em um primeiro momento, sem a máscara que cobre os olhos. Estava enxergando normalmente e nem mesmo assim consegui jogar bem. Cheguei até a tomar um drible de um deles. A percepção dos jogadores é impressionante!

Ao colocar a máscara e não poder mais enxergar, fiquei totalmente perdido. Era muito barulho, correria, podia perceber o som dos atletas correndo, o toque do tênis no chão, a palavra “voy” o tempo todo sendo pronunciada, mas não sabia para onde correr. O que estava escrito no início desse texto foi o que senti.

Os passos que eu dava me deixavam cada vez mais desorientado. Ao mesmo tempo, tinha medo de ser atropelado por alguns deles. Bateu um desespero

e acabei tirando a máscara e fui concluir a reportagem. Aquele momento serviu para perceber o que aqueles caras faziam. Eram geniais, verdadeiros maestros com a bola. Desde então, passei a admirá-los cada vez mais.

Quase dez anos depois, liguei para Damião e marcamos de nos encontrar no Instituto dos Cegos em João Pessoa. Ele havia acabado de sair do treino, mas estava lá, pontualmente às dez horas da manhã. Calmo, voz mansa, ligou para um rapaz na mesma hora; era para nos encaminhar até a biblioteca onde sentamos e começamos a conversar.

Damião é casado e tem dois filhos. Tudo o que faz e conquista é voltado para eles; são válvulas propulsoras de sua luta diária. Ruan Pablo tem dez anos e Mateus José, seis. A vida com eles é normal e eles lidam muito bem com a deficiência do pai.

Como todo pai apaixonado pelos filhos, brinca de várias formas com eles. Uma dessas brincadeiras é esconde-esconde, na qual Damião é quem vai tentar achá-los. Como os filhos sabem que ele não enxerga, ficam bem encostados na parede, prendendo a respiração, para o pai não os encontrar. Damião dá uma risada contando essa história, sentimento de pai coruja que aproveita cada momento ao lado dos filhos. Ele levanta a cabeça para cima como que imaginando essas situações, abre um leve sorriso e diz, dando risada:

— A gente se diverte!

É alegre e simpático e, mesmo com uma sociedade que precisa evoluir na questão do preconceito, ele não se importa e leva tudo na esportiva como um grande atleta que é.

Sabe e tem consciência que o preconceito existe, ainda está longe de acabar e que o importante é saber lidar com isso, não levar essa questão para o ódio ou para a revolta; é simplesmente deletar, mesmo com algumas pessoas o chamando de “ceguinho”.

— Não ligo, já estou acostumado.

É como se o atleta abstraísse tudo isso, como se percebesse que a vida é muito maior e melhor do que se importar com pensamentos de mentes pequenas e mesquinhas, que, provavelmente, não suportariam uma deficiência em suas vidas. Mentes que, provavelmente, demorariam muito a aceitar o que Damião aceitou em pouco tempo e acabou entrando para a história do paradesporto brasileiro.

Mas ele não é de ferro em relação aos preconceitos, tem sentimentos e até recordou uma situação que o deixou um pouco chateado, quando um rapaz resolveu “ajuda-lo” a atravessar a rua e saiu puxando-o de forma ríspida e rápida, o que acabou levando-o a passar por cima de um canteiro, quase caindo. Damião gentilmente agradeceu e continuou a sua caminhada.

Ele não começou no futebol de 5, mas no *goalball*, um esporte também paralímpico que envolve dois times, cada um com três jogadores, que ficam na frente de uma trave. Na quadra, cada um arremessa para tentar fazer o gol. Um arremesso de cada vez, mas com três goleiros. A trave é grande e vence o time que fizer mais gols.

Damião começou a treinar e, em pouco tempo, conseguiu chegar à seleção brasileira de *goalball*, disputou um Mundial e um Campeonato Parapan-Americano pelo Brasil nessa modalidade, mas seu amor pelo futebol de 5 falou mais alto e ele acabou se dedicando a apenas um esporte.

Em 2002, surgiu a sua primeira convocação para a seleção brasileira de futebol de 5. Para Damião, não foi uma simples convocação. Era um sonho sendo realizado, afinal, todo jogador deseja um dia representar o seu país e disputar um Mundial e uma paralimpíada.

A segunda medalha de ouro de Damião foi em 2008, em Pequim, na China, e a final foi justamente com os donos da casa, que lotaram as arquibancadas e começaram vencendo o primeiro tempo pelo placar de 1 a 0. Damião achava que não conseguiriam derrotá-los mais. Entretanto, no intervalo, os jogadores conversaram entre si e passaram a dar força um para o outro. O Brasil conseguiu

empatar logo no início do segundo tempo e, faltando apenas dezoito segundos para o fim do jogo, o Brasil vira com um gol do paraibano Marquinhos.

Em 2012, nas Paralimpíadas de Londres, Damião acabou sendo cortado, mesmo tendo treinado durante três anos junto com a equipe, por conta de divergências com o treinador na época.

Mesmo nessa situação, Damião não desistiu do esporte e continuou treinando, sendo novamente convocado para participar das Paralimpíadas no Rio de Janeiro em 2016, e que teve um gosto bem especial para ele, pois, além de ser dentro de casa, teria toda a torcida a favor, uma emoção que o deixou sem palavras.

Nesse momento, ele ficou um pouco em silêncio, como que lembrando cada momento vivido na Cidade Maravilhosa. Logo em seguida, entendi o porquê de tanta emoção ao começar a falar sobre os jogos no Rio. Não era só a questão de que, provavelmente em vida, não teríamos outros jogos por aqui, mas que também estava lá presente, acompanhando e torcendo, a sua família, que viajou para assistir à grande final.

Nas Paralimpíadas Rio 2016, a seleção brasileira de futebol de 5 ficou no grupo com Irã, Marrocos e Turquia. Venceu dois jogos, empatou com o Irã e se classificou em primeiro lugar do grupo. Como são dois grupos de quatro times cada, os dois primeiros colocados se classificam direto para a semifinal. O Brasil jogou contra a China e venceu por 2 a 1. A final foi contra o Irã, país com o qual a equipe brasileira havia empatado na primeira fase.

O jogo não foi fácil, Damião entrou como titular. Ele jogou mais atrás, na defesa, e, por várias vezes, evitou um ataque mais perigoso do Irã. Durante o jogo, ele chegou a bater a cabeça no jogador adversário, o que acabou levando-o a sofrer um corte. Sentado, dava para ouvir a voz dos filhos.

— Vamos, pai!!

Após o atendimento, ele voltou para o jogo.

O único gol da partida foi feito por Ricardinho, ainda no primeiro tempo e, assim que terminou o jogo, vencido pelo Brasil por 1 a 0, foi uma grande festa, não só da equipe, mas também da torcida que lotou as arquibancadas para acompanhar a grande final.

Ele conseguiu encontrar os filhos logo após receber a medalha de ouro. Já era a sua terceira em jogos paralímpicos.

Foram duas emoções distintas as dos seus filhos: o mais novo chorava muito, enquanto o mais velho estava bastante alegre, dando os parabéns, abraçando-o e beijando-o e o momento mais marcante foi quando o seu filho olhou para ele e disse:

— Você é meu herói, pai!

Não vou mentir que, ao ouvir Damião narrando esse momento, meus olhos se encheram de lágrimas. Não estava sozinho. Ele também se emocionou. Não era só considerado um herói paralímpico pelo seu feito, mas também pelo filho, o que deve ser muito gratificante para qualquer pai.

— Aquela medalha de ouro foi mágica para mim. A presença dos meus filhos e da minha esposa me deu muita força, pois eu sabia que eles estavam na arquibancada, eu sabia que cada disputa de bola, eu tinha a certeza de que eles estavam torcendo e vibrando para que a jogada saísse certa, e isso foi uma grande motivação.

Motivação que faz Damião continuar a sua vida normalmente, treinando de manhã e à tarde, diariamente, e à noite e nos finais de semana gosta mesmo é de ficar em casa descansando e brincando com os filhos, seja na cama, no videogame ou jogando futebol com o filho mais velho.

Damião ficou bem empolgado após os jogos. Ele acredita que o esporte paralímpico vai crescer bastante no país, pois vai estimular muitos deficientes a praticarem o esporte, principalmente aqueles que, por algum motivo, ficam com receio de sair de casa ou até mesmo pela própria família que evita que o deficiente

fique exposto, seja por vergonha ou para não ser ridicularizado. Ele tem a solução na ponta da língua:

— Procurem as escolas!

Ele sabe que foi através delas que alcançou o seu sucesso.

Em nossa conversa, ele lembrou o caso de um garoto cego de Santos, de apenas 14 anos, que pediu ao pai para levá-lo ao treino da seleção de futebol de 5, pois tinha escutado as reportagens e tinha o sonho de jogar futebol, mas não sabia como começar e quem procurar.

O garoto acabou passando a tarde com a equipe e contou que só soube do futebol de 5 pela televisão. Os jogadores mostraram o caminho. Damião não sabe dizer o que aconteceu depois, mas ficou feliz em saber que, por conta do trabalho do time, outros atletas podem surgir e que a inclusão social está melhorando, contudo pode crescer ainda mais, que as famílias devem procurar os lugares que recebam bem os deficientes e que tenham espaço para a prática do esporte.

Infelizmente, não são todos os gestores administrativos das cidades que têm esse tipo de iniciativa ou até mesmo a sensibilidade para começar a agir, cuidar e preparar as pessoas com deficiência para o mercado de trabalho.

Damião fala com muita propriedade nesse assunto. Sua sogra é cega também e é professora na FUNAD (Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência), em João Pessoa, e foi justamente nas festas organizadas pelo Instituto dos Cegos que ele conheceu Jeane, sua esposa há 12 anos, e que trabalha como motorista numa van que faz transporte escolar.

Em casa, Damião gosta de cozinhar também.

— Você cozinha?

— Faço um excelente café e um cuscuz básico!

Demos risadas.

Damião é totalmente independente, vai para onde quer e sozinho, diz que já se acostumou e não deixa nunca de acompanhar os jogos do Flamengo, seu time de coração.

— Ontem mesmo acompanhei a vitória do Mengão!

Futebol é realmente sua paixão. Inclusive, considera uma família os seus companheiros de equipe, afinal, muitas vezes, passam dois meses juntos treinando, longe de casa. Em alguns momentos, discutem entre si, mas nada de amanhecer de cara feia um com o outro e, se tem algum entrevero, é por “besteira”, como ele mesmo fala. Nada demais.

— Somos amigos.

— Imagino! Obrigado, Damião!

Agradei, desliguei o gravador e fui relembrando e degustando momentos de um bate-papo que me ensinou diversas lições para a vida.

De torcedor a tetracampeão paralímpico



Foto: Divulgação/Comitê Paralímpico Brasileiro

Marcos Felipe

Futebol de 5

Conseguir ser convocado para a seleção brasileira já é uma grande conquista para qualquer atleta; representar o país em um mundial, uma realização; chegar às parolimpíadas, um sonho; mas ir a quatro delas e conquistar o ouro em todas, como poderíamos chamar isso?

O paraibano Marcos José Alves Felipe, mais conhecido como Marquinhos, de 35 anos, obteve esse feito, um marco na modalidade de futebol de 5, além de ser o único a conquistar tantas medalhas douradas.

— Vamos jogar bola?

— Eba!!!

— Tirar o time!

— Par!

— Ímpar!

— Ganhei! Zezinho.

— Mané.

— Juninho.

— Lino de Chico...

E assim faziam, sendo cinco para cada lado, faltava um.

— E eu?

— Eita! Faltou Marquinhos!

— Marquinhos fica como torcedor. É melhor.

— Torce pro meu time, Marquinhos!

— Poxa. Tá certo.

Muitas vezes, esse diálogo se repetia na infância de Marquinhos. Parecia que a vida o deixaria apenas como um torcedor no futebol.

— Eu queria estar no meio participando, brincando, mas na hora da bola, eu ficava excluído.

Ele nasceu com uma deficiência chamada glaucoma congênita, na qual o indivíduo vai perdendo a visão aos poucos.

É natural de Gurjão, município localizado no interior da Paraíba, morava numa fazenda, que ficava na zona rural do município, onde residiu até os três anos de idade, quando a família resolveu se mudar para João Pessoa.

Novamente, eles passaram a residir em uma fazenda, que ficava na saída da capital. Era uma casa de taipa, pequena. Durante a semana, o pai dele trabalhava como agricultor e, aos sábados e domingos, iam vender verduras e legumes em uma feira livre. Era uma época de muita dificuldade. Por conta da limitação e por perceber que precisava ajudar a família também, Marquinhos resolveu sair pelo mercado.

— Me dê uma esmola para o ceguinho, pelo amor de Deus.

Sempre retornava com algum dinheiro e comida.

— A vida era difícil, mas nunca passei fome.

Marquinhos não se adaptava nas escolas convencionais por conta da deficiência. À medida em que o tempo passava, a dificuldade para enxergar ia aumentando. Ele e seu irmão tinham o mesmo problema. Era questão de tempo até chegar à cegueira total.

Com o tempo, os frequentadores da feira começaram a ajudá-lo espontaneamente, entregando, principalmente, comida.

Um dia apareceu, por acaso, uma professora do Instituto dos Cegos de João Pessoa, que viu a sua dificuldade e perguntou se ele estava estudando. Ao tomar conhecimento de que Marquinhos não estava frequentando a escola por conta da adaptação, ela lhe sugeriu e o incentivou a estudar no Instituto, pois lá teriam outros cegos e, mesmo com a deficiência, ele teria melhores condições para aprender, ler e estudar como qualquer outro menino.

Tanto o pai como Marquinhos ficaram desconfiados com a sugestão da professora e não acreditaram nessa possibilidade. Parecia que a família estava

conformada com a situação e manteriam os meninos por perto ajudando na maneira que pudessem.

Mas resolveram dar um voto de confiança e passaram o endereço da casa onde moravam. “Se isso for verdade, ela vai aparecer lá”, disse Marquinhos, apesar da pouca idade.

Conforme prometido, a professora foi até a casa deles e os levou até o Instituto para conhecerem a forma como funcionava. Como a família morava longe e trabalhava o dia inteiro, a única solução encontrada era deixar tanto Marquinhos como o irmão internados no Instituto.

Dos dois irmãos de Marquinhos, um nasceu enxergando normalmente. O que nasceu com a mesma deficiência chegou a fazer três cirurgias para estacionar o problema. Na época, não havia a tecnologia de hoje. Foram muitas idas aos médicos para tentar resolver, mas a única frase que ele lembra foi a de um oftalmologista, que, além de dizer que não podia resolver com um procedimento cirúrgico, concluiu:

— Ele vai ficar cego totalmente até os 15 anos.

Marquinhos parou, levantou a cabeça para cima, pensou e disse: “Se fosse hoje, eu teria um pouco mais de visão. A medicina evoluiu muito. Para quem é cego, um pouco de visão significa muito”.

Desde cedo, sofria com os preconceitos que a vida lhe dava. Como o seu irmão também tinha a mesma dificuldade e é quatro anos mais velho, sempre lhe aconselhava e a deficiência os deixou muito unidos.

No início, ficaram juntos, internos no Instituto, mas, por Marquinhos ser muito novo, com apenas seis anos de idade, sentia muita falta dos pais, e isso acabou o desestimulando a estudar. Ainda resistiu dois anos, mas não suportou e acabou saindo da escola.

Aos dez anos, contudo, após a insistência tanto dos pais como do seu irmão, resolveu voltar para o Instituto dos Cegos, onde começou a aprender o *braille* e,

assim, ser alfabetizado. Lá, ele começou a fazer amizades e a jogar bola com pessoas que também tinham a sua deficiência.

— Finalmente eu estava realizando um sonho e sentia a liberdade para poder jogar bola.

Sempre acompanhou os jogos pela TV e se imaginava dentro de um campo de futebol ou mesmo de uma quadra. Mesmo sabendo que jamais jogaria em algum grande time de futebol, ele se realizava enquanto criança jogando bola na quadra do Instituto dos Cegos. Não sabia ele ainda que aquela bola de guizo com a qual ele brincava o levaria a quatro paralimpíadas.

Ainda criança, durante as peladas no Instituto, Marquinhos enxergava muito pouco, alguns amiguinhos já eram cegos totalmente. Percebia isso ao dar um passe para alguns, e eles não conseguiam perceber para onde a bola rolava, a não ser por conta do barulho dos guizos que ficavam dentro dela. Ele ainda enxergava vultos e, mesmo com muita dificuldade, ainda percebia onde a bola ia.

Sabendo que ficaria cego até os 15 anos, conversou com o irmão para que ele contasse toda a experiência e sensação quando não estivesse mais enxergando. Uma aflição e uma ansiedade que o perturbavam e o incomodavam por não ter a data certa de quando isso iria acontecer.

Quando o irmão não pôde enxergar mais nada, ele avisou a Marquinhos: “A evolução é tão lenta e gradativa que, quando percebemos, já estamos cegos”.

Com Marquinhos não foi diferente. Ele percebeu quando estava caminhando na rua e, apesar de enxergar pouco, andava sem auxílio de ninguém, nem mesmo de uma bengala, até o dia em que bateu com a cabeça no poste, caiu e pessoas que passavam no local, dirigiram-se a ele para acudi-lo.

— Eu já estava cego, mas não aceitava.

Apesar de relutar muito, havia chegado a hora de assumir a cegueira e passou a utilizar a bengala para se locomover pelas ruas.

— De certa forma eu tive que aceitar, estava cego, não via nada.

Até a forma de caminhar mudou para ele. Se antes podia andar pelo meio das ruas, atravessá-las sem ajuda, a partir daquele momento, a bengala passou a ser o seu guia, a melhor forma de se orientar, procurando andar sempre pelos canteiros e assim não correr o risco de se acidentar.

Foi um período muito conturbado. Ele resolveu parar novamente de estudar e, aproveitando que a família havia voltado para o interior, decidiu seguir junto. Parecia que a vida havia acabado para o garoto que amava jogar futebol, e ele ainda ficou por lá durante seis meses.

Tudo mudou quando, mais uma vez, seu irmão, que havia continuado nos estudos, o aconselhou a voltar a estudar e frequentar o Instituto dos Cegos. “Você pode e vai crescer na vida, você vai ter oportunidade, onde você está não tem como estudar, não tem escola para pessoas como a gente”, disse o irmão a Marquinhos, que guardou cada palavra dita em sua mente e decidiu voltar para João Pessoa, aos 13 anos, para seguir a vida e conquistar o espaço que ele desejasse.

Voltou aos estudos e para o que mais gostava: jogar bola. Apesar da pouca idade, treinava com os adultos. O talento para o futebol de 5 era visível, tanto que já jogava como titular na equipe adulta e se tornou campeão brasileiro pela equipe do Instituto dos Cegos. Não era só o primeiro título que Marquinhos conquistava, era também a sua primeira convocação para a seleção brasileira de futebol de 5 que iria disputar o Mundial. Ele nem acreditava que o seu sonho estava começando a se realizar.

Com apenas 16 anos, ele estava representando o Brasil no Campeonato Mundial de futebol de 5, em Paulínea no estado de São Paulo, em 1998. Foi o primeiro título mundial dele. No segundo Mundial, no Rio de Janeiro, em 2002, acabou ficando na terceira colocação, e a grande campeã foi a equipe da Argentina. Nesse período, a rivalidade no futebol de campo, entre os dois países, transferiu-se também para o futebol de 5.

Em 2003, o Brasil deu o troco ao vencer a Copa América na Colômbia, derrotando os argentinos. Essa competição era importante porque valia a classificação para as Paralimpíadas de Atenas, em 2004. Era a estreia da modalidade nos jogos. Os argentinos estariam lá também.

Foram mais de trinta jogadores convocados, mas apenas dez iriam. Marquinhos estava entre eles. Foi uma das maiores experiências da sua vida. Além de ser uma competição importante, ele pôde conviver com muitas pessoas que tinham diversos tipos de deficiência, durante quase um mês.

Apesar de reclamar da vida por achar que era difícil viver sem enxergar, ele acabou mudando de opinião ao conhecer um japonês que não tinha pernas, não tinha braços e andava em uma cadeira de rodas, era bem-humorado, servia-se do seu jeito para poder comer e estava feliz competindo.

Ele aprendeu, aos 22 anos, que a força de vontade para vencer depende da gente mesmo, independente das dificuldades que a vida nos dá. “Conheço tantas pessoas que enxergam, têm braço, têm perna e reclamam da vida. Eu agradeço a Deus pela minha, pois as dificuldades a gente vence, só depende da gente”, filosofou.

Nas Paralimpíadas de Atenas, Brasil e Argentina disputaram a medalha de ouro. O jogo foi violento e bastante acirrado, terminando empatado no tempo regulamentar, mesmo com o Brasil atacando direto. A partida acabou indo para a prorrogação e, como também terminou empatada, foi para as disputas de pênaltis.

A disputa era de três pênaltis e, se continuasse empate, haveria cobranças de forma alternada até sair um vencedor. O Brasil acabou vencendo e ganhando a primeira medalha de ouro no futebol de 5.

Quatro anos depois, Marquinhos foi convocado, mais uma vez, para disputar as Paralimpíadas em Pequim, na China, uma competição que o marcaria para sempre nos jogos. Dessa vez, a China, de forma surpreendente, surgiu muito forte nos jogos, com jogadores habilidosos e rápidos, pegando muitos times de

surpresa, entretanto havia algo que o Brasil tinha e eles não: a experiência de uma final.

Na grande final, contra os próprios chineses, o Brasil começou perdendo o jogo por 1 a 0 e, mesmo com a torcida contra, conseguiu empatar. A chance que a equipe brasileira teve para virar o jogo, com um pênalti, foi desperdiçada. Nessa partida, Marquinhos estava no banco, não havia entrado em nenhum momento.

Foi quando, faltando 27 segundos para o término do jogo, o Brasil sofreu falta e tinha a chance do tiro livre. O técnico da equipe brasileira chamou Marquinhos para bater a falta, mas ele nem estava aquecido, titubeou na hora, mas ouviu a seguinte frase do treinador:

— Você quer entrar para a história?

Ele se levantou e foi em direção à cobrança, caminhando e lembrando tudo o que vivera até ali.

— Passa um filme na cabeça da gente.

Ele não sabia como tinha surgido a falta, como tinha acontecido o lance. Tinha apenas a convicção de que, mesmo se não fizesse o gol, a partida iria para a prorrogação.

Ouviu a instrução do guia que fica atrás da trave. O goleiro era alto e ele precisava chutar rasteiro para dificultar para o arqueiro. Sendo que o chute por baixo não era o seu preferido, mas, mesmo assim, obedeceu à instrução e bateu rasteiro, convertendo o gol e virando o jogo para o Brasil.

Foram necessários apenas de cinco ou dez segundos em quadra para que Marquinhos e a seleção brasileira ganhassem a segunda medalha de ouro nas parolimpíadas.

Em 2012, nas Parolimpíadas de Londres, mais uma vez, Marquinhos estava convocado. Brasil e França fizeram a grande final.

Apesar de a equipe francesa ser um adversário difícil, pois tinha um futebol mais organizado em campo, o Brasil conseguiu fazer um gol, logo no início da partida, sendo o segundo na etapa final. A seleção brasileira venceu por 2 a 0. Era

o tricampeonato paralímpico do Brasil e a terceira medalha de ouro de Marquinhos.

Desde 1998, ele servia a seleção brasileira, ficando de fora em pouquíssimos campeonatos, tornando-se um colecionador de títulos. Além do tricampeonato paralímpico em Atenas (2004), em Pequim (2008) e em Londres (2012), Marquinhos foi também tricampeão mundial, no Brasil (1998), na Inglaterra (2010) e no Japão (2014). Somando-se a esses títulos, ainda tem o tricampeonato parapan-americano, no Brasil (2007), no México (2011) e no Canadá (2015).

Mas havia uma medalha que ele gostaria muito de receber; e passou quatro anos se preparando para isso: o ouro das Paralimpíadas em casa!

Mesmo com muito treino e experiência, Marquinhos não foi convocado para participar dos jogos. Ficou triste e abatido, pois seria uma oportunidade única em participar de uma competição tão importante no seu próprio país.

O corte da seleção quebraria sua sequência de participação no maior evento esportivo de pessoas com deficiência do mundo. Apesar de toda a decepção, ele continuou treinando, pois, no fundo do coração, acreditava que ainda poderia estar lá. Mesmo longe da equipe principal, ele sentia que precisava estar 100% preparado. “Independente do que tinha acontecido, jamais tirei o mérito de cada atleta que estava treinando na seleção”, disse Marquinhos conformado, na época, com a situação, e acreditando que, se não teve a oportunidade, era porque os outros, naquele momento, estavam melhor preparados do que ele.

Faltavam 15 dias para começar os jogos, Marquinhos estava em casa, quando o telefone tocou. Era o treinador da seleção brasileira:

— Você está preparado? Biu se lesionou e, infelizmente, não vai poder participar mais dos jogos. Escolhemos você.

Biu é também paraibano e, também, amigo de Marquinhos. Ele sabia que não era a forma ideal de ser chamado para os jogos, mas são situações que ocorrem de forma rotineira tanto no esporte olímpico como no paralímpico. Ficou triste

pelo amigo, mas feliz por mais uma convocação e a oportunidade de representar o país em mais uma paralimpíada.

Marquinhos entrou em campo algumas vezes durante as partidas, não marcou gol, mas recorda que, durante a competição, ficou impressionado com a torcida brasileira que obedecia a lei do silêncio enquanto aconteciam os jogos e vibrava muito na hora do gol.

Na grande final, o Brasil venceu o Irã por 1 a 0 e foi uma das maiores emoções sentidas por Marquinhos durante toda a sua trajetória como jogador: ganhar mais um ouro em uma paralimpíada e, principalmente, por ser em seu próprio país. Um trabalho de 20 anos sendo recompensado com a torcida apoiando muito e querendo tirar fotos com todos os jogadores. “A torcida vibrou na hora que tinha que vibrar e ajudou a gente na hora que tinha que ajudar”, emocionou-se Marquinhos.

Ele estava fazendo história. O único tetracampeão paralímpico no mundo na modalidade de futebol de 5.

Após falar sobre os jogos no Rio, ele baixou a cabeça, seus dedos começaram a balançar e bater na bengala que segurava enquanto conversávamos. Parecia que queria me dizer algo importante.

— Olha, essas medalhas são importantes sim, mas, para mim, o melhor foi ter acontecido as paralimpíadas no Brasil; foi saber que mais de 2 milhões de ingressos foram vendidos; foi saber que no Parque Olímpico teve um dia em que passaram mais de 170 mil pessoas; foi saber que as pessoas conheceram os atletas com deficiência que treinam duro para representar o país; foi entrar a discussão sobre as pessoas com deficiência e a inclusão social. Isso para mim é que foi ouro!

Quando não está viajando para competir ou treinando, Marquinhos gosta de curtir a família. Ele é casado com a artesã Gabriela, e o filho se chama Daniel, que, inclusive, já fez exames para descobrir se teria também problema de glaucoma, já que a doença é congênita e hereditária, mas todos eles deram negativos.

— Pensei até que nem seria pai, conseguimos depois de 10 anos casados.

Uma das diversões de Marquinhos é brincar com o filho; gostam de jogar bola. O que ainda deixa o pai de Daniel chateado é a ignorância e falta de conhecimento da sociedade em relação às pessoas com deficiência. Uma boa parte não acredita que eles podem realizar muitas atividades.

— Quase sempre temos que provar que podemos!

Certa vez, ele estava em uma escola de ensino médio, quando um grupo de garotos começou a conversar com ele e perguntaram o que ele fazia. Ele contou que jogava futebol de 5, que era campeão mundial e paralímpico, mas eles só acreditaram quando Marquinhos mostrou o álbum que guarda com as reportagens sobre ele e o esporte.

— E você sabe ler? Perguntou um garoto.

— Sei sim!

Nesse dia, ele estava com um livro em *braille*.

— Pelos buracos do papel?

— Sim!

Respondeu para o espanto das crianças que lá estavam.

Na cidade onde nasceu também não é diferente. Só acreditaram que aquele torcedor estava jogando futebol quando o viram na TV.

— Aquele é Marquinhos?

— E não é? Aquele coitadinho que vivia aqui e agora anda pelo mundo.

— Vixe! É um danado “mermo”.

Viver e passar por diversas situações de preconceito e dificuldades na vida fazem Marquinhos acreditar que é sim, um vencedor, embora, para isso acontecer e superar os obstáculos, tenha sido necessário primeiro aceitar a sua condição e, depois, habituar-se com as limitações, que para ele são poucas:

— Tudo o que eu quero, vou lá e faço.

E faz mesmo.

Um garoto atrevido



Foto:Divulgação/Comitê Paralímpico Brasileiro

José Roberto

Goalball

Em um restaurante qualquer, chega Zé Roberto, cego desde que nasceu, e eu.

— Boa noite, senhores! Bem-vindos!

— Obrigado!

— Aqui está o seu cardápio, senhor.

Apenas eu recebo. O garçom percebe que José Roberto não enxerga.

— O senhor deseja comer o quê? Pergunta para mim.

— Filé com fritas!

— E ele vai comer o quê?

Fala o garçom se dirigindo a mim novamente.

— Diga a ele que vou querer uma feijoada, mas eu quero que você diga, fala Zé Roberto, pegando o garçom de surpresa.

Esse diálogo, criado pela imaginação, não aconteceu comigo, mas diversas vezes, na vida real, com Zé Roberto. Ele dá risada ao contar o episódio e fala:

— O problema não é só o preconceito, mas também a falta de informação das pessoas.

Zé Roberto é natural de Lagoa Seca, cidade próxima a Campina Grande, onde morou até os oito anos de idade.

O seu avô materno tinha retinose pigmentar congênita, problema que afeta a visão. A enfermidade atingiu Zé Roberto e suas duas irmãs. Os outros quatro irmãos não foram afetados pela doença.

Esse tipo de enfermidade possui vários níveis, mas em todos, a perda da visão ocorre aos poucos. No início, conseguia perceber vultos e luz, mas sem definir forma. Hoje, Zé Roberto não possui nem 5% da visão. Na verdade, não chega nem a 1% na atualidade: “Se eu tivesse cinco por cento, já era uma boa. Tenho zero e alguma coisa” diz Zé Roberto, que já nasceu enxergando assim.

Apesar da limitação, Zé Roberto não deixou de curtir a infância. Morava num sítio na zona rural, gostava muito de correr e, sem medo, entrava no meio da mata e disparava pela estrada. Conhecia cada lugar da região, apesar de algumas

vezes bater a cabeça em alguma árvore. Quando isso acontecia, era como se o cérebro registrasse e mapeasse por onde poderia andar.

Sempre procurou se enturmar com as crianças da sua idade. Se o chamassem de cego, “eu quebrava o pau”, diz ele sorrindo. Brincava de pega-pega e, às vezes, pulava a calçada e passava voando pela porta de casa, causando espanto nas pessoas: “Como é que ele faz isso se é cego?”, questionavam alguns. “Tinha tudo calculado na minha cabeça. Corria atrás dos meus irmãos, amigos e primos. Subia até em árvore”, fala um atrevido Zé Roberto, como ele mesmo se autodenomina.

O atrevimento de Zé Roberto não parava por aí. À medida que crescia, buscava outras coisas para fazer que causavam espanto às pessoas. Passou a andar de bicicleta por onde morava. Orientava-se pelas cercas nas estradas. Ao pedalar, percebia a cerca, por conta do som que originava quando a bicicleta passava; e era assim que se guiava.

Como a sua retinose não é visualmente perceptível pelas pessoas, alguns que não o conheciam cruzavam com ele de bicicleta e achavam que ele estava enxergando tudo; só que não.

Uma vez, José Roberto estava pedalando, voltando do sítio do seu tio para o sítio do seu pai e a bicicleta estava sem freio.

Para chegar em casa, tinha que descer uma ladeira íngreme e, no meio dela, entraria à direita. Como a bicicleta estava sem freio, calculou errado e seguiu descendo a ladeira e, por ter uma audição aguçada, percebeu vozes se aproximando e em seguida ecoando um grito:

— Tá cego, é?

— Tô nããão!! Eu sou ceeeeegooo!

— Oxe! É doido, é?

Não dava mais nem tempo para responder. Ele já estava bem à frente, pois a velocidade era tanta que ele percebia o barulho do vento. Além disso, sentia a

bicicleta pular de um buraco para outro e orava para que não viesse nenhum carro nesse momento.

Passou a ladeira inteira tentando se equilibrar e só parou quando terminou a descida e a bicicleta foi diminuindo a velocidade aos poucos. Algumas pessoas correram atrás dele para socorrer caso caísse. “Mas escapei e gravo isso até hoje na minha memória”, relembrou Zé Roberto, que chegava a pedalar até 20 km em um dia.

Apenas um fato o deixava apreensivo: barulho de carro. Quando isso acontecia, parava e esperava o veículo passar. Às vezes se perdia, mas já mapeava no seu GPS interno e não errava mais. Para retomar o caminho, esperava sempre escutar a voz de alguém e perguntava onde ficava o sítio de Seu Antônio Ferreira, seu pai, e pronto, já se localizava. “Como estava de bicicleta, eu não fazia muito esforço. Pior seria se estivesse andando”, fala de forma bem-humorada.

Zé Roberto começou a estudar aos 4 anos no Instituto dos Cegos de Campina Grande, onde ficou até os 7. Chorava muito e não se adaptava e, por essa razão, ficou longe dos estudos por um ano. Além disso, o Instituto passou por uma crise financeira e, quando ele decidiu voltar a estudar, aos 8 anos, teve que ir para o Instituto dos Cegos de João Pessoa, onde ficou em sistema de internato

Ele ficava de cinco a seis meses no Instituto, voltava para sua casa apenas durante as férias. Foi lá que aprendeu o *braille*. O seu dia era dividido entre as atividades pedagógicas e a educação física. Praticava futebol, natação e atletismo e acabou conhecendo o *goalball* aos 13 anos de idade. O Instituto também tinha outras atividades, como estudar na biblioteca e as brincadeiras com as crianças.

O quarto onde dormia era, na verdade, um salão grande dividido em duas partes por uma parede: uma parte para as crianças e outra para os adolescentes. Geralmente eram 10 camas de cada lado. Após completar 12 ou 13 anos de idade, o interno saía da ala infantil e ficava com os adolescentes.

Apesar da saudade dos pais, ele concluiu o segundo grau, em 2000, e, no ano seguinte, estava cursando História na Universidade Federal da Paraíba. Nessa

época, morava no bairro dos Bancários, em João Pessoa, com os seus tios, tendo terminado os estudos em 2006.

A vida de atleta de *goalball* começou aos 13 anos de idade e os jogos eram em uma quadra adaptada para a modalidade, incluindo a bola. Com o tempo, o Instituto dos Cegos de João Pessoa adquiriu bolas oficiais, que pesam pouco mais de 1 kg e internamente possuem guizos para que, através da audição, o atleta possa perceber o caminho que a bola percorre quando lançada pelo adversário.

Nessa época, Zé Roberto competia tanto pelo *goalball* como também pelo futebol de 5. E assim foi durante um bom tempo: ele se revezava na prática dos dois esportes. Após alguns anos, as competições começaram a ficar mais disputadas e ele ainda se dividia entre as duas modalidades. Mal chegava de uma competição do futebol de 5, já viajava para outra de *goalball*. Com o tempo, tanto ele como os técnicos foram percebendo que isso não dava certo e acabava afetando o seu desempenho. Optou pelo *goalball*. Ele até brinca, dizendo que decidiu pelo *goalball*, pois, no futebol de 5, não tinha muito espaço em uma equipe com Marquinhos, Damião, Biu, entre outros que participavam da seleção brasileira.

O ano de 2009 trouxe grandes mudanças na vida de José Roberto, após essa decisão. Primeiro, foi o título brasileiro no mesmo ano e, depois, a convocação para a seleção brasileira da modalidade com o objetivo de participar do Campeonato Parapan-Americano em Guadalajara, no México.

A competição no México é considerada um dos seus momentos mais marcantes. Primeiro, porque o Brasil não tinha destaque ainda na modalidade; depois, porque uma medalha de ouro levaria o país para as Paralimpíadas de Londres.

Depois de se classificar na fase de grupos para as semifinais, a equipe enfrentou os donos da casa: o México. “Fomos com a faca nos dentes”, lembrou Zé Roberto. Ganharam por 10 gols de diferença. Tudo seria decidido contra a equipe dos Estados Unidos.

Na fase de grupos, o Brasil já havia ganhado da seleção americana. Mas, final é final. “Foi emocionante demais porque foi minha primeira decisão pelo Brasil”, disse e, ao mesmo tempo, fez uma pausa. Parecia degustar mais uma vez aquela lembrança. Ele não viu, mas sentiu, imaginou, viveu e fez parte daquele jogo.

Naquele momento, ele nem imaginava que a vitória iria representar também uma bolsa-atleta que o ajudaria e muito no seu sustento como atleta, além de um patrocínio da Caixa Econômica Federal.

— Era tudo ou nada!

A principal característica da equipe era a união, relembra. Estavam juntos tanto nos momentos felizes como nas derrotas e tristezas. Eram nove jogadores disputando três vagas como titular. “Mas parecíamos apenas três, juntos e unidos por um objetivo”, ele falou mais uma vez, como que ratificando o segredo da equipe.

O jogo começou tenso, porém em oito minutos os brasileiros fizeram 2 a 0. Porém, a seleção americana empatou antes do final do primeiro tempo. Após o intervalo, a seleção brasileira fez 3 a 2, mas novamente veio o empate. O Brasil fez 4 a 3. O jogo estava realmente muito apertado. Bolas nas traves dos dois lados. Mas, faltando quatro minutos para o final da partida, a equipe brasileira fez 5 a 3. Os americanos ainda diminuíram a diferença, mas não deu mais tempo. O Brasil se classificara para as Paralimpíadas de Londres de 2012 e conquistara o título Parapan-americano da modalidade.

A partir dessa conquista, o Brasil entrava de vez como uma grande potência no *goalball*. Nas Paralimpíadas de Londres, em 2012, a equipe brasileira disputou a medalha de ouro contra a equipe da Finlândia. O melhor resultado do Brasil, até então, havia sido um décimo primeiro lugar nos jogos de Pequim, em 2008.

Para o jogo decisivo, os atletas raspavam a cabeça em comemoração à inédita final. Estavam relaxados para disputar a medalha de ouro. “Acho que já estávamos conformados em ganhar, no mínimo, a prata”, lamentou Zé Roberto,

acrescentando: “A gente não podia fazer isso, tínhamos que brigar pelo ouro”. A consequência foi uma derrota por 8 a 1.

Dois anos depois, aconteceria o Mundial da modalidade na Finlândia. A equipe já havia aprendido a lição em Londres. Dessa vez, foi com mais garra para conquistar o campeonato e assim conseguiram. A diferença já pôde ser percebida na própria semifinal, quando venceram a equipe da Lituânia de goleada.

Diferentemente de Londres, a equipe brasileira entrou focada e venceu a Finlândia na final por 9 a 1. “Se compararmos com as Paralimpíadas, ainda ficamos com um gol de saldo”, brincou Zé Roberto, referindo-se à derrota para os finlandeses na terra da rainha.

A equipe começava a ganhar força após o título mundial e chegou ao Parapan-Americano de Toronto, em 2015, como favorita, o que acabou se confirmando, pois venceu os Estados Unidos por 10 a 4 na final.

O foco agora era o ouro nas Paralimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016.

O Brasil chegou como favorito por conta dos títulos conquistados e também porque teria o apoio da torcida durante os jogos. Fez uma bela campanha durante a fase de grupos, não perdendo nenhum jogo. Voltou a enfrentar os Estados Unidos nas semifinais, equipe que já havia vencido no Parapan-Americano de Guadalajara, em 2011, no Mundial da Finlândia, em 2014, e no Parapan-Americano de Toronto, em 2015.

O que seria um jogo tranquilo acabou se tornando um pesadelo para a equipe brasileira, que chegou a cometer nove penalidades durante a partida e perdeu pelo placar de 10 a 1. O time saiu cabisbaixo. Havia perdido a chance de disputar o ouro. Ainda restava a disputa pela medalha de bronze contra a Suécia. Era tudo ou nada e queriam sair com uma medalha nos jogos.

O ginásio estava lotado, doze mil pessoas gritavam pelo Brasil. As vozes dos torcedores, aos poucos, foram diminuindo e se calando. A Suécia entrou de forma avassaladora e, após o primeiro tempo, vencia pelo placar de 4 a 0. “A gente não saía do lugar, não conseguia nada”, relembra Zé Roberto.

Durante o intervalo, o time voltou com outra postura, mas a torcida ainda permanecia calada. Parecia não mais acreditar na reação do trio brasileiro. Porém a equipe acabou encontrando força para marcar o primeiro gol, o segundo e o terceiro. Nesse momento, a arquibancada se agitava e os torcedores começaram a gritar:

— Eu acreditooo! Eu acreditooo!

Doze mil vozes, de forma uníssona, empurrando a equipe. “Foi de arrepiar”, disse Zé Roberto com uma fisionomia que parecia estar relembrando aquele momento. O impulso gerado pela torcida resultou em garra para a equipe e, faltando um minuto apenas para o término do jogo, o Brasil acabou empatando, gerando gritos ensurdecedores da torcida. O que era praticamente impossível estava se tornando realidade.

Faltando 37 segundos para o término do jogo, os suecos marcaram mais um gol, deixando o placar em 5 a 4. Se foi uma decepção para os torcedores naquele momento, para José Roberto foi diferente. Apesar de não acreditar no que tinha acontecido, ele pensou:

— Tenho 37 segundos de esperança e não vou desistir.

O técnico brasileiro pediu tempo e mandou o ala Leomon jogar a bola que sairia em diagonal da ala direita para a esquerda. A solicitação deu certo, e o Brasil conseguiu empatar o jogo. A partida iria ser decidida na prorrogação. Quem fizesse o gol primeiro levaria a medalha. Começou bem disputado, mas o Brasil conseguiu fazer o último gol, levando a torcida ao delírio. Uma gritaria de 12 mil pessoas. “Parecia que a gente havia ganhado o ouro tamanha era a festa na Arena do Futuro”, falou alegremente Zé Roberto.

— Um dia que nunca vou esquecer.

Houve um outro episódio, que ele também não esqueceu e deixou marcas profundas em sua vida. Mesmo com tantas medalhas, títulos e conquistas internacionais, sofreu com o preconceito, mas dessa vez, com uma pessoa na área

de educação. Não consegue entender como educadores possam agir preconceituosamente.

Tudo começou quando José Roberto passou no concurso da Secretaria de Educação do Município de João Pessoa para o cargo de professor de História. Assim que saiu a convocação, ele apressou-se para se apresentar à escola para a qual a Prefeitura o havia designado. Entretanto, foi surpreendido com uma declaração da diretora dizendo que havia falado com o pessoal da Secretaria de Educação e que não teria como aceitá-lo, tendo em vista a sua deficiência visual. Sugeriu que ele fosse para um colégio próximo do Instituto dos Cegos, pois lá já trabalhavam com pessoas com deficiência visual. “Mas a senhora não está entendendo. Eu não preciso ser trabalhado. Já sou professor e estou aqui para trabalhar”, respondeu Zé Roberto.

A diretora manteve sua posição, disse que não teria problema, ele poderia ficar em casa.

— Qualquer coisa eu ligo para você vir assinar o ponto.

Ela não acreditava na capacidade intelectual e produtiva dele e, provavelmente, achava que, em vez de praticar o ensinamento diário como todo professor, ele traria problemas para a escola.

Foram momentos difíceis para José Roberto, que voltou frustrado para casa e ficou pensativo, sem saber o que deveria dizer ou fazer. Não fora a recepção que ele imaginara que fosse receber no seu local de trabalho. Conquistou o posto, após um concurso público, no qual concorreram diversos candidatos e, além do mais, teve um grande esforço durante meses se dedicando aos estudos antes da aplicação das provas.

Ficou alguns dias em casa, aflito e preocupado com a situação. “Eu queria trabalhar e não sabia o que fazer para resolver o problema. Além disso, não estava certo, não era ético. Eu preferiria trabalhar 12 horas por dia do que viver esse tipo de situação”, lembrou.

Dias depois, a Secretaria do Município questionou a diretora se o novo professor estava frequentando as aulas e alertou que, em breve, poderia fazer uma visita para verificar *in loco* a atuação dele. Após a resposta positiva, que ele estava dando aula e percebendo o problema que uma visita poderia ocasionar, imediatamente, a diretora ligou para José Roberto.

— Professor, bom dia! O Senhor não apareceu mais na escola. A gente está com saudade.

— Bom dia.

— O Senhor não vem dar aula não?

— Oxe, a Senhora mesma não disse para eu não ir?

— Não, não, pode vir.

— Ok! Eu vou sim.

José Roberto desligou aliviado, pois estava angustiado com a possibilidade de se sentir inútil e correu para a escola. Imediatamente, foi colocado em sala de aula.

Com o tempo, Zé Roberto mostrou a sua competência na escola, provou que poderia, sim, ser professor e multiplicar conhecimentos, ganhando a confiança da própria diretora, após os elogios dos alunos e dos colegas de trabalho.

Quando parecia que tudo estava resolvido, surgiu a convocação para a seleção brasileira de *goalball*. A diretora não liberou o atleta para representar o Brasil, informando que receberia falta.

— Mas a lei me permite, disse Zé Roberto.

— Lei de professor é dar aula, respondeu a diretora.

Ele sabia que a lei estava do seu lado, pois, como funcionário público, ele tem o direito de ser liberado quando recebe uma convocação para servir à seleção do país. Resolveu viajar, e, quando voltou, estava com faltas e sem salário. A sua vontade era resolver judicialmente o problema, mas preferiu tomar outra atitude para não ocupar a justiça.

— Me arrependi, às vezes, a gente precisa combater o preconceito, confidenciou Zé Roberto.

Sua atitude diplomática acabou surtindo efeito: foram retiradas as faltas e ele recebeu o salário normalmente, com direito a um pedido de desculpas da Secretaria de Educação do Município.

Logo após esse episódio, conseguiu transferência para a escola General Rodrigo Otávio, que fica próxima ao Instituto dos Cegos de João Pessoa, onde dá aulas atualmente. Ensina História Antiga e Contemporânea do sexto ao nono ano do ensino fundamental.

As relações com os alunos vão da estranheza deles no início até a aceitação em seguida, pois ele procura mostrar que a sua falta de visão não atrapalha de forma alguma o seu trabalho como professor. Os alunos o ajudam também, sempre tem alguém disponível para escrever no quadro.

Ele faz dinâmica em sala de aula, vendando os olhos de alguns e testando para que, através do som da voz, possam reconhecer os amigos. “Estão vendo? É assim que reconhecerei cada um de vocês”, conclui ao final da atividade.

Para corrigir as provas e os trabalhos feitos em sala de aula, a escola disponibiliza um auxiliar.

Zé Roberto é casado com Daiane da Costa, com quem tem duas filhas; a mais nova, Ariadne, nasceu em junho de 2017.

Ele conheceu a esposa na FUNAD (Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência), em João Pessoa. Ela enxergava, mas, por conta de uma retinopatia diabética, perdeu a visão e começou a frequentar o local para a sua reabilitação.

Um dia, a irmã de Daiane, Sheylla, levou-a para a aula na FUNAD, e, numa conversa com uma funcionária da fundação, Jovania Freires, comentou que Daiane estava muito triste e abatida com a situação e que, se arrumasse um namorado, sua vida poderia melhorar.

— Já sei quem, animou-se Jovania, pensando na hora em Zé Roberto.

Sem perder tempo, ainda falou das qualidades do colega de trabalho:

— É professor de história, atleta de *goalball*, revisor *braille* e ainda toca violão.

— E minha irmã canta, complementou animadamente Sheylla.

Parecia que o destino dos dois iriam se cruzar.

A partir daquele dia, as colegas de trabalho brincavam com ele dizendo que ele deveria namorá-la. Ele recorda rindo da forma como sua chefe falava na época: “Zé, arrumei uma namorada para você!”. Ele respondia: “Deixa de conversa, Jovania, nem conheço a menina”. Nessa hora ele deu uma gargalhada.

Durante muito tempo, ficou essa brincadeira no local de trabalho, tanto de um lado, como de outro, mas nunca eles se encontravam. Até que um dia, houve uma festa de confraternização no final de 2010. “Zé, leve o violão, que eu vou convidar Daiane para a festinha da gente hoje”, disse Jovania.

Quando estavam todos reunidos no evento, José Roberto começou a se ajeitar para tocar o violão e sem titubear falou:

— Olha, gente, é melhor eu sentar perto da cantora, que fica mais fácil para mim, arrancando risadas de quem se encontrava na hora.

A voz de Daiane encantou José Roberto e seu coração foi tocado. Pouco tempo depois, optou por cantar e tocar uma música: “Garotos”, de Leoni.

— Ele cantou essa música umas 50 vezes nesse dia, disse Daiane, relembrando o encontro.

Não vou mentir que, ao chegar em casa, corri para o computador para escutar a música. Sugiro ao leitor fazer o mesmo, é muito bonita.

Começaram a namorar seis meses depois e estão casados há sete anos. Daiane estuda Serviço Social na UFPB (Universidade Federal da Paraíba) e está perto de concluir o curso.

A filha mais velha do casal se chama Amaíne e está com quatro anos de idade. Apesar da pouca idade, a filha já percebe que tanto Zé Roberto como Daiane não enxergam. Ela não expressa de forma oral, mas através de atitudes.

Exemplo disso é quando o pai está procurando alguma coisa pela casa. Ela percebe, pega na mão dele e o encaminha até o local.

Uma vez José Roberto estava na cozinha lavando os pratos quando caiu no chão um garfo. Amaíne estava brincando na sala, mas ouviu o barulho. Imediatamente, correu onde seu pai estava, apanhou o garfo no chão, pegou na mão dele, entregou sem falar nada e, em seguida, voltou a brincar. Ele agradeceu. Parece que ela realmente já entende o que acontece e fica atenta para poder ajudar os pais na hora em que eles precisarem.

Outra vez, Zé Roberto perguntou para a esposa onde estavam seus chinelos. Ouviu os passinhos dela indo procurar, achar e jogar aos pés dele dizendo:

— Estão aqui papai.

Um anjinho que chegou na vida dos dois, pensei.

Após ouvir as histórias da família, encerrei a nossa conversa e agradei.

Ao descer do apartamento, fui indagado pelo porteiro do prédio, perguntando pelo Botafogo da Paraíba.

— Deve ser campeão paraibano, mas eu estava aqui para visitar o campeão mundial, parapan-americano e bronze nas Paralimpíadas no Rio.

— O cego?

— Ele mesmo!

— Caramba, não sabia que ele é tão importante.

— É sim, e muito!

— Poxa!

Deixei-o reflexivo.

FIM

A Chegada

Vivi intensamente cada momento dessa jornada e procurei transcrever textualmente o que cada um desses atletas contaram para mim. Demos risadas, permanecemos em silêncio, vi os olhos deles se encherem de lágrimas; observava atentamente cada detalhe relatado, cada palavra dita. Sabia da responsabilidade e do desafio que resolvi encarar.

Foi um dos maiores aprendizados da minha vida. É difícil compreender profundamente o preconceito quando a pessoa não sente na própria pele. Ouvir as situações preconceituosas vividas pelos atletas descritos, deu-me força para me dedicar cada vez mais ao livro. Torço para que cada um que tenha lido as cinco histórias, contribua no debate e discussões relativas às pessoas com deficiência.

Que não os olhemos como “coitadinhos”, mas que os vejamos como pessoas que podem contribuir e muito para a sociedade. Falta apenas o respeito e a oportunidade.

Pude perceber a importância do esporte como fator de inclusão social, o que faria surgir mais atletas com deficiência no cenário esportivo, além esperar que os exemplos mostrados possam estimular as pessoas com deficiência à prática das atividades físicas.

Meu obrigado de coração à professora Joana Belarmino, que dividiu comigo as angústias, incertezas, inseguranças, mas que sempre esteve ao meu lado, estimulando, dando forças e acreditando que tudo daria certo.

E meu agradecimento e desejo de muito sucesso para Cícero, Damião, Zé Roberto, Marquinhos e Petrócio. Vocês são vencedores em todos os sentidos. Levarei na alma a vivência que tive com cada um de vocês.

Enfim, Mestre em Jornalismo pela UFPB.